

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA

Espaços Livres Urbanos: Praças Públicas Centrais de Maringá

Leticia Weiller Daniel

São Carlos

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA

Espaços Livres Urbanos: Praças Públicas Centrais de Maringá

Leticia Weiller Daniel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Antonio N. Falcoski

São Carlos

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D184eL

Daniel, Letícia Weiller.

Espaços livres urbanos : praças públicas centrais de
Maringá / Letícia Weiller Daniel. -- São Carlos : UFSCar,
2011.

166 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2010.

1. Engenharia urbana. 2. Clima urbano. 3. Percepção. 4.
Políticas públicas. 5. Urbanização. I. Título.

CDD: 711 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana
C. P. 676 – 13.560-970 – São Carlos – SP
Fone/FAX: (16) 3351-8295
e-mail: ppgeu@ufscar.br
home-page: www.ufscar.br/~ppgeu



FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA WEILLER DANIEL

Dissertação defendida e aprovada em 29 de outubro 2010
pela Comissão Julgadora

Prof. Dr. Luiz Antonio Nigro Falcoski
Orientador (DECiv/UFSCar)

Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos de Angelis
(PEU/UEM)

Prof. Dr. José Francisco
(DECiv/UFSCar)

Prof. Dr. Ricardo Siloto da Silva
Presidente da OPG-EU

DEDICO ESTE TRABALHO...

A minha mãe Luzia que desde muito cedo, com todo seu amor me ensinou que sonhar é necessário, mas que de nós depende todas as realizações.

Ao meu Pai Ivaldo por todo carinho e apoio sincero a cada momento da minha vida.

Aos meus avós Fidelis (in memoriam) e Luiza que são meus maiores exemplos de amor e cumplicidade .

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que tudo me concedeu e...

À meu querido orientador professor Luiz Falcoski, por sua dedicação, estímulo e confiança.

À minha família: mãe, pai, irmãs que compreenderam que essa minha ausência, mesmo estando presente, foi necessária.

Aos demais professores do PPGEU sem os quais o Programa não teria alcançado o prestígio da CAPES e dos alunos.

A todos os meus colegas do Mestrado, em especial a você Fernanda Rosa por compartilhar momentos de alegria e de apreensão.

E de uma forma especial a todos os professores, colegas de docência, que participaram dessa pesquisa com seus depoimentos, os quais me possibilitaram alcançar os resultados.

Enfim... Agradeço a todos que acreditaram e me apoiaram sempre em cada longa viagem, em cada dia exaustivo de estudo e trabalho, mas principalmente em cada realização.

A sociedade tem necessidade de artistas, da mesma forma que necessita de cientistas, técnicos, trabalhadores, especialistas, testemunhas da fé, professores, pais e mães, que garantam o crescimento da pessoa e o progresso da comunidade, através daquela forma sublime de arte que é a “arte de educar”.

João Paulo II

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar as origens temporais e sócio-culturais das principais praças centrais da cidade de Maringá - PR, considerando a dependência e complementaridade entre os espaços livres públicos e a importância destas para os usuários. Tem por finalidade caracterizar a influência destas praças, sejam elas para convivência, recreação, circulação e encontros, tanto para a cooperação com a melhora na qualidade ambiental quanto para a constante mudança na estrutura morfológica e social que estes espaços produzem na cidade em questão. Para que as praças públicas tenham sua função exercida como espaços urbanos de permanência, é desejável que apresentem qualidade física e ambiental. A crescente especialização do espaço dentro da cidade, o deslocamento das formas de entretenimento para recintos fechados, o crescimento do uso de veículos e as condições da vida urbana atual mostram alterações nas formas de apropriação das praças públicas. Para compreender o funcionamento das praças centrais é necessário estudar a relação entre usos, funções e aspectos físico-ambientais destas com o entorno imediato e seu papel na cidade. Para entender o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais realizamos duas etapas distintas: a revisão de literatura e a pesquisa de campo. Na revisão de literatura, discutimos os seguintes temas: centros urbanos, espaços livres e praças públicas centrais. A pesquisa de campo foi realizada em 5 praças localizadas na de Maringá. A metodologia adotada foi o Estudo de Caso, no qual se utilizaram os seguintes procedimentos: análise documental, observação do desempenho físico-ambiental da praça e do comportamento do usuário, através das técnicas de entrevista e observação *in loco*. A aplicação destes métodos auxiliou no entendimento do fenômeno de apropriação das praças públicas centrais, pois, além de demonstrar a situação atual que as praças se encontram, permitiu identificar a opinião de quem se apropria ou não desses espaços. Assim, a partir da sistematização dos dados obtidos são apresentados parâmetros comuns com base nas análises das situações encontradas que visam uma qualificação das praças e uma maior apropriação por parte dos habitantes de cada cidade onde elas se encontram.

ABSTRACT

This research aims to analyze the origins and socio-cultural characteristics of the main central squares of the Maringá City, considering the dependence and complementarity between public and private spaces and their importance to users. Aims to characterize the influence of these squares, whether for living, recreation, circulation and meetings with "nature", both for cooperation with the improvement in environmental quality and for the constant change in the morphological structure and social spaces that they produce in the downtown. To that the public squares act as urban spaces of permanence, it's desirable that they present physical and ambient quality. The increasing specialization of the space inside of the city, the displacement of the forms of entertainment for closed enclosures, the growth of the use of vehicles and the conditions of the actual urban life show alterations in the forms of appropriation of the public squares. To understand the functioning of the central squares it is necessary to study the relation between uses, functions and physicist-ambient aspects of these with neighborhood and its paper in the city. To understand the phenomenon of appropriation of the central public squares offices we carry through two distinct stages: the revision of literature and the field research. In the literature revision, we argue the following subjects: urban centers, free spaces and central public squares. The field research was carried through in five squares located in the Maringá city. The adopted methodology was the Study of Case, in which they had used the following procedures: documentary analysis, observation of the physicist-ambient performance of the square and the behavior of the user, through the techniques of interview in the place. The application of these methods assisted in the agreement of the phenomenon of appropriation of the central public squares, therefore, beyond demonstrating the current situation that the squares if find, it allowed to identify the opinion of who if it appropriates or not of these spaces. Thus, from the systematization of the gotten dates are presented common parameters with basis of the analyses of the joined situations that aim at a qualification of the squares and a bigger appropriation on the part of the inhabitants of each city where they meet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Detalhe do mapa topográfico com malha urbana	29
Figura 2 - Detalhe do anteprojeto: centro da cidade.....;	30
Figura 3 - Esquema de vias principais e circulação urbana. A ferrovia tracejada, as ruas e avenidas principais em traço cheio.....	34
Figura 4 - Detalhe do anteprojeto: centro secundário.....	34
Figura 5 - Visão geral das 5 praças escolhidas para análise da cidade de Maringá.....	74
Figura 6 - Imagem aérea com a localização da Interventor Manoel Ribas.....	76
Figura 7 - Ocupação do entorno da Praça Manoel Ribas.....	77
Figura 8 - Visão serial do entorno da Praça Manoel Ribas.....	77
Figura 9 - Ficha de Personalidade da Praça Manoel Ribas.....	78
Figura 10 - Imagem aérea com a localização da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	80
Figura 11 - Ocupação do entorno da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	81
Figura 12 - Visão serial do entorno da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	81
Figura 13 - Ficha de Personalidade da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	82
Figura 14 - Imagem aérea com a localização da Praça Raposo Tavares.....	84
Figura 15 - Ocupação do entorno da Praça Raposo Tavares.....	85
Figura 16 - Visão serial do entorno da Praça Raposo Tavares.....	85
Figura 17 - Ficha de Personalidade da Praça Raposo Tavares.....	86
Figura 18 - Imagem aérea com a localização da Praça Renato Celidônio.....	88
Figura 19 - Ocupação do entorno Praça Deputado Dep. Renato Celidônio.....	89
Figura 20 - Visão serial do entorno da Praça Dep. Renato Celidônio.....	89
Figura 21 - Ficha de Personalidade Praça Dep. Renato Celidônio.....	90
Figura 22 - Imagem aérea com a localização da Praça Pedro Álvares Cabral.....	92

Figura 23 - Ocupação do entorno da Praça Pedro Álvares Cabral.....	93
Figura 24 - Visão serial do entorno da Praça Pedro Álvares Cabral.....	93
Figura 25 - Ficha de Personalidade A Praça Pedro Álvares Cabral.....	94
Figura 26 - Ficha documental da Praça Interventor Manoel Ribas.....	111
Figura 27- Ficha documental da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	112
Figura 28 - Ficha documental da Praça Raposo Tavares.....	113
Figura 29 - Ficha documental da Praça Deputado Renato Celidonio.....	114
Figura 30 - Ficha documental da Praça Pedro Álvares Cabral.....	115
Figura 31- Ficha Físico-Ambiental da Praça Interventor Manoel Ribas.....	119
Figura 32 - Ficha Físico-Ambiental da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	120
Figura 33 - Ficha Físico-Ambiental da Praça Raposo Tavares.....	121
Figura 34 - Ficha Físico-Ambiental da Praça Deputado Renato Celidonio.....	122
Figura 35 - Ficha Físico-Ambiental da Praça Pedro Álvares Cabral.....	123
Figura 36 - Ficha do Usuário da Praça Interventor Manoel Ribas.....	135
Figura 37 - Ficha do Usuário da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	136
Figura 38 - Ficha do Usuário da Praça Raposo Tavares.....	137
Figura 39 - Ficha do Usuário da Praça Deputado Renato Celidônio.....	138
Figura 40 - Ficha do Usuário da Praça Pedro Álvares Cabral.....	139

LISTA DE TABELAS

Tabela1-Histórico do Município de Maringá.....	71
Tabela2-Mapa comportamental dos usuários da Praça Manoel Ribas.....	126
Tabela3-Mapa comportamental dos usuários da Praça Napoleão Moreira da Silva.....	127
Tabela4-Mapa comportamental dos usuários da Praça Raposo Tavares.....	128
Tabela5-Mapa comportamental dos usuários da Praça Deputado Renato Celidonio.....	129
Tabela6-Mapa comportamental dos usuários da Praça Pedro Álvares Cabral.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Funções das Praças.....	53
Quadro 2 - Síntese das Praças Públicas Centrais selecionadas para estudo.....	73
Quadro 3 - Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados.....	141

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa e relevância do estudo proposto	17
1.2 Questões levantadas e pressuposto teórico	19
1.3 Objetivos.....	20
1.3.1 Objetivo geral	20
1.3.2 Objetivos específicos	20
Capítulo 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 A Cidade de Maringá - Princípios do processo local de planejamento	22
2.1.1 A proposta de Howard: planejamento urbano e territorial	23
2.1.2 As idéias de Unwin: um tratado sobre o desenho urbano	24
2.1.3 O desenho urbano da cidade de Maringá	26
2.1.4 O tratamento dos espaços públicos: hierarquização e qualificação dos espaços urbanos.	30
2.2 Centros urbanos	34
2.2.1 Valores do centro, um enfoque simbólico	35
2.3 Espaços Livres Públicos.....	37
2.3.1 Do público nos espaços livres.....	39
2.3.2 Espaço, Paisagem e os Espaços Livres Urbanos	41
2.3.3 Espaço, Lugar e os Espaços Livres Urbanos.....	43
2.3.4 Cotidiano e Espaços Livres Urbanos	44
2.3.5 A esfera de vida pública.....	45
2.3.6 Os espaços públicos e os espaços livres, uma abordagem sistêmica	46
2.3.7 Indicadores de qualidade nos espaços livres urbanos	47
2.3.8 Espaço público e cidadania.....	49
2.4 Praças Públicas	50
2.4.1 Definições de Praça	51
2.4.2 Funções.....	52
2.4.3 Atividades nas praças	54

2.4.4 Histórico das Praças no Mundo	55
2.4.5 Praças no Brasil.....	59
2.4.6 Apropriação das praças públicas	64
2.4.7 Morfologia x comportamento: algumas relações	66
Capítulo 3: ESTUDOS DE CASOS	69
3.1 Por que diferentes estudos de casos?	69
3.2 A Cidade de Maringá	70
3.3 As praças selecionadas para análise.....	72
3.3.1 Análise das Praças	75
Capítulo 4: METODOLOGIA DE PESQUISA	95
4.1 Estudo de Caso : Metodologia de pesquisa.....	96
4.1.1 Análise documental	98
4.1.2 Observações	100
4.1.3 Observação e anotação do desempenho físico.....	101
4.1.4 Observação do comportamento dos usuários	103
4.1.5 Entrevista.....	106
Capítulo 5: RESULTADOS	108
5.1 Resultados da Observação do Desempenho Documental	108
5.2 Resultado da Observação do Desempenho Físico-Ambiental.....	115
5.3 Resultado da observação do comportamento dos usuários.....	124
5.4 Resultado da entrevista.....	131
5.5 Discussão dos Métodos e Resultados.....	140
6. CONCLUSÕES	145
6.1 Conceitos de projeto encontrados nas análises simbólica, funcional e ambiental.....	148
6.2 Considerações finais	150
6.3 Sugestões para futuras pesquisas	152
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE.....	163

Capítulo 1: INTRODUÇÃO

A cidade brasileira do século XXI, como as suas semelhanças dos outros séculos, tem uma paisagem que reflete nas suas estruturas morfológicas as estruturas sociais e os conflitos em andamento, devido a um processo econômico que não privilegia qualquer tipo de equidade e no qual as desigualdades têm sido um padrão. Paralelamente, a consolidação do veículo automotor como meio de transporte, seja ele o automóvel individual, o caminhão ou o ônibus, associado a um sistema viário e rodoviário eficiente, permite uma mobilidade de circulação bastante expressiva, favorecendo novos hábitos urbanos, formas de consumo e estratégias de produção do espaço urbano. Em cidades de pequeno e médio porte, os habitantes de um certo nível de renda, podem fazer compras em um centro urbano, estudar em outro, usufruir um parque no meio do campo ou de uma praia distante e ir ao teatro em uma metrópole. Este acontecimento, comum a milhões de pessoas, leva à alteração das demandas locais, alterando em muito o papel e o perfil tradicional de inúmeras cidades do país.

Nas grandes cidades e médias, os deslocamentos ocorrem tanto dentro do seu tecido urbano como por extensas áreas periféricas de influência, sendo comum deslocamentos de horas no trajeto da casa para o trabalho ou para obter serviços, facilidades e lazer e para cumprir as necessidades cotidianas dentro do contexto das regiões urbanizadas. Nesse quadro, observa-se uma alteração das demandas tradicionais de equipamentos e atividades ao ar livre, expressas em novos hábitos e morfologias, que acabam destruindo antigos procedimentos de estruturação e uso dos espaços edificados e livres da cidade. Alterando-se significativamente, à sua vez, a esfera pública cotidiana em relação aos valores e práticas sociais incidentes sobre os espaços livres urbanos. São tempos em que a televisão é o principal ponto e foco de lazer coletivo, e em que a internet ocupa o tempo de ócio de milhões de indivíduos, principalmente, das classes média e alta. O uso do automóvel, mesmo que restrito aos fins de semana é comum até para camadas mais pobres das grandes cidades, alterando hábitos arraigados de uso do espaço livre público.

As demandas de uso são específicas: praças para a convivência, recreação e atividades esportivas; calçadas para o encontro, para o ócio e para a circulação rápida; parques vistos como locais de reencontro com a “natureza”, dentro de uma visão pitoresca e romântica. As estruturas de mobilidade e acessibilidade, particularmente as

ruas das metrópoles e cidades, tornam-se um espaço fundamental para as circulações e trocas, sendo utilizadas freqüentemente pela população para abrigar suas atividades corriqueiras ou ainda para fins de recreação e lazer, propiciando o convívio e integração entre amplos e diversos segmentos sociais.

Perante a este contexto, recorrendo ao significado primitivo da praça, desde muito (ágora e fórum romano), fora concebida como espaço social por excelência, onde comumente desfilava o cotidiano das pessoas. Era local de encontros, de tomadas de decisões de interesse da comunidade, de espetáculos, execuções, ofício religioso, comércio, festas, enfim, a vida da cidade tinha, necessariamente, que passar por ela. Com o advento de formas alternativas de lazer e novos locais para estabelecimento do comércio, associado ao descaso persistente do poder público frente à manutenção das praças, essas passaram a constituir-se em um fragmento a mais dentro da malha urbana (Angelis, 2000).

Na construção do espaço pela sociedade, a praça, como qualquer outro, transmuta-se, submetendo sua geometria, volume e linhas a novas razões de conteúdo - sua função. Embora de existência antiga, as formas de ocupação pelo homem e as ações por ele desenvolvidas nesse espaço são sempre atuais. O uso ou a apropriação dos espaços, na forma mais autêntica, decorre da aspiração da comunidade e obedece às suas necessidades socioculturais (Motta, 1970).

A partir desta realidade e das novas dinâmicas de apropriação e transformação dos espaços públicos torna-se inerente repensar o seu papel nos dias de hoje. Nesse contexto toma vulto a questão do desenho urbano, não sendo mais possível planejar a cidade dissociada da questão social. E ao fazermos menção do desenho urbano, referimo-nos, inclusive, às minúcias dos diversos espaços livres públicos e, em se tratando das praças, isso significa o estudo de seu mobiliário, sua tipologia e sua inserção na malha urbana. O somatório desse conhecimento propicia um diagnóstico preciso sobre esses espaços, ao mesmo tempo em que fornece subsídio na busca de soluções para se fazer frente aos problemas sociais ocorrentes nesses espaços e na cidade como um todo.

Essa pesquisa observa o sistema de espaços livres públicos da cidade de Maringá, na forma de uma tipologia específica; a praça pública central, que segue um modelo projetual padronizado segundo o projeto original elaborado por Jorge Macedo Vieira e destina-se a princípio, hora as articulações e fluxos de trânsito (rotatórias), hora a atender

aos aspectos estéticos, à recreação e lazer de uma camada populacional bem abrangente. Este trabalho tem a intenção de provocar questionamentos sobre a qualidade urbana desses espaços, compreendendo os contextos que lhes dão origem, seu vocabulário gráfico, as apropriações atuais e a vida pública que neles ocorre. Também questiona a sua validade como equipamento de lazer e a sua importância na configuração da paisagem urbana maringense. Através da utilização de métodos que observam as praças como equipamentos de vizinhança e de uma estreita aproximação com os seus frequentadores, procuramos destacar do cotidiano, os valores, desejos e necessidades de quem as utiliza, e a integração entre os espaços e seu entorno.

As praças públicas objeto desta pesquisa, foram projetadas como forma articuladora e centralizadora das funções da zona central da cidade. Elas têm como características mais importantes, além de sua proximidade geográfica, a importância funcional e morfológica, a similaridade de suas articulações dentro da malha viária e a alternância de períodos de uso intensivo com os de grande ociosidade, além de uma oscilante manutenção.

1.1 Justificativa e relevância do estudo proposto

Em algumas praças públicas a estrutura original já não atende de forma satisfatória às necessidades da sociedade atual. O contínuo crescimento das cidades faz com que a demanda por espaços livres públicos aumente e estes assumam vital importância nos meios urbanos. Essa importância fica ainda mais evidenciada, quando se tratam dos centros urbanos, onde a ocupação do solo é caracterizada por maciços edificados de grande altura e malha viária complexa, alojando um grande contingente de usuários.

Ainda assim, algumas praças públicas são subutilizadas indicando a necessidade de revisão destes espaços, para que seja possível atender aos usuários em termos de natureza, espaços livres, equipamentos e segurança, permitindo-lhes as mais variadas sensações, inclusive as de identidade, pertencimento e de liberdade, valores urbanos fundamentais.

Observando-se os processos contemporâneos de urbanização percebe-se que pouco ou nada foi realizado no sentido de oferecer novos espaços públicos bem planejados que atendam com eficiência aos cidadãos, seja pela intervenção direta sobre os espaços existentes, com a revisão dos usos e reforma para atendimento de programas

de necessidades atualizados, seja pela criação de novos espaços acompanhados de estudos de projeção de anos futuros capazes de cumprirem seu papel social.

Segundo Hertzberger (1999), precisamos dar mais ênfase ao tratamento do espaço público para que possa funcionar estimulando a interação social e quanto aos espaços públicos devemos nos perguntar: como funciona, para quem, por quem e para qual objetivo?

Durante a elaboração deste trabalho foram analisadas varias pesquisas sobre praças públicas e a grande maioria trata somente dos aspectos formais, porém, problemas relativos à degradação e à má gestão dos espaços não são explicados apenas pelos aspectos físicos destes, importando também o ponto de vista dos usuários e da cultura local, expressa na ação dos administradores.

Desta maneira é possível compreender as múltiplas e mutantes configurações que surgem na cidade e a relação dos habitantes com seus espaços. Pelas próprias limitações inerentes à pesquisa nos detivemos em estudar a relação entre o comportamento humano e as propriedades das praças públicas centrais, no caso específico, de 5 praças localizadas na região central da cidade de Maringá, cujas particularidades serão consideradas oportunamente.

Portanto esse estudo visa compreender um sistema de objetos e de ações - as praças do núcleo central da cidade - percebido como articulação entre poder público e sociedade, condicionando sua própria existência e perpetuando a forma como ocorrem essas ações (Santos, 2002). Foi analisada uma tipologia freqüente dentro do sistema de espaços livres públicos da nossa realidade urbana atual, com uma análise específica na vivência e experiência cotidiana dos seus usuários. Esse é um estudo sobre espaços livres públicos urbanos, tomando como objeto de estudo as articulações das praças centrais, compreendida como resultado da ação de apropriação e das relações estabelecidas cotidianamente na esfera publica, diante da qual, os seres humanos vão estabelecer e encontrar a sua identidade, criar seus laços sociais e extrair seus significados culturais.

As praças selecionadas para o desenvolvimento desta pesquisa são, sobretudo, um conjunto de objetos físicos e relações humanas; elas são um genuíno produto de forças sociais e políticas, algumas vezes antagônicas e que se retroalimentam, adquirindo

um valor de uso e de troca, principalmente de trocas políticas. As praças centrais de Maringá são fruto de ações e gestos repetitivos, são espaços produzidos e reproduzíveis (Lefebvre 1991, p.71). Mas a despeito de serem um produto, percebemos a formação da individualidade de cada espaço, o desenvolvimento de conexões, e a sua transformação em *lugares*.

Este trabalho surgiu do desejo de encontrar respostas para a necessidade relativa à criação e ao consumo dos espaços livres públicos contemporâneos; como valorizá-los e construí-los a partir da interação direta com seus usuários, e quais seriam as limitações que rondam esses processos. Para obter respostas a esses questionamentos, buscamos estruturar um arcabouço teórico embasado em pressupostos que enfocam a paisagem urbana como um sistema dinâmico, englobando tanto as estruturas físicas que a compõem, como as ações que sobre elas incidem; e do entendimento dos significados simbólicos da paisagem como reflexos das distintas formas de apropriação de um grupo atuando ao longo do tempo sobre um lugar (Santos, 2002).

1.2 Questões levantadas e pressuposto teórico

Nesta pesquisa, parte-se do pressuposto que o arquiteto e urbanista tem que conhecer a opinião dos usuários para que projete espaços que atendam a suas reais necessidades. Este é um modo de compreender o que interfere no uso ou não-uso das praças públicas centrais. Outro fator a ser considerado é a localização destas praças dentro do espaço central. À seguir são apresentadas as questões norteadoras desta pesquisa:

- a. Quais as motivações para uso das praças públicas centrais?
- b. Que tipo de praças é utilizado e qual o perfil de seus usuários?
- c. Quais as relações de sociabilidade e os anseios com relação à funcionalidade que os cidadãos buscam nos espaços públicos?
- d. Qual a influência dos aspectos simbólicos, funcionais e ambientais das praças públicas, considerando a diversidade de usuários existentes em contextos distintos?
- e. O que pode ser feito para atender as necessidades de um maior número de usuários nas praças públicas centrais?

1.3 Objetivos

A seguir apresentamos os objetivos geral e específicos deste trabalho.

1.3.1 Objetivo geral

Compreender o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais na cidade de Maringá relacionando com as funções, os equipamentos e/ou mobiliários e os aspectos físico-ambientais nas 5 praças eleitas como objeto de estudo.

1.3.2 Objetivos específicos

a. Caracterizar as praças em estudo com informações sobre: dimensões, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura vegetal, entorno, estado de conservação, importância histórica, intensidade de uso, localização e acessibilidade;

b. Analisar as relações de usos e funções e identificar os principais aspectos qualitativos que se verificam nas praças públicas;

c. Identificar os conceitos de projeto comuns, com base nas análises das situações encontradas: tanto do ponto de vista simbólico, funcional e ambiental, quanto do ponto de vista do usuário.

Capítulo 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo aborda uma revisão histórica e conceitual dos temas de interesse para o desenvolvimento desta pesquisa. Analisamos, primeiramente, os conceitos de espaços livres públicos. A relevância do tema torna-se fundamental a pesquisa à medida que na configuração da cidade e das diferentes apropriações cotidianas, ocorrem dinâmicas de ocupação distintas aos espaços públicos cuja função é comum dentro do contexto urbano.

Alguns destes espaços são tão importantes do ponto de vista histórico que não se pode referenciar a cidade ou alguma área central sem eles, sendo que caracterizam a paisagem local. Dentro deste contexto vamos abordar as praças públicas centrais, uma categoria específica do sistema de espaços livres públicos tão importante para o ordenamento das cidades e do seu tecido urbano como para os usuários que a freqüentam.

Na pesquisa vamos analisar através de uma revisão bibliográfica concisa os conceitos de sistema, paisagem, espaço e lugar, para um entendimento fundamentado das vivências da esfera da vida pública e suas abordagens no cotidiano e nas práticas sociais das cidades atuais que refletem as demandas e apropriações das praças públicas centrais.

O tema praças públicas será apresentado e definido como aquele que representa a formação de um significado peculiar nas áreas centrais, para tanto será feita uma abordagem histórica destes espaços públicos em diferentes épocas. Desta forma poderemos conhecer o papel desempenhado pelas praças nas diversas civilizações que nos permitira identificar as alterações na utilização e no desenho proposto, decorrentes dos momentos de transformação social e cultural das cidades. As análises funcionais e formais do período das cidades clássicas até a atualidade podem se tornar contribuições efetivas para o desenvolvimento de projetos contemporâneos.

O pressuposto teórico desta pesquisa está embasado no entendimento de que a leitura das praças públicas centrais de Maringá resultam de uma composição que engloba dentro de um mesmo sistema os processos culturais, sociais, econômicos e políticos que lhes dão origem, atuando sobre as estruturas físicas da paisagem integradora de um

sistema de espaços livres públicos. Esse pressuposto está articulado a estudos que observam os usos, as apropriações e os significados simbólicos destes espaços, em associação com a historiografia referente ao processo de planejamento do núcleo inicial da cidade.

QUEIROGA (2003, 2004) estabelece um paralelo entre as razões sistêmicas (praticadas a nível global e seus reflexos na escala da megalópole brasileira) e comunicativas ou inter-subjetivas (aquelas do mundo vivido, na escala do espaço da praça) de Habermas; com as teorias de espaço do geógrafo MILTON SANTOS (1994, 1996), que estrutura o espaço concreto como resultado de um sistema de objetos e de ações. Propõem configurar diferentes escalas de análise dos espaços livres públicos e das praças, cujas contradições e permanência devem ser compreendidas através da abordagem em uma escala global, megalopolitana, levando em consideração também as dimensões locais, ou o que denomina “níveis pessoais de apropriação do lugar”.

Desta forma, isto é, através da observação em diferentes escalas e contextos, e da leitura profunda do lugar no próprio lugar, desenhos de praças mais sensíveis podem ser criados. As considerações de Queiroga, contrapondo a megalópole globalizada e o lugar da praça, contribuíram para construção das abordagens do presente estudo sobre a relevância das praças públicas nas regiões centrais das cidades contemporâneas brasileiras, assim como as análises em diferentes escalas sobre este conjunto de praças; desde as ações históricas, até os usos e as apropriações no lugar.

As orientações e as argumentações dessa pesquisa decorrem da associação de estudos teóricos e práticos sobre os espaços livres públicos, abaixo abordados. Os teóricos destacam e estudam os significados da paisagem através dos valores humanos associados aos entornos urbanos, e procuram compreender as manifestações de apropriação e das práticas sociais sobre estes espaços integradores. Os estudos práticos observam as transformações das paisagens empreendidas através das apropriações e apresentam categorizações metodológicas e tipológicas de análise. Não se pretende, porém, classificar os estudos referenciados como teóricos ou práticos, distinção efetuada neste parágrafo apenas para efeito de estruturação da abordagem teórica da pesquisa.

2.1 A Cidade de Maringá - Princípios do processo local de planejamento

Para compreender a relevância do local escolhido para realização do presente trabalho é necessário conhecer as gêneses do desenho urbano da cidade de Maringá, Estado do Paraná, Brasil, baseado na proposta inglesa de cidade-jardim no projeto de Jorge de Macedo Vieira.

2.1.1 A proposta de Howard: planejamento urbano e territorial

A proposta de cidade-jardim publicada por Ebenezer Howard em 1902 sob o título *Garden Cities of Tomorrow* não se referia a um modelo espacial e sim a um esquema teórico de uma cidade autônoma, de gestão comunitária, de dimensão limitada por extensa faixa agrícola que a circundava e que, caracterizada por altas taxas de áreas verdes, seria uma alternativa para o caos e decadência urbanos da Inglaterra do final do século XIX. Howard (1996), menos interessado e envolvido com as questões próprias do desenho urbano, talvez pela sua própria formação, estava mais empenhado numa solução para o problema urbano que proporcionasse moradia digna para as classes trabalhadoras. Deste modo, apresenta não uma forma urbana, mas um diagrama de assentamento para 32.000 habitantes em sua área urbana de 400 hectares e 2.000 habitantes em terrenos agrícolas, ocupando 2.020 hectares. O esquema da cidade apresentada no diagrama, que Howard (1996) enfatizou não se tratar de plantas definitivas, mas de um conceito que a realidade, com suas peculiaridades geográficas, dariam a configuração definitiva, consistia em estrutura circular dividida em seis setores. Estes setores seriam delimitados por seis bulevares arborizados, com 36 metros de largura, que se irradiariam desde o parque central e se estenderiam até o perímetro externo, circundado pela ferrovia que, após envolver a cidade, se transformaria em estrada de penetração no ambiente rural. Completariam a estrutura viária da Cidade-Jardim cinco avenidas, também arborizadas, concêntricas ao Parque Central. De acordo com este planejamento urbano e territorial de Howard, a terra agrícola deveria ser adquirida pela comunidade organizada. O empréstimo que financiaria essa compra seria amortizado por meio de cotas de participação de menor valor do que o custo usual do arrendamento da terra ou aluguel de imóvel urbano, mesmo que nestas cotas estivessem embutidos os custos de construção da infra-estrutura urbana, dos edifícios comunitários e da manutenção do empreendimento. Neste caso, o solo urbano rural passa a ser patrimônio coletivo dos moradores da cidade; ninguém se torna proprietário da sua casa, comércio ou terra rural. As cotas de participação, pagas mensalmente, habilitariam o contribuinte a usufruir o terreno, além de contribuir para a amortização do empréstimo

obtido, financiar a construção da infra-estrutura urbana, sistema viário, edifícios públicos e sustentar a manutenção e a administração da cidade, ou seja, o lucro do empreendimento seria revertido para a própria comunidade. Lançada a proposta caberia a outros a construção formal desta idéia de cidade moderna.

2.1.2 As idéias de Unwin: um tratado sobre o desenho urbano

Raymond Unwin e seu sócio Barry Parker foram os responsáveis pela materialização das idéias de Howard. Juntos projetaram as cidades-jardins de Letchworth (1904-06) Hampstead¹ (1905) de acordo com o esquema proposto por Howard, seguindo sua proposição de vida comunitária e cooperativa, imprimindo a estas cidades um desenho informal das ruas, distanciando-se de configurações geométricas rigorosas de tradição clássico-renascentista, acentuando a idéia de convívio com a natureza, propiciando um ambiente acolhedor, pitoresco, imaginado e construído em uma escala mais reduzida, que remetia diretamente às idéias urbanas de Camillo Sitte (1992).

Em 1909, depois destas duas experiências fundamentais, o urbanista Raymond Unwin publica *Town planning in practice: an introduction of the art of designing cities and suburbs*, no qual reflete sobre a forma urbana ao longo da história para em seguida definir as práticas do desenho urbano orientado pelo caráter artístico da construção da cidade, face ao empobrecimento estético e qualitativo e à uniformização observada na produção recente de cidades e bairros.

Na verdade, o *Town planning in practice* pouco tem da cidade-jardim idealizada no esquema de Howard, sendo efetivamente um tratado de desenho urbano. Neste tratado, encontram-se soluções formais e sugestões de procedimento no desenho da cidade já experimentadas na composição da cidade-jardim, que então se transformou em um tipo arquitetônico (alternativo à cidade racionalista), uma configuração urbana cuja forma-base passou a ser empregada e reformulada em todo o mundo, abandonando o ideal de Howard concentrado nos princípios de uma vida comunitária e cooperativa. Na introdução à segunda edição do seu livro, Unwin (1984) esclarece as diretrizes que orientam sua proposta urbana empenhada em “encontrar uma bela forma de expressão para a vida da comunidade”.

Unwin trata da individualidade da forma urbana como uma qualidade positiva, extraída, sobretudo, da especificidade do lugar, defendendo a utilização conjunta da

regularidade natural do desenho ordenado com a igualmente natural irregularidade do caráter do sítio. Mas Unwin não esconde os efeitos negativos da adoção indiscriminada do traçado regular ou do traçado irregular e por isso vai defender a beleza de ambos, apontando as características e potencialidades de cada um destes partidos, sem excluir a possibilidade de sua adoção conjunta. Unwin aborda a questão da escolha do lugar para o centro da cidade, a definição formal da praça, a relação centro da cidade/prança/estação ferroviária, o modo de agrupar os edifícios públicos e sua posição em relação à praça central, a determinação do centro principal e a escolha dos centros secundários em correta proporção e relação com ele, a organização da rede principal de ruas em relação e proporção adequada com os centros principais e secundários, que dividem a cidade em diversas zonas, a definição das principais linhas de comunicação entre centro e centro, entre o centro principal e o subúrbio que o rodeia, entre as áreas residenciais e os núcleos de comércio ou emprego, o ajardinamento das vias, os cruzamentos, as dimensões recomendadas para as quadras e os lotes.

Unwin e Barry Parker trabalharam juntos nos projetos de Letchworth e Hampstead, sendo que para esta última projetaram, em 1907, 270 *cottages* e 24 apartamentos e, em 1909, 406 *cottages* e 90 apartamentos. Durante a guerra, Parker fez projetos no Porto em Portugal e, em 1917, veio para São Paulo encarregado de desenvolver projetos de loteamentos para a *City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company, Limited*², ou 'Cia. City', como ficou mais conhecida a empresa inglesa ligada a empreendimentos imobiliários. Neste período, Unwin esteve ligado à comissão que realizou os estudos que culminaram no *Tudor Walter's Report* (1917/1918), "o ato normativo britânico que passou então a regular, desde a escolha de locais para construções, até recomendações de materiais, passando por agenciamento, largura e orientação de ruas, ajardinamento, por tipos habitacionais, dimensão e orientação dos cômodos, regras de economia e mais todas as etapas concernentes à edificação de boas unidades habitacionais" (Wolff, 1998). É notável a sintonia entre Unwin e Parker neste período. Nos bairros paulistanos que projetou para a Cia. City durante sua estada em São Paulo, "a argumentação apresentada por Parker para a escolha e acomodação dos terrenos, seu respeito à natureza, as relações propostas entre as casas, as ruas e os jardins expressam evidentemente a trajetória do pensamento que embasava este tipo de solução urbana e sua obra anterior em colaboração com Unwin. Mas, além disso, é a mesma que está presente no ato normativo inglês em cuja elaboração, paralelamente,

Unwin estava tendo participação” (Wolff, 1998), ecoando os princípios de desenho divulgados em seu livro. Os bairros Jardim América, Alto da Lapa (1921), Pacaembu (1925), Butantã (1935) estão entre alguns dos empreendimentos levados a cabo pela Cia. City., tendo estado Parker diretamente envolvido com o projeto dos três primeiros nos dois anos que permaneceu no Brasil. Na Cia., seu trabalho abarcava as tarefas de desenhar os bairros de acordo com seus terrenos, propor alterações na legislação de forma a permitir sua implantação, estabelecer zonas para a construção de casas assim como seus projetos arquitetônicos, além de opinar na elaboração das estratégias de vendas das terras da companhia. Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica de São Paulo em 1917, já estagiava junto à Cia. City no último ano do curso e aí trabalhou até 1920. Tendo iniciado sua vida profissional na companhia na mesma época em que Parker lá trabalhava, Vieira não deixou de sofrer a influência das idéias e das soluções formais do tipo *garden city* desenvolvidos nos loteamentos da empresa, como se pode ver na análise do seu projeto para Maringá. Projetos urbanos de Vieira foram executados em São Paulo, em bairros como Chácara da Moóca, Parque Edu Chaves, Vila Nova Manchester, Jardim da Saúde, Jardim Japão; em Campinas (Vila Isa, Nova Campinas e Chácara da Barra), Osasco (Vila Campesina) e Rio de Janeiro (Jardim Guanabara). Foi ele também o autor dos planos urbanísticos da cidade nova balneária de Águas de São Pedro (1943), em São Paulo, e de duas das cidades novas de colonização do Norte do Estado do Paraná - Maringá (1947) e Cianorte (1955).

2.1.3 O desenho urbano da cidade de Maringá

Diretamente associada a um grande empreendimento agrícola e imobiliário, ela é decorrente da marcha pioneira que avançou em direção ao norte do Paraná e à região noroeste de São Paulo na primeira metade do século XX, tendo como eixo as linhas ferroviárias então abertas e trazendo consigo os grandes cafezais no lugar da mata atlântica. A Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN), empresa privada de capital britânico, subsidiária da inglesa *Paraná Plantation Company*, vendida a um grupo nacional em 1939, quando então passou a ser chamada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu o planejamento territorial da região, com o parcelamento das áreas rurais e a instalação de uma rede de cidades com cerca de 69 sedes de municípios (Barnabé, 1989), sob forte influência das concepções do *town and country planning* formuladas pelos urbanistas ingleses. A solução dada pela Companhia à ‘espacialização’ do território tomava a artéria traçada pela ferrovia percorrendo os espigões como

elemento estruturador e dividia cada uma das bacias hidrográficas em lotes compridos e estreitos, cujas extremidades atingissem, de um lado, o rio e, do outro, a linha de “cumiada”. A estrutura agrária com lotes de dimensões limitadas- 10 a 15 alqueires, em geral -, consoantes com as exigências da topografia, é melhor compreendida quando se adota o ponto de vista prático do vendedor de terras: visava como compradores em potencial chefes de família de recursos modestos, imigrantes recém-chegados. A estratégia da Companhia para o estabelecimento da rede de cidades - um plano geral de ocupação - foi manter a estreita relação entre as vias de comunicação e as aglomerações e a regularidade na distância entre os assentamentos urbanos: cidades planejadas para se tornarem grandes centros prestadores de serviços, posicionados sempre a uma distância de 100 km entre si, e cidades menores, planejadas como centros de abastecimento da população rural, com no máximo 15 km de distância entre si. O engenheiro Jorge de Macedo de Vieira, encarregado pela Companhia do projeto de Maringá, imprimiu ao desenho da cidade o caráter das soluções do tipo *garden city*, influenciado pelo convívio profissional com Parker. Em seus desenhos, Vieira revelou uma grande sensibilidade não só para com os princípios formais da cidade-jardim determinados por Unwin, como também para a natureza do lugar que nunca visitou, nem preliminarmente aos seus estudos, nem mais tarde para conhecer a cidade construída que havia idealizado, tomando por base somente o levantamento topográfico da região. Entretanto, a paisagem antrópica construída aí respeitou todas as particularidades e potencialidades que o cenário natural lhe oferecia.

Para a escolha do sítio e o traçado da cidade de Maringá, tomaram-se como referência três preexistências fundamentais: a linha férrea no sentido leste-oeste e dois pequenos vales posicionados na face sul. Estes dois vales foram delimitados como parques urbanos, preservando as duas nascentes aí existentes, e entre eles posicionou-se o centro da vida comunitária numa área praticamente plana, de acordo com as diretrizes de Unwin (1984), figurando como o elemento principal do plano. Segundo Unwin (1984), para se escolher “um lugar adequado para o centro principal de nossa cidade ou distrito, além de sua relação com a entrada principal e com as linhas de tráfego, devemos ter em conta que é desejável que seus edifícios estejam bem situados e se distingam desde o mais distante possível. Isto sugerirá a escolha do topo de (...) algum terreno elevado, mas nunca deverão ser excessivas nem a altura nem a pendente do acesso,

pois em ambos os casos o fluxo do tráfego tenderá a ficar muito desviado da posição central”.

Ao desenhar as concordâncias entre retas e curvas na malha urbana maringaense Vieira tem um cuidado evidente, pois as curvas de nível foram determinantes para o desenho da cidade, uma vez que foi a partir delas, da pendente do terreno e da configuração topográfica, que se definiu a forma urbana alongada e o traçado orgânico como diretrizes para as principais vias. Percebe-se aí que o diálogo com o ambiente natural demandou um traçado irregular na maior parte da malha urbana (Figura 1), que, não obstante, pôde cobrar regularidade, simetria e rigidez no centro da cidade, o principal elemento da composição (Figura 2), onde a finalidade, o caráter e a importância do espaço público cobravam certo formalismo e monumentalidade, garantindo o “caráter artístico” do desenho urbano e forjando a individualização do desenho da cidade a partir das características naturais.

Vieira estabeleceu um desenho viário bastante simplificado, a fim de “conferir ao plano uma personalidade própria” (Unwin, 1984), uma vez que a atenção à natureza do terreno forçou uma certa irregularidade na estrutura principal da rede viária (Figura 3). O quadrilátero formado pela ferrovia ao norte e os bosques a leste e oeste delimita a área central de traçado regular, coroada pelo centro cívico no lado oposto à estação ferroviária. Acompanhando paralelamente a linha férrea, uma avenida corta a cidade no sentido leste-oeste. As vias que deixam o centro e conduzem às zonas secundárias no lado oeste da cidade perdem a regularidade ortogonal e adquirem um traçado consoante com as curvas de nível, logrando variedade com movimento orgânico das pendentes. No ponto onde convergem as vias principais foi implantado um “espaço circular, ao redor do qual se move o tráfego em uma só direção para facilitar a circulação e conferir efeitos arquitetônicos às diferentes interseções viárias”, conforme as indicações de Unwin (1984). Os ‘redondos’ - como ficaram conhecidas estas praças - definem áreas verdes, públicas, pontos de articulação do traçado irregular, cruzamento de vias principais. Distinguem-se dos centros secundários sugeridos no anteprojeto da cidade, definidos em cada bairro por outra área verde ‘fechada’ por edificações agrupadas, formando núcleos comerciais que ocupavam posição central no bairro ou ponto estratégico para a construção do espaço urbano, como será apresentado posteriormente. Na percepção do espaço urbano maringaense é sensível a hierarquia entre as vias principais e secundárias, diferenciadas pela largura (20, 30, 35 e 40 m), pela eventual presença do canteiro central e pela

variedade de espécies na arborização (Unwin, 1984). Por outro lado, as vias de traçado ortogonal são proporcionalmente mais curtas que as vias curvas e irregulares, menos monótonas e mais variadas. As retas desenhadas pelas primeiras têm definidos seus pontos iniciais e finais, garantindo, deste modo, um limite e um atrativo à paisagem da rua.

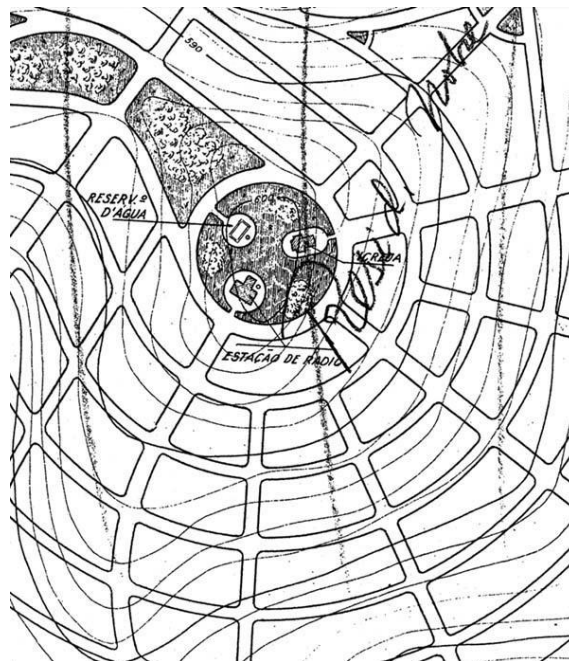


Figura 1. Detalhe do mapa topográfico com malha urbana sobreposta: zona 5
Fonte: Museu da Bacia do Paraná

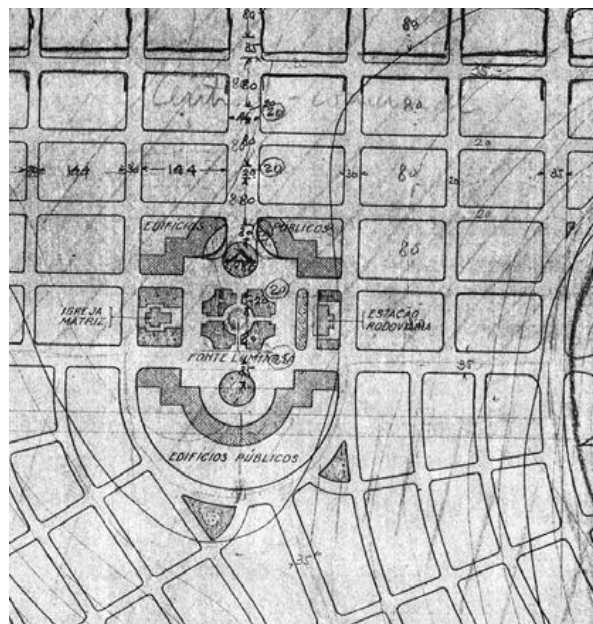


Figura 2. Detalhe do anteprojeto: centro da cidade.
Fonte: Museu da Bacia do Paraná

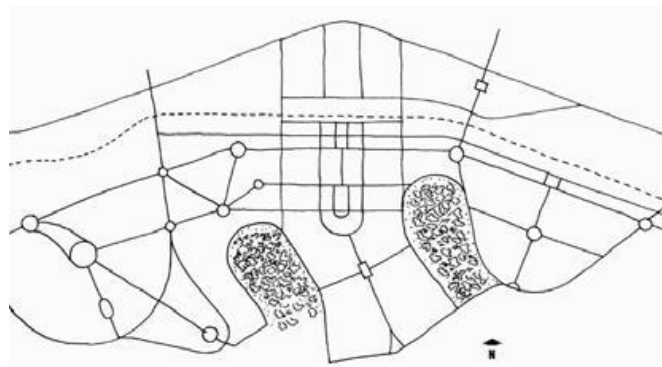


Figura 3. Esquema de vias principais e circulação urbana. A ferrovia tracejada, as ruas e avenidas principais em traço cheio.

Fonte: Museu da Bacia do Paraná

2.1.4 O tratamento dos espaços públicos: hierarquização e qualificação dos espaços urbanos.

Aplicando a recomendação do tratado de Unwin (1984:138), a praça central de Maringá não coincide com a praça da estação, ao contrário, fica não muito distante dela, e as duas praças distintas estão conectadas por uma avenida larga e importante. Este eixo arrematado por duas praças destaca-se no desenho da cidade como seu elemento principal: uma via de aproximadamente 46 metros de largura e 600 metros de comprimento, com canteiro central e passeio de pedestres. As sugestões de Unwin (1984) para o desenho e a conformação das praças de sua cidade-jardim estão respaldadas no estudo de Camillo Sitte, que dedica grande parte da 'Construção de cidades segundo princípios artísticos' ao exame das praças e a distinguir os princípios que regulamentam seu desenho, recorrendo sobremaneira aos exemplos deixados pela Idade Média, em cujas edificações se pode notar o enfrentamento das irregularidades acidentais com a extração de excelentes resultados, adaptados às circunstâncias, de modo que crescimento espontâneo e desenho consciente parecem ter agido conjuntamente. Vieira parece reconhecer a recomendação de Unwin (1984), sacada de Sitte, de que "as praças não sejam retangulares, mas algo oblongas, mantendo largura e comprimento uma proporção entre si". Praças circulares, oblongas, em meia lua, triangulares, em certos casos retangulares e com formas menos regulares podem ser encontradas no desenho da cidade, atendendo cada uma à demanda da circunstância em que se inserem. De acordo com uma pesquisa muito recente (De Angelis, 2000), as praças de Maringá foram caracterizadas em quatro grupos, de acordo com seu uso mais evidente: praças de igreja, de descanso e recreação, de circulação e de significação visual. E depois foram

agrupadas em cinco tipos correspondendo à sua conformação: praças conformadas por uma única via (os 'redondos' e as praças oblongas); praças conformadas pelo cruzamento de duas, de três, de quatro e de cinco vias. Nota-se no anteprojeto de Vieira a intenção de respaldar as praças de Maringá com edifícios ao seu redor construindo aquela sensação de fechamento da qual Unwin e Sitte se remeteram entusiasticamente. O que se percebe também, na análise comparativa entre o anteprojeto da cidade e o levantamento do projeto efetivamente implantado, é que o número inicial em torno de 60 praças foi bastante reduzido. Recebe ênfase no tratado de Unwin a posição deslocada de edifícios públicos em relação ao centro da praça, e curiosamente o anteprojeto de Vieira posiciona a Catedral de Maringá à direita da praça principal, onde hoje se situa o Hotel Bandeirantes (atendendo também àquela tradição na implantação de igrejas de naves dirigidas ao poente). E, para constituir a praça fechada como recomenda Unwin, Vieira propõe um *crescent* arrematando a praça principal: um edifício público em meia lua na área onde hoje está a Catedral. Unwin propõe uma hierarquização das partes do desenho da cidade, enfatizando algumas delas e subordinando outras, o que para ele se consegue quando se têm centros bem definidos na forma urbana e quando estas áreas centrais agrupam os edifícios públicos, que deixam então de aparecer indiscriminadamente pela cidade sem acusar outros efeitos que o de contrastar violentamente sua escala e tamanho com os outros edifícios circundantes. Quando agrupados em lugares centrais ou praças e dispostos corretamente, diz Unwin (1984), "o resultado final obtido pode ter entidade para impressionar a imaginação e para formar um motivo central genuíno no desenho da cidade". E pode-se notar aí a sugestão de 'imaginabilidade' como potente qualidade do espaço urbano que lhe confere a possibilidade de suscitar uma imagem vigorosa na memória de qualquer observador, mais tarde retomada por Kevin Lynch nos anos 60. Seguindo esta idéia, e sempre de acordo com 'A prática do urbanismo' (Unwin, 1984), nota-se que em Maringá os bairros também são dotados de um centro, produzindo o mesmo efeito da área central da cidade em escala menor, atuando como ponto focal da zona, servindo de instrumento de hierarquização dos espaços urbanos, contribuindo para se fazer perceber a identidade da área com mais clareza. Muitas das praças da cidade têm sua forma resultante da confluência de vias, como os 'redondos', cuja forma circular é determinada pela melhor circulação; resultante também do espaço conseqüente da articulação entre a malha regular e o traçado orgânico de certas partes da cidade, ou ainda foram inseridas deliberadamente para criar o centro secundário de uma zona ou evidenciar a área como ponto focal, e neste caso ganham uma forma desenhada

especificamente para o lugar. Este centro tem, em geral, um fechamento definido por grupos de edifícios públicos ou núcleos comerciais justapostos a áreas abertas, garantindo aquela sensação característica da praça medieval que Unwin descreveu positivamente em seu tratado.

Deste modo, o desenho da cidade mostra uma estrutura polinuclear, articulada numa hierarquia muito clara entre o elemento principal do plano e seus centros secundários. Pode-se notar aí a força apelativa da malha ortogonal central e o caráter diferenciado de cada um dos bairros subordinados, distintos pelo traçado das vias, delimitados por elementos bem definidos - avenida, bosque, via férrea -, agrupados e organizados em torno de pontos de interesse, geralmente definidos a partir de convergências de vias importantes ou da posição central dentro do bairro, constituindo cada centro secundário um ponto focal, elemento fundamental para a imagem urbana segundo o método da percepção visual proposto por Lynch (1995). O anteprojeto de Vieira apresenta três zonas residenciais (principal, popular e operária), zona industrial, zona comercial, dependências e armazéns da estrada de ferro e os núcleos comerciais. Cada um dos bairros apresenta uma praça cercada por seu núcleo comercial (nove pelo anteprojeto de Vieira) alocada junto às vias principais que cruzam a área. No levantamento da cidade datado de 1951, estes núcleos comerciais não estão assinalados, restando saber quando o comércio se desconcentrou e se expandiu ao longo das avenidas, assumindo o caráter de zoneamento funcional que hoje percebemos na forma urbana. Constava do anteprojeto de Vieira uma série de edificações públicas situadas em quadras inteiras adjacentes a áreas verdes ou em quadras com pequenas praças recortadas e desmembradas da sua configuração como modo de destacar a localização destes edifícios na forma urbana geral do bairro. Neste esquema, pode-se encontrar igrejas, escolas, institutos profissionalizantes, hospitais, asilos, campos de esporte, parques infantis, que acabaram sendo implantados conforme o plano do anteprojeto, mas em menor número, segundo o levantamento de 1951. O projeto executado não implementou os centros secundários (Figura 4), cujo papel fundamental no espaço urbano recaiu sobre os 'redondos', que acabaram por polarizar áreas comerciais, além das vias majoritariamente ocupadas por esta função urbana. Com isto, praças conformadas pela agrupação de edifícios comerciais perderam a característica original. As quadras residenciais e comerciais de aproximadamente um hectare foram desenhadas respeitando o formato retangular (144x80m em geral), entretanto a não adoção do traçado

xadrez imprimiu algumas modificações à forma ideal. Elas foram subdivididas em parcelas de 500 m² em média, reconhecendo a relação indicada por Unwin (1984) de 25 a 30 lotes por hectare, dando lugar a jardins privados que ampliam para dentro do lote a massa verde que cobre as largas calçadas públicas. Os espaços privados originados do parcelamento das quadras estão orientados segundo as curvas de nível, o que define a posição dos lotes naquelas ruas que acompanham os níveis do terreno, de modo a evitar as transversais inclinadas.

A Companhia trouxe a Maringá em 1949 um engenheiro florestal, especialista em botânica para providenciar a rápida arborização da cidade, que então oferecia uma paisagem desoladora marcada pelas queimadas. O sucesso do empreendimento comercial da Companhia dependia de uma imagem sedutora e a vegetação nativa e exótica que se fez plantar satisfizes aquela condição. A paisagem urbana ganhou “variedade e encanto”, conforme recomendava Unwin, com a instalação de um canteiro central com uma terceira fileira de árvores nas vias principais, mais largas que as ruas menos importantes apenas arborizadas nas calçadas laterais. A construção da cidade implementou a arborização urbana como “decoreção natural” e, de acordo com os preceitos de Unwin (1984), cada via recebeu um tratamento diferente, plantando-se em cada uma um determinado tipo de árvore, distinto do das vizinhas, conferindo a cada via a própria individualidade, rebatendo a uniformização da cidade e, conseqüentemente, seu empobrecimento estético e qualitativo. Deste modo, a vegetação favorece sobremaneira a legibilidade urbana, constituindo um fator positivo na avaliação da imagem da cidade de acordo com Lynch (1995). Convergindo com as idéias de Unwin, na cidade imaginada por Vieira, as espécies plantadas são variadas: jacarandá mimoso (*Jacaranda mimosaeifolia*), tipuana (*Tipuana tipu*), alecrim (*Holocalyx balansae*), flamboiant (*Delonix regia*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), ipê roxo (*Tabebuia avellaneda*), tamareira (*Phoenix dactylifera*), figueira branca (*Ficus guaranitica*), grevílea (*Grevilea robusta*), pau ferro (*Caesalpinia ferrea* var. *leiostachya*), quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), manduirana (*Cassia speciosa*), espatódea (*Spathodea campanulata*), palmeira imperial (*Roystonea* spp.) - (Catálogo DPHC, 1995:207), permitindo florações subseqüentes em diferentes partes da cidade durante a maior parte do ano, reforçando o princípio estético do projeto e implementando a qualidade de vida na área urbana. Pode-se, assim, identificar certas avenidas pela sua vegetação característica, como a Avenida Duque Caxias e suas tamareiras no canteiro central; as palmeiras imperiais ladeadas de pau ferro na Avenida

XV de Novembro; os *flamboyants* na Avenida Tiradentes; o ipê roxo na Avenida Brasil; a figueira na Avenida Luiz Teixeira Mendes; o pau ferro na Avenida Rio Branco; grevílea no canteiro central da Avenida Gastão Vidigal. O projeto executado implantou cerca de 34 praças na malha urbana - número que, como visto, chegava ao dobro no anteprojeto da cidade, mas que vem aumentando com a expansão urbana, atingindo 99 no ano de 2000. De Angelis (2000) mostra que a cidade conta hoje com 42 espécies arbóreas em suas praças, além das espécies frutíferas e das 11 espécies de palmáceas. Afora os dois parques previstos originalmente no projeto da cidade, a Companhia delimitou uma terceira área verde, onde manteve seu viveiro de mudas, hoje transformado no terceiro dos parques urbanos de Maringá, somando 137 hectares de reserva na área urbana, contribuindo para a relação de 25,47 m² de área verde por habitante. Ponto de encontro, local de recreação e exercícios físicos, estes bosques são referências na forma urbana, seja como ponto focal ou limite entre os distintos bairros que os cercam, co-responsáveis pela individualidade desta cidade.

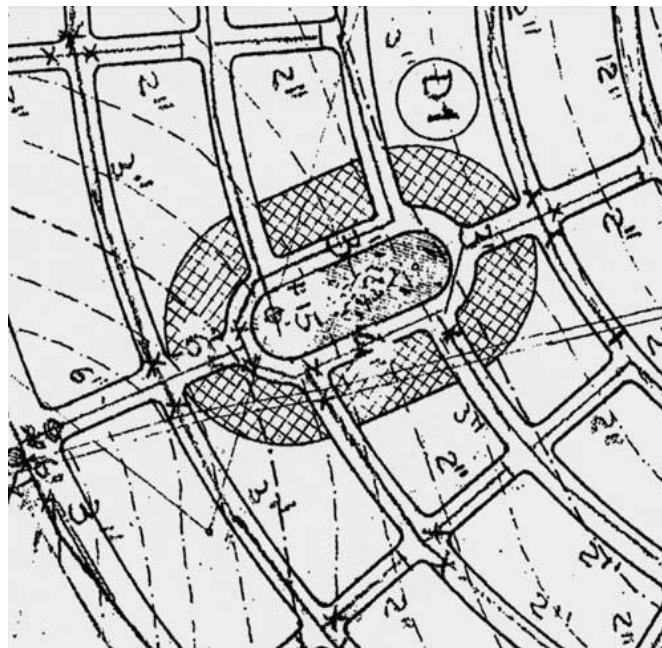


Figura 4. Detalhe do anteprojeto: centro secundário.
Fonte: Acervo Museu da Bacia do Paraná

2.2 Centros urbanos

As praças públicas analisadas nesta pesquisa localizam-se em centros urbanos e estas áreas centrais representam locais de grande simbolismo e importância para as cidades ocidentais, pois nelas se localizam atividades comerciais, de serviços, de gestão

pública e privada e destacam-se na paisagem pela arquitetura de seus edifícios e pela convergência do sistema de transportes. De acordo com Côrrea (1989), as relações espaciais do centro da cidade integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto tradicionalmente articulado.

A cidade é essencial e semanticamente o lugar do encontro com o outro e o Centro é o ponto de reunião de toda a cidade, sendo assim, a permanência se torna mais nítida nessas áreas. Panerai (2006) afirma que no Centro temos, de um lado a permanência dos traçados, a presença dos monumentos, a convenção que rege o espaço público, a persistência das atividades e dos símbolos; e de outro, a flexibilidade das construções, a mudança dos usos, a reconversão dos edifícios e a substituição de algum deles.

Esta afirmação nos coloca a importância de estudar as praças públicas no contexto das mudanças, principalmente relacionadas aos usos dentro do tecido urbano consolidado das áreas centrais. Quando falamos nesse tecido urbano, vale ressaltar que as malhas do sistema viário não diferem muito de seus traçados ancestrais, originados a partir de antigas estradas e caminhos ou planejadas rigorosamente segundo traçados geométricos. A comunicação entre lugares através de vias com diferentes hierarquias, caracteriza o sistema de espaços livres públicos por excelência (AFONSO, 1999).

De acordo com Panerai (2006), o Centro confundia-se com a área mais antiga, eventualmente ampliada e incluindo algumas áreas importantes do ponto de vista funcional, como as estações ferroviárias, ou do ponto de vista simbólico, como as praças.

Os centros, ainda, são marcados pelo seu patrimônio e pela necessidade de bem-estar ambiental onde, segundo Higuera (2006), de um lado temos um legado histórico de épocas passadas que é preciso ser respeitado para as gerações futuras, de outro a dificuldade de planejar soluções integrais devido às características próprias dos seus tecidos urbanos.

Para contextualizar os conceitos de Centros Urbanos abordados nesta pesquisa apresentamos a seguir: Centros Urbanos nas cidades de pequeno porte, o valor simbólico dos Centros e a situação atual em que estes se encontram.

2.2.1 Valores do centro, um enfoque simbólico

A importância da imagem das cidades torna-se evidente quando tratamos das áreas centrais, por que elas estão profundamente ligadas às lógicas históricas e sócio-espaciais, destacando-se em nossas percepções e vivências das cidades (DEL RIO, 1990).

A cidade, principalmente suas áreas centrais, tem uma dimensão simbólica para seus usuários e assim, os monumentos, como também os espaços públicos - praças e avenidas - simbolizam a sociedade ou simplesmente o Estado e têm dimensões paradigmáticas que implicam e mostram oposições: a parte interna e a parte externa, o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não-integrado (LEFEBVRE, 1991).

Villaça (1998, p.241) afirma que o valor material do centro é a “fonte de seu valor simbólico. É a excepcional importância comunitária e social dos centros que faz com eles passem a ser objeto de grande valorização simbólica”.

De acordo com Del Rio (1990), o lugar central de uma cidade brasileira sempre assumiu papéis de centro inovador, simbólico e de intercâmbios. Mesmo em centros decadentes, o simbolismo continua sendo característica presente nas expectativas dos habitantes e, por isso, fundamental para a imagem pública das cidades.

Nos centros, diversas funções se organizam sobre uma rede de espaços públicos que dão testemunho da cidade como totalidade (PANERAI, 2006), a importância que atribuímos a este ou àquele espaço público depende de cada um de nós e os símbolos são conferidos pela história e imagens urbanísticas dessa área.

Podemos dizer que o espaço central é múltiplo: formado pela soma dos centros correspondentes aos diferentes grupos sociais e aos diferentes usos, que variam conforme a época (PANERAI, 2006, p.145).

Ainda, segundo Magnani (2000), o espaço urbano funciona como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares; um espaço simbólico trabalhando pela história, um espaço de sujeitos e de significantes.

Estes espaços, dotados de significados, fazem de cada cidade um território urbano qualificado, capaz de integrar esta comunidade simbólica de sentidos e imaginários. Nas

idades de pequeno porte, geralmente, o espaço simbólico coincide com o centro geográfico e o Centro Histórico.

2.3 Espaços Livres Públicos

Podemos classificar o espaço urbano em: público, semi-público, semi-privado e privado; e o ambiente construído, que configura este espaço, pode ser: aberto, aberto coberto ou fechado. Podem ser constituídos por vegetação, água, ar e diferentes tipos de materiais.

Num sentido mais absoluto, podemos dizer que público é uma área acessível a todos, a qualquer momento e privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa que tem a responsabilidade de mantê-la (HERTZBERGER, 1996).

Entende-se a propriedade particular como sendo o espaço privado e o espaço público como sendo do coletivo. Entretanto, no mesmo espaço público, aberto ou fechado, dependendo do uso específico do mesmo, da atividade social de intercâmbio humano ou mesmo da atividade particular que nele se desenvolve a relação entre o espaço da vida pública e o espaço da vida privada estabelece o desenvolvimento de novas sociabilidades.

A natureza dos espaços pode permitir diferentes tipos de relacionamento entre as pessoas. Esses espaços compreendem a totalidade das vias, ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes e também rios e canais, margens e praias. Neles podemos encontrar as mais significativas manifestações da vida urbana, a síntese dos acontecimentos e as características de uma época.

De acordo com Magnoli (1986), os espaços livres urbanos e públicos são os mais acessíveis para todos os cidadãos, os mais apropriáveis face às oportunidades de maior autonomia de indivíduos e grupos e os que se apresentam com mais chance de controle pela sociedade como um todo, já que são abertos, expostos, acessíveis, enfim aqueles que podem ser os mais democráticos possíveis, enquanto significado intrínseco da expressão espaço urbano.

Com relação ao uso dos espaços livres públicos, este está ligado às formas de acesso disponíveis nas diferentes escalas urbanas e manifesta-se pela frequência dos

usuários a estes espaços (CUNHA, 2002). Sua análise pode ser feita de vários pontos de vista, conforme Panerai (2006):

a. como um espaço específico, suscetível de ser apreciado em si mesmo e analisado com as categorias específicas da arquitetura;

b. como um sistema local que organiza o tecido e;

c. como um sistema global que constitui o arcabouço da forma urbana. De acordo com Afonso (1999), um sistema de espaços livres públicos pode ser identificado como sendo a sintonia entre as unidades de relevo, as malhas de espaços públicos urbanos e os tecidos edificados, onde os espaços públicos mais importantes são as praças, os parques, as ruas e os passeios.

Estes espaços podem desempenhar importantes funções urbanas: social (encontros), cultural (eventos), funcional (circulação) e terapêutica (higiênica mental e atividade física). Tão importante quanto o espaço construído na estruturação urbana, o espaço livre de edificação deve ser considerados em termos de quantidade e de qualidade, observando-o em relação ao contexto urbano e às atividades sociais nele desenvolvidas.

Macedo (1995) classifica os espaços livres de edificação em:

1. **Espaços Verdes:** correspondem a toda área urbana coberta de vegetação e que tenha valor social, como exemplo temos bosques, campos, matas, jardins, algumas praças e parques, entre outros, sejam estes para produzir alimentos, conservação, preservação de ecossistemas, cultural e estético ou lazer (passivo ou ativo). Observa-se, contudo, que esse tipo de espaço livre nem sempre é acessível ao cidadão, como algumas matas e bosques urbanos, contendo apenas um valor de conservação;

2. **Áreas Verdes:** referem-se às áreas onde exista vegetação por qualquer motivo; entretanto, são residuais e não possuem valor social expressivo. Geralmente são consideradas em relação ao número de habitantes, como índice de qualidade urbana, sendo conhecidas mais pelo aspecto quantitativo, como exemplo, citamos as rótulas ou ilhas do sistema viário, que raramente são utilizadas;

3. **Áreas de Lazer:** consideradas como todos os espaços livres entre as edificações destinadas ao lazer ativo e/ou contemplativo (passivo), além destes, áreas em

potencial como os terrenos vazios utilizados alternativamente para o lazer, estão englobadas nesta categoria, e finalmente;

4. **Áreas de Circulação:** constituem a maioria dos espaços livres de apropriação pública, totalizam grande parte da área da cidade e destinam-se à fruição de veículos e pedestres, podendo assumir funções de lazer, quando o tráfego é restrito ou controlado, geralmente nas ruas de bairro sem trânsito ou de subúrbios. Classificam-se também como áreas de circulação, os calçadões e as escadarias que podem abrigar diversos usos além da passagem de pedestres.

Observamos que um espaço livre apresenta diferentes características, englobando, assim, diversas funções. Por exemplo, uma praça pode representar uma categoria de espaço verde para a cidade, assim como também assumir funções de lazer e circulação. Essa mudança é importante e necessária à medida que a quantidade de espaços livres públicos é reduzida e as necessidades dos usuários demandam espaços com múltiplas funções, especialmente nos centros das cidades.

Cabe destacar que o Centro sempre foi lugar de encontro, de comércio e de circulação e os espaços públicos nele existentes sempre foram os lugares para esses encontros e reuniões de pessoas, onde trocavam informações sobre a cidade e a sociedade e o lugar onde eventos importantes foram encenados (GEHL; GEMZOE, 2002).

Com relação à configuração dos espaços livres urbanos, Afonso (1999) destaca que esta acontece pelas construções que os delimitam, numa relação entre cheios e vazios, fundo e figura. O horizonte, a água, o céu, as copas das árvores e pisos, sejam eles cobertos por pavimentos articulados, rígidos ou plantados, também participam desta configuração.

Os espaços livres integram a paisagem urbana permitindo o desfrute democrático de seu ambiente e de seus efeitos cênicos e evidenciando a cultura local e regional.

A seguir, serão discutidos os indicadores de qualidade espaços livres públicos existentes, principalmente nas cidades brasileiras e a sua importância na conquista da cidadania.

2.3.1 Do público nos espaços livres

O sistema de espaços livres de uso público de uma cidade compreende o conjunto de áreas livres, vegetadas ou não, existentes no ambiente urbano à disposição de sua população para seu uso-fruto. De maneira geral, o espaço público é aquele que pertence à sociedade. E, como nas sociedades capitalistas todo lugar tem dono, os espaços também são sensíveis a essa regra. Por isso, nem todo espaço livre, por mais que seja público, está aberto a todos de modo irrestrito e igualitário. Há sempre normas, atritos e restrições ao uso dos espaços, de acordo com a presença de grupos sociais, dos usos consentidos e das formas de apropriação de tais locais. É parte do sistema a sinergia necessária tanto para organizar quanto para perverter a si próprio, programá-lo e ocupá-lo, dando-lhe vida social. A idéia de sistema de espaços está referenciada na experiência e aprendizado da sociedade sobre um determinado território ao longo do tempo. E, num certo sentido cultural, pela descoberta de que a vida social depende da ocupação organizada do território e sua conseqüente transformação. Um verdadeiro pacto democrático e, por isso, conflituoso.

Um sistema eficiente de espaços livres públicos de uma cidade deve ter entre suas atribuições o propósito de evitar que a natureza seja destruída, suprimida ou artificializada a tal ponto que comprometa seu equilíbrio e evolução. Ele também opera sobre as relações sociais e interpessoais, acolhendo o encontro, as possibilidades de trocas e convívio social e a negociação entre os sujeitos que invariavelmente marcam os espaços com suas presenças, seus valores, suas ordens e desordens. Ou seja, ele possui uma dimensão social, cultural e educativa importante agregada ao seu papel estrutural de abrigar ou viabilizar muitas atividades necessárias para a sociedade – obviamente, preservando o patrimônio natural e possibilitando o reencontro das pessoas com a natureza.

A caracterização de qualquer sistema de espaços livres públicos inicia-se pela compreensão do suporte físico natural, definido pelo: relevo, hidrografia, geologia, vegetação, fauna e clima. Em seguida, é fundamental agregar a compreensão da organização social e dos processos pelos quais a sociedade se apropria da natureza, transformando-a num outro tipo de ambiente – o ambiente urbano. A integração desses conhecimentos permite desvelar a estreita relação entre os dois pólos da equação, evidenciando a inter-relação da qual se falava nos parágrafos anteriores. Praias, montanhas, florestas, bosques, campos, rios, várzeas, fundos de vale, pântanos, banhados, parques, praças, largos, calçadões, ruas, calçadas e avenidas, prédios e

espaços públicos são geralmente os seus elementos componentes. (MAGNOLLI: 1973) Do outro lado, exemplificando o espaço não-livre ou edificado, há diferentes tecidos urbanizados e privatizados, edificações, equipamentos, infra-estruturas, etc. Cada qual desempenha papéis específicos, interdependentes e complementares entre si. Note-se, porém, que mesmo nas áreas privadas existem áreas vazias (recuos, áreas preservadas, terrenos baldios, etc.) que somam ao conjunto percebido como espaço livre de edificação e interferem na percepção e regulação do ambiente urbano. Toda cidade é uma porção do território desenhado, parcelado e apropriado pelos grupos e indivíduos historicamente em disputa, cuja síntese define e regulamenta os usos possíveis, permitidos, tolerados ou proibidos desses espaços.

Um sistema de espaços livres públicos pressupõe mais do que um conjunto de espaços diferentes em termos de escala, funções e usos. Apesar do número e diversidade de espaços, um sistema evidencia-se por uma estrutura na qual os componentes se organizam de maneira hierarquizada para melhor atender aos propósitos que definiram a sua concepção. Ainda que não tenha sido planejado sob premissas claras desde sua origem, a evolução do sistema pode assumir determinados objetivos e/ou reformulá-los, conforme se desenvolve o processo de urbanização e a percepção da população sobre a relação natureza/sociedade/cidade. Para isso é determinante que as pessoas possam perceber e refletir sobre a trajetória dessa relação, ampliando seu conhecimento sobre as dinâmicas de transformação do território e da paisagem, assim como sobre as artes, os saberes e os processos tecnológicos que permitem seu desenvolvimento.

2.3.2 Espaço, Paisagem e os Espaços Livres Urbanos

A paisagem pode ser considerada como resultante das relações entre processos sociais e processos naturais (MAGNOLI, 1982). A paisagem é também um sistema “[...] na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, que equivale a uma alteração morfológica parcial ou total” (MACEDO, 1999). A paisagem é, portanto, sempre dinâmica, ou, nas palavras de Milton Santos (1989): “a paisagem é a acumulação desigual do tempo”.

Concorda-se com Santos quando afirma que paisagem e espaço não são sinônimos; o espaço, categoria fundante da geografia, apresenta categorias analíticas internas: o lugar, a região, o território e a paisagem. Porém, sobretudo para a área de

paisagismo, é preciso avançar para além da visão santosiana da paisagem quando diz que “a rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão [...]”. A paisagem é, pois, um sistema material “[...] e o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.” (SANTOS, 1996).

Reduzir a paisagem a um sistema material, à dimensão visível dos sistemas de objetos que constituem os lugares e regiões não permite apreender, sobretudo na escala do lugar, a própria inteireza da dimensão qualitativa desta “visibilidade” que caracteriza a noção de paisagem. O sistema de ações – integrante do espaço - ao se realizar, marca a paisagem, se visualiza direta ou indiretamente nas diferentes paisagens. Para um mesmo sistema de objetos, podemos ter diferentes estados da paisagem, exatamente quando nele se realizam diferentes sistemas de ações, além da evidente questão da periodicidade em que se estabelecem os fenômenos naturais (noite e dia, chuva e sol, verão e inverno, entre outros).

Uma paisagem urbana, como, por exemplo, a da Av. Paulista em São Paulo, apresenta diferentes estados – “*situ-ações*”, seja pela simples questão de ser dia ou noite, seja pelas ações que diretamente se realizam sobre seu sistema de objetos (passeios, mobiliário urbano, leito carroçável, edifícios lindeiros, sinais gráficos, etc). A paisagem da Av. Paulista é uma nos dias de semana e outra aos domingos, é uma nas situações do cotidiano de trabalho, é outra em dias – cada vez mais freqüentes no presente – de manifestações políticas. Não se pode abstrair da paisagem da Av. Paulista a presença física maior ou menor das pessoas e dos veículos, caso assim procedesse estaria se abdicando da própria leitura estritamente visual daquela paisagem, para não falarmos de seus significados.

As relações entre sistemas de objetos e ações não apenas constituem o espaço, mas também as paisagens. As paisagens não somente abrigam os eventos resultantes dos sistemas de ações, como por eles se qualificam e, dialeticamente, os especificam. Neste sentido podemos nos aproximar da noção proposta por Péguy (1957) de “paisagem-evento”. Propõe-se assim, nesta pesquisa, que o entendimento da paisagem se dê pelo entendimento da paisagem-evento, pela compreensão da paisagem como um sub-sistema de objetos – em uma dada porção contínua do espaço - em interação dialética com um sub-sistema de ações.

Para ler a paisagem não basta uma “visão de sobrevôo” (MERLEAU-PONTY, 1945), é necessário, segundo Péguy (1957), uma visão de baixo, de dentro da paisagem e em movimento. É preciso perceber a paisagem, num primeiro momento fenomenológico, “desarmado” de categorias analíticas estabelecidas aprioristicamente, evitando-se “pré-juízos”, deixar-se surpreender com a paisagem, “des-cobrir”. Conforme Besse (2000), em ensaio sobre a filosofia e a paisagem segundo Péguy, é preciso “experimentar a paisagem”; ou, no sentido metodológico preconizado por Bergson (1959), “intuir” qualitativamente a paisagem, muito mais do que induzir ou deduzir. Este é o primeiro, e não menos importante momento da compreensão da paisagem.

A paisagem apresenta-se, pois, como fragmento do espaço – total, podendo ser apreendida, numa primeira instância, por sua dimensão perceptível – sensorial – geral e não apenas visual para a própria ação cotidiana, ou para um primeiro nível da análise fenomenológica merleau-pontyana. Num segundo momento - de natureza geográfica *stricto sensu* - podemos ler racionalmente a paisagem buscando compreender as relações entre os processos que a engendra. O âmbito paisagístico *stricto sensu* constitui-se num terceiro nível, analítico, onde a compreensão da paisagem não abdica, também, da importância da análise morfológica (MACEDO), inclusive morfométrica, para compreensão do sistema de objetos, incluindo seus aspectos estéticos, e possibilita analisar relações entre formas, usos, impactos e valorações. Num quarto momento – de natureza paisagística *lato sensu* - podemos interpretar a paisagem, num movimento de sínteses, a partir de sua evocação de sentidos – *aesthesis* – em interação com o entendimento das formas espaciais concretas e das diversas apropriações pelos diferentes homens, empresas e instituições, abrangendo seus significados simbólicos, suas representações. Desta maneira, pretende-se confrontar os sistemas de objetos e ações constitutivos das paisagens. E neste caminho metodológico, têm-se condições para a compreensão crítica da paisagem e para contribuições propositivas sobre ela tendo como objeto balizador os espaços livres urbanos.

2.3.3 Espaço, Lugar e os Espaços Livres Urbanos

O referencial teórico tem como um de seus princípios a geografia nova de Milton Santos. Parte-se, portanto, do entendimento do espaço como totalidade, como uma instância social, ao mesmo nível da instância econômica e da instância cultural, ideológica e política; desta maneira a dialética social não se estabelece apenas *no* espaço, mas se

realiza *com* o espaço. Compreende-se o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Desta postura decorrem os elementos gerais de uma análise espacial dialética e sistêmica: os fixos e fluxos, a paisagem e a sociedade, as horizontalidades e verticalidades, a tecnoesfera e a psicoesfera, os embates entre o lugar e o mundo (SANTOS, 1996), entre as racionalidades hegemônicas e comunicacionais na constituição dos lugares (QUEIROGA, 2001).

Os lugares, como uma das categorias analíticas do espaço, constituem espaços da co-presença, do acontecer solidário (SANTOS, 1996) – organizacional e orgânico. Os lugares, mais do que nunca, são onde se realizam as ordens globais, mas são também espaços de resistência, onde colidem as diferentes racionalidades, sistêmicas e comunicacionais (HABERMAS, 1981), constituindo-se, na dialética da cotidianidade, espaço para a surpresa, não apenas para a manutenção do modo de produção dominante. Ainda que o referencial teórico desta pesquisa se fundamente na geografia crítica, não há porque negar a possibilidade de outras contribuições, sobretudo na escala do lugar, e isso inclui leituras fenomenológicas desde que não se perca de vista a perspectiva dialética construída por Milton Santos que, afinal no célebre *A natureza do espaço* (1996), inclui a emotividade como elemento próprio ao cotidiano e ao lugar, sobre os quais se estabelecem relações topofílicas (TUAN, 1974), verdadeiras geografias da afetividade.

2.3.4 Cotidiano e Espaços Livres Urbanos

A vida humana manifesta-se no cotidiano onde se revelam os conflitos e as contradições de cada sociedade em seus diferentes momentos históricos. A produção do cotidiano na Pós-modernidade reproduz um modo de vida urbano que evidencia a cultura de massas e a globalização (CARLOS, 1996), com a padronização de procedimentos e condutas que tendem a homogeneizar os comportamentos e demandas dos indivíduos. Esta dualidade entre a individualidade particular e a própria genericidade humana de cada indivíduo que, segundo Heller (2004), caracteriza o ser humano, é exacerbada nos tempos atuais, evidenciando-se sobremaneira na produção do espaço livre urbano, ao mostrar a convivência, nem sempre pacífica, entre as esferas pública e privada, entre o contemporâneo e o tradicional, entre o indivíduo, os grupos e o coletivo. No entanto, é na vida diária que se expõem as possibilidades de transgressão destes modelos aparentemente consolidados, através das expressões pontuais que resgatam práticas

tradicionais comuns de diferentes grupos sociais criando novas formas de sociabilidade que geram lugares de encontros e apropriações imprevistas que renovam o espaço livre urbano.

2.3.5 A esfera de vida pública

A esfera de vida pública é, nas palavras de Hannah Arendt (1958), a esfera própria da *vita activa*, da ação política, entendida em sentido amplo, envolvendo a produção cultural, a construção da cidadania e parte fundamental das próprias histórias civilizacionais. Na esfera pública as diferenças e divergências têm, ou teriam a possibilidade de se apresentar por meio dos discursos comunicativos daí decorrendo o acordo político em seu sentido maior, a noção de interesse público, de bem público, constituído socialmente diante do conflito de interesses, individuais ou de grupos. Vale observar que o bem público não se confunde com a noção de bem comum, o primeiro é fruto da construção dialética da política, o segundo, se produz enquanto ideologia da classe dominante.

A esfera pública se constitui no domínio da liberdade, da instância cultural; a esfera privada se relaciona, primordialmente, ao domínio das necessidades, portanto, da instância econômica. Mas nem tudo que está além da esfera de vida privada se constitui na esfera pública, a sociedade capitalista contemporânea não apenas fortaleceu a esfera de vida privada como, também, uma esfera social. Esta esfera se caracteriza por acessos restritos a determinados grupos sociais, em que o mundo do negócio e do ócio se produz, em boa medida, para além da vida privada e aquém da vida pública.

Não se trata simplesmente de um declínio do homem público, como advogou Richard Sennet (1974), mas de uma metamorfose da esfera pública, como elemento estrutural da sociedade burguesa (Habermas, 1962). Na contemporaneidade, Habermas (2001) afirma à existência de uma razão pública, a partir da razão comunicativa, estabelecida no mundo vivido, cotidianamente, tendo, inclusive, a internet como meio para sua expressão. É possível, portanto, compreender novos modos, escalas e significados para a vida pública.

Os novos meios informacionais e telecomunicacionais não homogeneízam, evidentemente, as sociedades e suas esferas de vida, próprias a cada formação sócio-espacial. No Brasil, a apropriação privada da “res-pública” vem marcando nossa história

desde o período colonial (LEITE, 1998). Da aristocracia rural e do regime escravocrata herdou-se práticas de legitimações das desigualdades sócio-econômicas. Constrói-se uma nação de cidadania incompleta, uma esfera pública peculiar cujos conflitos se expressam nas aglomerações urbanas em geral, e, particularmente, em seu espaços livres públicos.

2.3.6 Os espaços públicos e os espaços livres, uma abordagem sistêmica

A esfera de vida pública apresenta no espaço suas formas de realização. Ainda que se propague a ideologia de que os novos meios informacionais e telecomunicacionais anulam distâncias, transformam o mundo em “aldeia global”, o espaço constitui-se em totalidade concreta: não há história, nem técnica, fora do espaço – instância e dimensão da sociedade. Não se trata de opor a nova base técnica informacional e telecomunicacional ao espaço e vice-versa. Deve-se compreender as novas relações espaciais, ou sócio-espaciais, incluindo tais tecnologias, aliás, é por esta ótica que Santos (1994) formula o conceito de meio técnico-científico-informacional ao afirmar a noção de meio. Porém, na contemporaneidade, já é impossível tratar-se de meio natural, ou mesmo meio técnico. Propõe-se, em extensão ao raciocínio santosiano, a expressão meio técnico-científico-informacional e comunicacional. Desta maneira a esfera pública se estabelece sobre o meio técnico-científico-informacional e comunicacional, mais ou menos denso, nesta ou naquela porção do território. O espaço – sistema de objetos e de ações – inclui os novos suportes técnicos que permitem as comunicações e informações teletransmitidas em tempo real. O espaço público é aqui entendido não apenas como suporte físico – sistema de objetos – onde se realizam as ações próprias da esfera pública, mas como espaço da esfera pública – sistema de objetos e de ações da esfera pública.

Chama-se de espaço público, portanto, não apenas aquele de propriedade pública (os bens de uso comum do povo, as ruas, praças, parques, os imóveis do poder público, as escolas públicas, os postos de saúde, os terminais municipais, etc.), mas todos os lugares de apropriação pública, onde se realizam ações da esfera pública. Podem ser públicos, neste sentido, espaços livres ou edificados, de propriedade pública ou privada, desde a varanda de sofisticada padaria paulistana, até um simples bar em sua periferia, uma praia em Florianópolis, uma Igreja em Belém, um Terreiro em Salvador, uma feira nordestina... No conjunto de espaços públicos de uma dada área urbana, pode-se

verificar a produção de diversas relações entre seus elementos, constituindo, portanto, num sistema de espaços voltados à esfera pública. Trata-se de um sistema bastante dinâmico, dele fazendo parte certo sistema de objetos, com maior ou menor intensidade, em função dos eventos públicos neles incidentes.

Os espaços livres urbanos, como Miranda Magnoli (1982) já definira, são os espaços livres de edificação; todos eles, quintais, jardins públicos ou privados, ruas, avenidas, praças, parques, rios, matas, mangues e praias urbanas, ou simples vazios urbanos. Tais espaços formam, nas palavras de Pinheiro (2004) um “tecido pervasivo”, sem o qual não se concebe a existência das cidades, estes estão por toda parte, mais ou menos processados e apropriados pela sociedade; constituem, quase sempre, o maior percentual do solo das cidades brasileiras, mesmo entre as mais populosas. Todos os espaços livres urbanos são objeto de interesse da área de Paisagismo, indo, portanto, muito além dos jardins (MAGNOLI, 1982).

2.3.7 Indicadores de qualidade nos espaços livres urbanos

A idéia do espaço livre público surge em oposição ao espaço privado e fechado. Segundo Leitão (2002), o espaço público se diferencia por ser o espaço exterior, aberto e público e de uso comum, tanto no sentido real e físico – a rua, o pátio e a praça – quanto no sentido simbólico onde o espaço exterior, o espaço da rua, da praça, é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver.

Em princípio, todo espaço público tem função de circulação ou de comunicação e convívio social em diversos graus; o uso ou não uso desses espaços, muitas vezes, está condicionado às suas funções, sejam aquelas propostas nos projetos originais ou vinculadas às reais ou às novas necessidades dos cidadãos (CUNHA, 2002).

Sendo assim, buscam-se entender quais as relações de sociabilidade e os anseios com relação à funcionalidade que os cidadãos buscam nos espaços públicos, especificamente as praças públicas das áreas centrais das cidades. Segundo Gonçalves (1997), o sucesso do sistema de espaços livres limites da percepção cotidiana da vida dos cidadãos, possibilitando uma maior conscientização sobre as referências do lugar e onde o olhar atento revela a construção dos signos do imaginário.

Os espaços públicos centrais costumam estar impregnados de memória, o que lhes garante um valor simbólico que ultrapassa a sua função mais visível. São nesses espaços privilegiados que estão registrados os fatos urbanos que caracterizam as cidades.

Bosi (1994 apud LEITÃO, 2002) chama a atenção para a função social da memória e é através dela que as pessoas podem, simbolicamente, recuperar o tempo que correu e aquelas coisas que quando as perdemos nos fazem sentir diminuir e morrer.

A dimensão simbólica de um lugar contribui para a sua preservação, devido ao valor histórico e afetivo que representa para a cidade e sua população.

Dimensão ambiental

Uma das características essenciais dos espaços livres urbanos é a necessidade de prover condições confortáveis. Se os espaços não são confortáveis é provável que não sejam usados. Níveis de luz solar, sombra, temperatura, umidade, chuva, neve, vento e ruído têm um forte influência em nossa experiência de uso do ambiente urbano. Estes fenômenos incidem diretamente na qualidade do ambiente natural e do microclima urbano.

Escala

A escala tem significado relativo em arquitetura e urbanismo, variando de acordo com o período histórico, com o sítio físico e com a área de influência econômica. Ouro Preto, por exemplo, tem como características principais: o período barroco, o terreno acidentado e as atividades de mineração. O porte da cidade é pequeno, mas a riqueza permitida pela economia gerou uma multiplicidade de largos e praças fronteiros às igrejas e ligados por ladeiras íngremes configuradas pelos ricos sobrados da sociedade local à época em que foram construídos.

Por outro lado, a cidade de Brasília apresenta características distintas de momento histórico, sítio e economia que resultaram em espaços públicos de grande porte. Podemos concluir que os aspectos da escala regional, da escala urbana e da escala local interferem na produção dos espaços livres urbanos.

Acessibilidade

A acessibilidade tornou-se uma preocupação real e oficial no final do século XX e passou a ser atendida, tanto em termos dos edifícios como em relação aos espaços públicos. Quanto ao acesso físico nos espaços urbanos, devemos considerar três pontos, privilegiando a acessibilidade do usuário: a comunicação das áreas públicas com outras partes da cidade, o sistema de caminhos dentro do próprio espaço público e o acesso deste aos edifícios.

2.3.8 Espaço público e cidadania

Como construir o espaço público, onde são reconhecidos os direitos e os deveres dos cidadãos?

As tendências contemporâneas do projeto urbano enfatizam o espaço livre e público como o principal elemento estruturador das cidades, pois é nele que se constrói a cidade e a cidadania. Porém, de acordo com Gonçalves (1997), a melhoria das condições desses espaços depende de outros fatores, como a melhoria das condições de distribuição de renda, o acesso à educação, saúde, habitação, trabalho e lazer por parte da população em geral e, por fim, a não exclusão de uma ou de outra classe social.

Observa-se em algumas cidades, principalmente metrópoles, um processo de esquecimento, de abandono e de degradação, principalmente pelo uso do extensivo do automóvel que impede a apropriação do espaço por parte da população, mais especialmente as crianças, os adolescentes, os idosos e os deficientes físicos, ou mesmo qualquer pessoa que dependa de outro meio de transporte para o seu deslocamento, gerando outro tipo de exclusão social e desrespeito à cidadania (GEHL; GEMZOE, 2002).

O acesso a parques, praças, canteiros, ruas, avenidas e largos, entre tantos outros, incluindo as áreas de preservação permanente, as florestas, os bosques, rios, córregos, lagos, dunas, mangues, bordas de rios e mares em área urbana também se constituem em direitos constituídos aos cidadãos.

Até esta etapa do trabalho foi possível estudarmos diversas questões relativas aos centros urbanos e aos espaços livres públicos, oferecendo uma idéia bastante clara a respeito de cada um dos assuntos, principalmente no âmbito nacional. Cabe agora alcançarmos o entendimento sobre as praças públicas.

2.4 Praças Públicas

As praças públicas são os espaços urbanos entendidos a partir da localização e de seus limites, que definem sua territorialidade. A marcação desse território acontece não apenas por limites geográficos ou referenciais visuais, mas pela apropriação do espaço por um grupo que desenvolve atividades específicas, dando-lhe uma identidade.

A praça, assim como o largo e a rua, são lugares onde as pessoas circulam, se vêem e são vistas; onde é possível, além de transitar, descansar, tomar um café ou simplesmente estar (AFONSO,1999).

Além disso, as praças são importantes peças públicas no tecido urbano. Elas nascem do estar-junto por razões políticas ou comerciais e, como o lúdico é inerente ao ser humano, o estar-junto traz simultaneamente o jogo, a conversa, a música e outras trocas simbólicas (GASTAL, 2006).

Vaz (2003) trata a praça pública, em particular a praça pública central, como cenário onde os usuários atuam nos papéis de ator e espectador e os indivíduos que penetram sobre o lugar e a ação que se tem passado são imediatamente submissos à condição de estar em público.

A maioria das praças públicas, no Brasil, apresenta uma ou mais funções: o cruzamento, a feira, o estacionamento, o lazer, o acesso à estação rodoviária. Além disso, a praça pública central é um signo de referência onde se realizam os encontros. Isso se torna visível, segundo Vaz (2003), em razão de sua forma arquitetônica e de sua localização, tornando-se uma referência para o habitante e o visitante graças à sua legibilidade e à sua história, significando um espaço que organiza o tecido urbano a partir de um centro.

Quanto às tipologias espaciais, as praças podem ser divididas, segundo Gehl e Gemzoe (2002), em: Praça Principal, praça central em uma cidade ou bairro; Praça Recreativa, espaço público com a função principal de lugar de encontro ou atividade de lazer; Passeio Urbano, espaço que oferece mobiliário urbano de descanso; Praça de Tráfego, cuja função principal é facilitar a circulação do tráfego, assim como o intercâmbio entre diferentes meios de transportes e Praça Monumental, espaço público com grande importância simbólica, devido especialmente ao seu porte.

As praças públicas podem apresentar várias formas de uso: como alternativa para a amenização das condições climáticas, da qualidade do ar e insolação, como espaço destinado ao lazer, como espaço articulador da circulação de pedestres; como área de lazer passivo e ativo, como local de convivência dos moradores das proximidades, possibilitando atividades recreativas e encontros. Equipamentos como quadras esportivas, brinquedos infantis, anfiteatros e bancos, convencionais ou estilizados são os elementos que facilitam sua utilização por parte dos moradores e visitantes. A seguir, apresentamos conceitos de praça pública, definições, funções e atividades realizadas nas praças; sua evolução ao longo da história, no mundo e no Brasil. Finalizando, aprofundaremos os conceitos de sociabilidade, identidade, apropriação, morfologia e elementos que compõem as praças públicas.

2.4.1 Definições de Praça

Alguns designam por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas e para Camilo Sitte, desde 1889, essa circunstância é apenas suficiente em termos de higiene ou de outras considerações técnicas, mas, sob o ponto de vista artístico, responsável pelo efeito estético, um terreno vazio não é uma praça. Além disso, como objeto físico, limitado no território da cidade, a praça deve guardar um senso de objeto carregado de símbolos. Tradicionalmente, a praça é o local de encontro com funções de lazer, ligadas ao conceito de tempo livre e aos acontecimentos da vida da cidade, sejam de caráter político, econômico, cultural e outros (CUNHA, 2002). Numa praça, de acordo com Panerai (2006), pode-se ter uma feira, um estacionamento ou pode-se levantar as tendas de um parque de diversões e ela continua sendo uma praça, ou melhor, ela permanece sendo esta praça que ninguém confunde com a rua que lhe dá acesso, com o bulevar ou com o jardim público. Segundo Lamas (2004), a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência dos acontecimentos, das práticas sociais, das manifestações de vida urbana e comunitária, do prestígio e das funções estruturantes e arquiteturas significativas. Ainda, segundo o autor (2004), a praça é o elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano e da arquitetura e também o cenário, o espaço embelezado e a manifestação de vontade política e de prestígio. Com relação a sua origem, é na ágora grega que a praça surge, mas no Brasil, a origem das praças está ligada, geralmente, aos adros coloniais em frente às igrejas que eram, em geral, espaços sem vegetação e serviam para comércio, festas religiosas e manifestações públicas.

Neste estudo consideramos a praça como sendo o espaço livre público destinado ao lazer, ao convívio da população e à contemplação da paisagem urbana. As praças podem assumir outras definições além destas citadas anteriormente, mas consideramos estes usos, a acessibilidade e a carga simbólica como os principais elementos observados nas análises elaboradas nesta pesquisa.

2.4.2 Funções

A adequação funcional e a morfologia da praça pública permitem sua utilização para esta ou aquela finalidade (MACEDO, 1995). Assim, espaços urbanos com diferentes formas cumprem variadas funções, tais como: social, ambiental, estética, educativa e psicológica.

Para Santana (2005), estes espaços podem ser utilizados com outro sentido, tais como: passagem, espaço de reivindicações, lazer, contemplação e religiosidade e, para a realização destas atividades, deve conter mobiliário urbano e equipamentos que promovam sua utilização nas mais diferentes formas e horários e para os mais distintos usuários.

Segundo Lynch (1988), a praça é um dos elementos fixos que marcam concretamente as cidades como lugares que orientam o traçado do deslocamento dos fluxos. Os usos ativos e passivos que nela se encontram são atividades que categorizam os espaços em termos funcionais e os qualificam pela sua intensidade na área pública e poder de atração sobre os usuários (CUNHA, 2002).

Macedo (1995) destaca que os elementos que definem os espaços livres são os mesmos em qualquer lugar. Construções, edifícios, muros, escadarias, vegetação, formas de relevo, águas, seres vivos, veículos e mesmo os seres humanos, todos colaboram diretamente na composição destes espaços, variando sua participação de acordo com o contexto e o lugar em que se inserem, formando planos, paredes e pisos e constituindo lugares de vivência, de contemplação, conservação e encontro. Outra característica fundamental a ser evidenciada é o uso e seu tempo de utilização. Segundo Vaz (2003), a praça pública central é um dos lugares onde a intensidade da frequência no

cotidiano se distingue da maioria dos outros espaços públicos urbanos.

Fatores que indicam as possíveis funções das praças (LEITÃO, 2002):

1) características do entorno: função urbanística que o espaço vai desempenhar, entorno imediato e raio de influência;

2) nível sócio-econômico da população: uma praça pode vir a suprir a necessidade de diversão de uma comunidade;

3) a importância simbólica: graças à importância que tem, tanto para memória coletiva da cidade quanto para a vida pessoal.

Quadro 1: Funções das Praças

De acordo com Leitão (2002), as praças podem assumir as seguintes funções:

a. **Estar:** espaços que a população usa para jogar dominó, para conversar com amigos e para passar o tempo;

b. **Descanso:** espaços onde as pessoas param para descansar entre um e outro expediente e para proteger-se das variações climáticas;

c. **Lazer:** locais para os quais a população se desloca para se divertir e para desfrutar o tempo livre;

d. **Esporte:** locais destinados à prática de esportes;

e. **Contemplação:** espaços para desfrutar a paisagem;

f. **Festa:** onde acontecem celebrações populares tanto de caráter religioso quanto profano;

g. **Estética:** espaços que, graças à qualidade estética do projeto, permitem a diversificação da paisagem construída e embelezamento da cidade;

h. **Educativa:** praças que se oferecem como ambiente para desenvolvimento de atividades extra-classes e de programa de educação.

A rigidez formal de um projeto paisagístico pode impedir que um espaço livre sobreviva às transformações urbanas, comprometendo a implantação e uso de uma praça

ou parque (AFONSO, 1999). Os projetos de espaços livres públicos devem ser flexíveis para que sejam utilizados por todas as faixas etárias da população.

Robba e Macedo (2002) destacam três valores fundamentais nas praças da cidade contemporânea: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos e simbólicos. Esses valores se convertem em funções que as praças desempenham nas cidades e são apresentados a seguir:

a. Valores ambientais:

a. Melhoria na ventilação e na aeração urbana;

b. Melhoria da insolação de áreas muito adensadas;

c. Ajuda no controle da temperatura;

d. Melhoria na drenagem das águas pluviais com superfícies permeáveis, que absorvem parte das águas e diminuem sua velocidade de escoamento, devido à rugosidade das superfícies plantadas evitando, assim, enchentes;

e. Proteção do solo contra a erosão;

f. Proteção e valorização dos mananciais de abastecimento, dos cursos d'água, lagos e represas contra a contaminação e poluição.

b. Valores funcionais:

a. Do ponto de vista funcional, as praças são uma das mais importantes opções de lazer urbano.

c. Valores estéticos e simbólicos:

a. As praças também são simbolicamente importantes, pois se tornam objetos referenciais e cênicos na paisagem da cidade, exercendo importante papel na identidade do bairro e da rua.

2.4.3 Atividades nas praças

Gehl (2006) classifica as atividades realizadas nas praças e nos espaços públicos, em geral, em três tipos: atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais:

a. **Atividades necessárias:** inclui a maior parte das atividades relacionadas com a ação de caminhar e não dependem tanto do entorno externo e das condições climáticas. Exemplos: ir ao colégio, ao trabalho, sair às compras, esperar ônibus e tarefas cotidianas;

b. **Atividades opcionais:** aquelas em que se participa se existe o desejo de fazê-la ou se o tempo e o lugar permitem; estas atividades só se realizam quando as condições externas são favoráveis. Exemplos: dar um passeio para tomar um pouco de ar fresco, passar o momento desfrutando a vida e sentar-se e tomar sol;

c. **Atividades sociais:** são todas que dependem da presença de outras pessoas; o caráter destas atividades varia dependendo do contexto em que se produzem. Exemplo: jogos infantis, cumprimentos, conversas, diversas classes de atividades comunitárias e contatos de caráter passivo, além de ver e olhar as outras pessoas.

2.4.4 Histórico das Praças no Mundo

Para compreensão da praça no momento atual é necessário entender o seu surgimento como elemento da morfologia urbana nas diversas civilizações no decorrer da história e a sua contribuição para a evolução das cidades.

Conforme Vargas (2001), a ágora configura-se como espaço plano aberto onde eram praticadas atividades comerciais e de encontro. Com o passar do tempo adquiriu outra configuração passando a ser um espaço aberto cercado por edifícios monumentais. Essa nova forma contribuiu para o isolamento do entorno urbano. Até o século V a.C a ágora se manteve com a forma irregular, posteriormente começou a ser inserida no desenho urbano com forma retangular, ordenada a partir do próprio traçado viário das cidades.

Segundo Vargas (2001), com o objetivo de deixar o espaço mais fechado para isolá-lo do ambiente da cidade, as ágoras romanas adotaram o plano axial para dar monumentalidade ao espaço. O ambiente público fechado por edifícios possibilitava o isolamento da cidade e proporcionava um clima de tranqüilidade para a área.

Para Kato (*apud* VARGAS, 2001) a evolução do desenho da ágora grega até chegar ao modelo de espaços fechados foi determinante como modelo para as praças modernas nos países ocidentais.

Já o Fórum Romano foi fundado como símbolo da união de várias tribos estrangeiras que habitavam as colinas próximas de Roma. Com a função de mercado comum, era um lugar de assembléia e disputas atléticas e gladiatórias; no início, era um local aberto com traçado complexo que o diferenciava da ágora. Continha santuários, templos, prédios da justiça, casas do conselho. A simplicidade desse espaço o tornava facilmente adaptável a várias funções, os espaços abertos eram circundados por majestosas colunatas, onde os oradores podiam dirigir-se a grandes multidões.

A transição de espaço aberto para espaço fechado e completo do Fórum se deu por volta de 310 a.C, quando a fisionomia de Roma lentamente mudava, deixando de parecer uma cidade de interior super crescida; nessa época, os mercados cresciam e se especializavam, as tendas dos açougueiros cediam lugar para as bancas dos cambistas. Algum tempo depois, Roma ganhou um grande mercado central de alimentos e Vitruvius, arquiteto e urbanista romano, determinou que o tesouro, a prisão, a casa do conselho deviam ficar junto do Fórum. No decorrer do tempo foram feitos vários acréscimos no fórum. Vitruvius pretendia que as dimensões do espaço fossem ajustadas à audiência, na proporção ideal para o uso, sem atravancamentos. Na cidade havia centros semelhantes e subordinados, mas era ali no “Fórum Romanum” onde as coisas aconteciam, não apenas de Roma, mas do Império. Ali, naquele espaço sem muros com arcos triunfais que serviam como entrada ficava o centro da vida pública, onde multidões se reuniam para ver os chefes militares passarem (MUMFORD, 1982).

A praça medieval nasce e desenvolve-se com a cidade, configurando-se em um elemento orgânico inerente a sua composição. As funções mais relevantes das praças medievais são as cívicas, as sociais, as religiosas e as comerciais, quase sempre coexistindo todas elas (VARGAS, 2001). Como espaço aberto e público, a praça medieval se prolongava pela rua, possuindo forte ligação com o mercado (local de trocas). A praça geralmente surgia de espaços vazios na estrutura urbana, sem indicação de projeto prévio dividindo-se em praça do mercado e praça da igreja (adro), ou o */pravis/* medieval. (LAMAS 2004, p.154).

Dodi e Chiusoli (1995 *apud* DE ANGELIS, 2005) relatam que as praças medievais eram freqüentemente separadas segundo suas funções: praça religiosa, praça cívica, praça de mercado enquanto Duker (*apud* DE ANGELIS, 2005) classifica as praças

medievais em cinco categorias distintas: adro da igreja, praça como centro da cidade, praças agrupadas, praças de entrada da cidade e praças de mercado.

A partir do século XIII, a praça maior surge nas cidades hispânicas e hispano-americanas como elemento central do urbanismo; localizava-se longe do tecido urbano, fora dos muros dos castelos. Com a freqüência abundante de pessoas nesses mercados, começaram a surgir edificações em seu entorno, surgindo assim uma área urbanizada. As funções da praça maior evoluem ao longo do século XIV, além de ponto de mercado passa a ser lugar de reunião e contato social dos habitantes das cidades. A praça maior encontrou seu apogeu no século XV, quando passou a ser utilizada como cenário de reuniões públicas de grande importância, como espetáculos profanos, jogos, touradas, representações teatrais, atos sacramentais, prática de justiça. Com o surgimento do Renascimento passou a ter forma retangular passando a fazer parte da unidade urbana (DE ANGELIS, 2005).

A vida na praça pública, no fim da Idade Média e no Renascimento, era intensa, não havia lugar para a cultura religiosa ou aristocrática; o riso, o escárnio, a festa eram dominantes. Todos se misturavam, tornando-se difícil distinguir artistas de burgueses. Ali, camelôs vendiam drogas, os pregões de Paris eram colocados em versos e cantados em diversas melodias. No dizer de Mikhail Bakhtin: “A praça pública no fim da Idade Média e no Renascimento formava um mundo único e coeso, onde todas as tomadas de palavra possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade” (SEGAWA, 1996, p. 33).

A praça de armas por possuir características similares com a praça maior como: morfologia, grandes espaços abertos, espaço utilizado como mercado é considerado uma variante da praça maior. A praça de armas apresentava-se de duas formas distintas, a primeira é a praça como centro da cidade fortificada, de onde saiam vias com direção aos portões e lugares de defesa; era utilizada para festas, mercados e feiras. A segunda, chamada de esplanadas, era uma área descampada, localizada fora dos muros da cidade e próxima de alojamentos e campos militares, onde eram praticados exercícios de guerra (DE ANGELIS, 2005).

Marcado pela oposição ao estilo gótico e medieval surge em Florença, o Renascimento. Nesta época foi descoberta a ciência da perspectiva e a imprensa foi inventada, permitindo assim que as idéias dos arquitetos fossem exemplificadas antes de

serem construídas. É nesse período que a praça se apresenta de forma definitiva na estrutura urbana, consolidando-se como elemento essencial do desenho urbano e da arquitetura. Ao contrário do vazio urbano do adro em frente à igreja, do largo do mercado, a praça renascentista é compreendida como lugar público essencial; ganhou elementos novos como: obeliscos, estátuas, fontes, que contribuíam para embelezamento do espaço que passou a ser também cenário para acontecimentos da vida social, para manifestação de poder, adquirindo valor funcional, político-social, e também simbólico e artístico. Podiam ser delimitadas por edifícios públicos, igrejas, palácios, filas de habitações (LAMAS, 2004).

O Renascimento transferiu a maioria de suas características para as cidades barrocas. A preocupação com a estética marcou essa época, e, do século XVI ao XIX foram construídas as principais cidades novas como: Versalhes, Karlsruhe e Postdan. Estas cidades foram concebidas como “cidades residências” para abrigar reis e príncipes. Nessa época o engenheiro militar tinha como meta construir uma cidade com um “trabalho limpo”; para isso, não poupava esforços em destruir todos os obstáculos dos terrenos, mesmo que fossem habitações humanas, igrejas, praças, monumentos preciosos sem levar em conta os hábitos e relações sociais, apagando assim um passado histórico.

A formalidade das cidades medievais mais antigas foi substituída por linhas retas, quarteirões regulares, exceto onde as ruas diagonais transformavam os quarteirões em polígonos irregulares, características que marcaram a cidade barroca. A nova ordem era a praça aberta ou cercada, caracterizada com suas avenidas e ruas cortando indiscriminadamente, os elementos do traçado urbano existente (MUMFORD, 1982).

Para Mumford (1982), os clichês barrocos perduraram até o século XX, citando como exemplo a abertura da Sétima Avenida cortando o único bairro histórico de Nova Iorque, destruindo assim a sua integridade e caráter.

O autor relata que as praças no período Barroco caracterizavam-se por ter estabelecido vias axiais na estrutura da cidade, e por ser um lugar onde os eixos viários eram desviados. Possuíam escalas grandiosas com formas, freqüentemente, geométricas. Ao contrário dos espaços fechados das praças renascentistas, a praça barroca era aberta, tornando-se uma extensão do pátio do palácio.

Segundo Lamas (2004), o monumento é uma peça arquitetônica, escultórica e individual. Apesar de já existir na Grécia e na Roma antiga onde se apresentava de forma tímida, como esculturas, para completar ou encher um espaço vazio, encontrou seu momento de glória no Renascimento, por isso por muitas vezes é considerada uma invenção renascentista. No Renascimento algumas dessas esculturas romanas como a estátua equestre de Marco Aurélio, na Praça do Campidoglio, a coluna de Trajano e outros, foram utilizadas como monumento.

O Renascimento e o Barroco tratam o espaço urbano como lugar para obras significantes e simbólicas, atribuindo a elementos, como fonte e chafariz, um significado maior que a sua função. O monumento surge pontuando e fazendo parte das praças e da sua significação, além de deixar como herança a sua importância como gerador do espaço urbano. A partir do Renascimento e do Barroco a forma da cidade européia evoluiu, além de lugar de vida e abrigo, seria também lugar de atuação político-social, de significações e ostentação de poder (LAMAS, 2004).

Este breve histórico mostrou que com a evolução desses espaços vieram novas formas e significados; no entanto, o que não mudou foram as relações sociais existentes nesses espaços da àgora até os dias atuais.

2.4.5 Praças no Brasil

Os estudos a respeito das praças brasileiras em sua maioria, iniciam-se descrevendo o surgimento desses espaços nos primeiros assentamentos do Brasil colônia. No entanto, quando os portugueses chegaram ao Brasil já encontraram os índios com seus costumes e cultura. Livros de história retratam, através de gravuras, ocas ao redor de um grande espaço vazio central onde os índios praticavam diversas atividades, o que sugere ser o início do conceito desses espaços no Brasil.

Segundo Kohlsdorf (2002), as aldeias dos índios eram compostas por cabanas que delimitavam uma grande área central. Era nessa área, uma espécie de praça, que aconteciam cerimônias e encontros cotidianos. A variedade de acontecimentos dependia do tipo de vida social de cada tribo. Única “praça” no local, as entradas das cabanas voltadas para o centro convidavam as pessoas ao encontro, o que tornava o espaço público. A apreensão é facilitada pelo amplo campo de visão que caracteriza a percepção dessa unidade morfológica e pelos caminhos que dão acesso às cabanas. A identidade

cultural dos espaços livres públicos dos índios brasileiros é composta por esses elementos.

Marx (1980) relata que a praça no Brasil colônia se consolida como a extensão da igreja. A fundação das cidades brasileiras se dava a partir da doação de área de sesmaria para um santo, com o compromisso de construir, na área doada, uma capela e implantar uma paróquia. Na época, a trama viária da cidade brasileira era articulada pela sucessão de largos, pátios e terreiros. As ruas e praças possuíam formas irregulares; com o tempo, a ligação do edifício religioso com a praça ia se aprimorando; posteriormente, outros edifícios importantes foram implantados no entorno das praças, mas nenhum ultrapassou a importância da igreja.

O autor relata que nas povoações antigas, uma igreja e uma praça era regra geral. Os templos religiosos garantiam uma grande área em sua frente, que servia como acesso aos membros da comunidade, saída e retorno de procissões, representação dos autos da fé. Esses espaços abertos “praças” além de atender às atividades religiosas, atendiam também às atividades mundanas como de recreio, de mercado e de caráter político e militar. As igrejas foram importantes para a morfologia da cidade tradicional e determinantes para a vida e história de várias cidades brasileiras. Como exemplo de espaços públicos que serviam de adro a igrejas importantes têm o Terreiro de Jesus, em Salvador, e a Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro.

Segundo Robba e Macedo (2003), a praça do Brasil colônia era chamada de largo, terreiro ou rocio, se apresentava como um espaço polivalente onde ocorria a interação de vários segmentos e a territorialidade da população colonial era manifestada através dos hábitos e costumes da população. E ali que “os fieis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres sua pobreza”.

No que se refere às praças cívicas, Marx (1980) relata que esses espaços caracterizavam-se por sua localização em frente de prédios públicos importantes. Poucos desses espaços fizeram parte de nossa história. Os prédios onde se instalavam as sedes do governo ou as câmaras municipais eram, na maioria das vezes, alugados, e quando construía prédios com o objetivo de atender às necessidades do governo, eram construções simples, sem monumentalidade para ostentar o poder público, não mereciam ficar em um lugar significativo como a praça.

A primeira praça cívica do Brasil foi à praça municipal de Salvador, localizada no centro da nova cidade projetada, voltada para mar; o local reunia a casa de câmara e cadeia e o paço do governador da colônia, os negócios da fazenda e a alfândega. Posteriormente, no Rio de Janeiro surgia outra praça cívica, a Praça XV de Novembro, também voltada para o mar, apesar de não ter sido concebida para tal; a igreja ali existente serviu de catedral ao paço dos governantes da colônia e do império. Outro exemplo mais recente de praça cívica planejada para abrigar os edifícios da República é a Praça dos Três poderes em Brasília.

Para Marx (1980), outro tipo de praça que existiu em nossos centros urbanos, no passado, foi a praça com função militar. Nesses espaços se reunia a tropa, apresentava as armas, e aconteciam desfiles quando havia espaço. Restaram alguns exemplos: Campo Grande, em Salvador, perto do forte de São Pedro e Campo de Santana no Rio de Janeiro, atual Praça da República.

Sobre os jardins, Robba e Macedo (2003) esclarecem que eram raros nas cidades coloniais brasileiras; apareciam nas propriedades religiosas ou nos quintais das residências, existiam também alguns hortos e jardins botânicos que tinham objetivos comerciais, científicos e de pesquisa da flora nativa. Copiando o modelo europeu de espaços ajardinados, destinados ao uso coletivo e conservando as características dos jardins palacianos, como áreas de contemplação, meditação e passeio, foi implantado, no Rio de Janeiro, o primeiro Passeio Público do Brasil. Como o Brasil não possuía uma classe burguesa nos moldes da Europa, que exibisse riqueza e poder, o lugar tornou-se ermo, vazio, inseguro e pouco freqüentado.

Com a degradação dos recursos naturais, nos últimos tempos, o verde ocupa um papel importante para a preservação do meio ambiente. Para tratar do tema praça é essencial compreender quando começou a inserção de vegetação nas áreas urbanas das cidades brasileiras. Robba e Macedo (2003) relatam que, na metade do século XIX, as áreas ajardinadas passaram a fazer parte de forma efetiva das edificações e dos espaços livres das cidades brasileiras. No final do século XIX e início do século XX, as edificações das elites soltam-se do lote nas divisas laterais, além de ganhar recuo com relação à rua e ficar envolta de jardins. Também, nessa época, as praças recebem tratamento de jardim, sendo ornadas com canteiros de árvores e flores.

No entendimento de Segawa (1996), nas primeiras décadas do século XIX, a discussão dos benefícios das árvores para a salubridade urbana era tema polêmico; a noção de salubridade tornou-se mais abrangente deixando de significar apenas saúde, passando a ser “ o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos”. A salubridade é a base para garantir a saúde dos indivíduos, e paralelo a isso, aparece à noção de higiene pública.

Robba e Macedo (2003) em relação às praças ajardinadas colocam que o seu surgimento marca a história dos espaços livres urbanos brasileiros, as atividades comerciais do largo e do terreiro do período colonial foram transferidas para edificações comerciais, as demonstrações militares ali realizadas deslocam-se para as avenidas. A aceitação desse modelo de praça como padrão de modernidade, foi fundamental para que esses espaços passassem a ser projetados. As praças e largos, mais importantes e com localização nobre, do período colonial foram reformadas recebendo tratamento paisagístico e ajardinamento. No entanto por questões políticas e econômicas as praças de bairros pobres e distantes não passaram pelo mesmo processo, eram tratadas ainda como largos e terreiros. Com o objetivo de amenizar os efeitos causados pelo processo de urbanização intensa, a vegetação fortaleceu a tipologia da praça ajardinada, a grande maioria dos espaços livres públicos no Brasil utiliza vegetação.

Os autores explicam que as praças ajardinadas sofreram influência cultural francesa e inglesa onde são misturados vários estilos; esta linha de projeto de arquitetura brasileira paisagística é denominada de Eclétismo. A linha eclética influenciou jardins do final do século XVIII até grandes praças ajardinadas nas primeiras décadas do século XX. A praça eclética tinha como função a contemplação, o passeio, a convivência e o cenário.

Quanto à modernização das cidades a partir da segunda década do século XX, Robba e Macedo (2003) esclarecem que o crescimento urbano passa a ser uma realidade. Com o surgimento da energia elétrica, automóvel e modernos meios de transportes coletivos, foram solicitadas mudanças nos padrões urbanos existentes onde as ruas tortuosas estreitas são substituídas por avenidas largas e arborizadas para atender ao tráfego, consolidando assim, padrões modernos de urbanização. Outro problema trazido com a modernização foi o adensamento das cidades provocando uma diminuição significativa da quantidade dos espaços livres públicos. Esses espaços passaram a ser uma importante opção de lazer. No entanto, os programas dos parques e

praças ainda seguiam os padrões ecléticos, destinados a passeio e à apreciação da natureza, já o lazer esportivo era habitualmente praticado nas periferias pelas classes mais baixas e nos clubes pelas classes mais abastadas. Os espaços livres públicos da cidade moderna, necessitavam de áreas para lazer e mudanças no programa de atividades, não comportando mais os padrões urbanísticos ecléticos.

Os autores comentam que a partir da década de 1940, com influência de arquitetos e paisagistas modernos, como Roberto Burle Marx, Thomas Church e Garret Eckbo, parques e praças começam a ter quadras para prática esportiva e brinquedos para recreação infantil. Essa mudança entre o ecletismo e o moderno aconteceu gradativamente, e por alguns anos, houve superposição de linguagens. Os primeiros parques públicos formalmente modernos são o Parque do Ibirapuera, em São Paulo e o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro.

A praça moderna foi consolidada como espaço essencial para a vida na cidade; diante do processo acelerado de urbanização e verticalização, a população passou a valorizar cada vez mais esses espaços. A praça deixou de ser cenário e passou a ser um espaço livre destinado ao lazer contemplativo, lazer esportivo, convivência social, recreação infantil. Elementos como palcos e anfiteatros ao ar livre passaram a ser implantados com frequência (ROBBA E MACEDO, 2003).

No que se referem às praças contemporâneas, os referidos autores acreditam que as novas demandas por parte dos usuários em função do grande número de veículos e pessoas que circulam nos grandes centros, entre outros aspectos que contribuem para a degradação progressiva do ecossistema e da qualidade de vida na cidade, solicitaram uma revisão nos programas de atividades dos espaços livres públicos urbanos atuais. A atividade de mercado ao ar livre do largo colonial, banido das praças ajardinadas, voltou como recurso para atrair usuários. Em algumas praças foram implantadas atividades comerciais, como lanchonetes, camelôs, bancas de revistas. Outro recurso utilizado por paisagistas e urbanistas para solucionar o tráfego grande de pedestres nas saídas de estações de transportes, nas grandes praças centrais, foi à criação de grandes pisos e esplanadas de circulação.

A evolução da praça no contexto urbano brasileiro demonstra a capacidade de assimilação desses espaços às novas possibilidades de usos e atividades impostas pelo crescimento das cidades. Desde a época colonial as funções de comércio, circulação,

militar e recreação, cederam lugar para humanização das praças ecléticas com a vegetação. As praças ajardinadas, além do convívio social herdado da Praça do Brasil colônia, ganham novas funções como contemplação, passeio e cenário.

Quando as cidades começaram a se modernizar, a função de recreação do período colonial retorna e continuam as funções de contemplação, passeio e convívio social da praça eclética. A novidade e a marca da praça moderna são o lazer esportivo e o lazer cultural. As cidades continuaram crescendo e desencadeando um grande adensamento populacional. Novas atitudes e novos hábitos solicitam dos urbanistas e paisagistas propostas que atendam às diversas necessidades criando novas funções para esses espaços. A praça contemporânea conserva as funções da praça moderna agregando comércio, serviços e circulação como novas funções.

As praças foram se adequando às necessidades e os espaços foram evoluindo e se aprimorando com os novos elementos. O convívio social esteve presente em todos os momentos da história da praça brasileira e a vegetação marca presença desde a praça ajardinada até os dias atuais. Uma questão preocupante em alguns exemplos de praças contemporâneas, com extensos espaços áridos com grandes pisos e alamedas privilegiando grandes áreas de circulação, é que esse modelo possa vir a substituir o modelo assimilado da praça ajardinada que cultiva a inserção de verde, o que seria desastroso, visto que a vegetação é primordial para a vida das cidades. Fica claro, neste breve estudo, o papel de relevância que a praça exerce no decorrer da evolução urbana do Brasil e a importância para a qualidade ambiental urbana e a qualidade de vida dos moradores das cidades brasileiras.

2.4.6 Apropriação das praças públicas

A apropriação do espaço da cidade denota sua qualificação e é expressa pelo seu uso. A cidade, como espaço habitado, vivido, qualificado e modificado é um espaço sociabilizado e social que se torna apropriado e dá origem aos lugares da cidade (FERRARA, 2000). Além disso, a apropriação do espaço designa o conjunto de comportamentos humanos que garantem uma relação afetiva e simbólica com o ambiente espacial (LEITÃO, 2002) e se dá na exata proporção em que se multiplicam as imagens e seus imaginários.

Considerando o lugar como o ambiente que ganha significado através da ocupação ou apropriação por parte do ser humano, deve-se destacar sua particularidade individual. De acordo com Crichyno (1996), a paisagem revela um leque de diversidade nos padrões culturais e estéticos inerentes às expressões contidas no imaginário social, encontrando significados em valores e apropriações distintas.

A apropriação acontece pelo uso, seja pelo contato físico ou visual com o espaço e buscamos descobrir como é esse uso em praças públicas em diferentes situações geográficas, culturais, histórica, entre outras condicionantes. As ações de apropriação contêm a idéia de movimento, que caracteriza o ato de conhecer, como um processo permanente e sem fim de aproximação entre os indivíduos e/ou fenômenos. Cada espaço tem uma utilidade urbanística definida e usos específicos que indicam como as pessoas se apropriam desses lugares especiais que a cidade lhes oferece (LEITÃO, 2002).

Escrever sobre o que acontece nas praças destaca a face sutil e limitada da utilização desses espaços por todos. Essas áreas muitas vezes são abandonadas simplesmente porque a estrutura social, segregada e artificial, não inclui a vitalidade necessária para a apropriação verdadeiramente democrática da paisagem urbana (GONÇALVES, 1997). De acordo com Serpa (2007), os espaços que deveriam ser acessíveis a todos vão sendo apropriados de modo seletivo e diferenciados pelos diferentes agentes e grupos.

Outro ponto a ser focado é que apropriação só é considerada adequada se quem o usa considera seu o lugar, mais especificamente, quando o usuário se sente à vontade, confortável e se comunica com o espaço encontrando um espaço repleto de significados. A aceitação social e a identidade morfológica no tempo serão tanto maior, quanto mais e melhor possam ser apropriados pelos possíveis usuários (MACEDO, 1995).

Essa apropriação dos espaços pelo ser humano e para as suas necessidades e atividades, de acordo com Cunha (2002), é criada em níveis locais, setoriais, urbanos e regionais em função da proximidade espacial e fazem com que o vínculo do espaço livre seja fundamentalmente de localização com relação aos edifícios para as pessoas que circulam ou permanecem em determinado local.

Como exemplos de espaços apropriados, podemos destacar, conforme Del Rio (1995): assentos que em local público podem potencializar a conversa ou não, a projeção

da sombra de um prédio ou vegetação que define áreas humanizadas, os atributos físicos de um lugar que podem fazer com que ele fique deserto a maior parte do tempo e o desenho de uma calçada que pode levar os transeuntes a diferentes experiências perceptivas e definir áreas comportamentais. Devemos salientar ainda que em cada uma das fases do homem – criança, adolescente, adulto e idoso – “o indivíduo se comporta de modo diferente, variando a forma de apropriação dos espaços físicos para ele acessíveis dentro do contexto urbano” (CUNHA, 2002).

Em suma, as classes sociais têm interesses e necessidades diferentes, o que determina diferentes formas de apropriação de um espaço coletivo enquanto espaço público. Neste contexto, as diferentes formas de apropriação presentes nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e redes de sociabilidade fazem da praça o palco possível da vida urbana.

2.4.7 Morfologia x comportamento: algumas relações

A forma dos lugares é um fator de realização de todas as práticas sociais, materializando o potencial configurativo das intenções humanas e único porque é capaz de conceder historicidade às formas físicas (KOHLSORF, 1996). As diferentes formas dos lugares colocam condições que podem ser distintas para a sua apreensão.

O estudo da cidade a partir da sua forma, dos espaços e das formas construídas chama-se morfologia urbana e procura, portanto, caracterizar a forma urbana e interpretar a partir dela a lógica da sua organização e composição (HEITOR, 2001). Esta questão se torna importante para o estudo dos ambientes onde a apropriação dos usuários é o ajuste ou desajuste em relação ao comportamento nos espaços urbanos.

Segundo Cunha (2002), o ambiente é ajustado, quando seus componentes são harmônicos com os padrões comportamentais, havendo uma combinação entre a forma e o propósito, em consequência, os espaços públicos ajustados são muito usados pelas pessoas; já o desajuste entre o ambiente e o comportamento deriva de espaços onde os usuários não apresentam nenhuma resposta comportamental positiva, respostas contrárias ou inesperadas em relação às previstas na sua implantação.

O estudo da morfologia urbana baseia-se na “descrição das formas de um fato urbano” (ROSSI, 1995) e pretende-se considerar aqui a descrição das praças e dos elementos que a conformam, ocupando-se da forma como sendo um dado concreto que

se refere a uma experiência concreta. Essa forma permite caracterizar o conjunto como totalidade: seu perímetro, seu traçado e das vias circundantes, sua posição, seus monumentos e a localização dos equipamentos.

É relevante salientar que “a caracterização morfológica equivale à análise, pois abriga um conjunto de atividades que traz à luz a estrutura dos fenômenos, composta por características fundamentais de seus elementos e das relações estabelecidas entre os mesmos” (KOHLSDORF, 1996, p.74).

Logo, segundo Kohlsdorf (1996), a forma dos lugares é o meio mais importante de emissão de informações para a realização do conceito do espaço e, em sua recepção e interpretação, age, predominantemente, o sistema visual. Ainda, segundo a autora (1996), a análise do comportamento dos espaços urbanos, em termos de identificação e orientação das pessoas, requer que se examine sua forma a partir de seus elementos visualmente relevantes na estrutura das informações.

Lamas (2000) afirma que a morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura.

Com o estudo da forma das praças limitando-se à dimensão setorial do espaço urbano, poderemos distinguir as particularidades dos edifícios que as delimitam e as estruturam destacando alguns elementos como: fachadas, mobiliário urbano, pavimentos, cores, texturas, letreiros, árvores e monumentos.

Como fator externo da caracterização morfológica cabe ressaltar, ainda, o tipo de clima “na medida em que lhes comunica condições de luminosidade, sombra ou insolação que influem na percepção das formas” (KOHLSDORF, 1996, p.142). Esse clima tende a ser modificados pelos atributos do recinto urbano como materiais, equipamentos, usos e costumes. Contemplar as características morfológicas é importante nos estudos sobre as praças. Para Robba e Macedo (2002), devemos adotar o desenho em que cada praça considere como essencial o lugar de encontro social e pressupõem-se certos arranjos de tecidos urbanos densos e diversos onde são cruciais as ruas do entorno que trazem a gente que ocupa a praça, além disso, são vitais os acessos à praça como as esquinas e as faixas de trânsito, por exemplo. Segundo Afonso (1999), os diferentes tecidos urbanos variam segundo a forma do sitio e da ocupação do lote, dimensões, distribuição,

qualificação e usos de seus volumes construídos e plantados. Os tecidos são determinados pelas dimensões (frente, profundidade, recuos, afastamento e volumetria) e usos dos lotes (comercial, residencial, institucional e industrial); pela forma de ocupação dos recuos e afastamentos (permeáveis ou não) e pela forma como são destinados os espaços públicos (abertura de vias, construção de passeios e criação de praça e parques) (AFONSO, 1999). Compreender a estrutura morfológica significa estabelecer graus de dependência e relações entre os espaços livres e os volumes construídos, entre a forma do sítio e a forma edificada, entre os recursos naturais existentes e os impactos da urbanização. Para uma adequada compreensão deste fato, destaca-se a dimensão dos elementos que permitem verificar as partes e compreender a totalidade das praças públicas. A seguir, com as informações contidas na figura 10 baseadas em Lamas (2000), pretendemos explicar os elementos que são utilizados nas análises das praças públicas. Para concluir, ressalta-se, conforme Rigatti (1995, apud LAMAS, 2000) que a forma é resultante da utilização dos elementos da composição urbana que possuem forte interdependência e assim originam espaços que guardam relação com a cidade histórica, claramente baseados na formação de percursos, quarteirões, praças e largos.

Capítulo 3: ESTUDOS DE CASOS

Neste capítulo, primeiramente vamos tratar das questões necessárias para o entendimento dos casos estudados na leitura e na caracterização do contexto espacial onde estão localizados e, em segundo momento, a descrição individual das praças analisadas, de modo a identificar os fatores que contribuíram para a apropriação de cada uma delas, posteriormente nas análises.

O contexto é um componente nobre do projeto urbano bem sucedido, por esse motivo vamos identificar o contexto de cada praça em estudo. Para isso tornou-se imprescindível mostrar a localização das praças na cidade, suas vistas e a descrição do entorno, além de uma identificação morfológica do lugar.

3.1 Por que diferentes estudos de casos?

Buscamos descobrir na pesquisa as qualidades que norteiam a apropriação social das praças públicas centrais na cidade contemporânea de Maringá. Para melhor compreensão deste fenômeno buscou-se elucidar as dimensões socioculturais e políticas das praças em contextos distintos, possibilitando abarcar uma variedade maior de condicionantes.

Assim, tratando-se de diferentes praças localizadas na região central da cidade, cada uma com identidade própria, devemos reconhecer as lógicas decorrentes e reunir as impressões de pessoas ou grupos de diferentes estruturas etárias ou socioculturais sobre determinada situação, no caso, a apropriação das praças públicas centrais.

A apropriação já revela uma realidade urbana, social e cultural específica. O que interessa, nesta pesquisa, é fazer emergir a partir da análise das práticas de apropriação, as diferenciações sociais e culturais nos diferentes contextos analisados. Segundo Vaz (2003), a comparação procura revelar as qualidades do lugar que favorecem os acontecimentos que exprimem a regra, a ruptura da regra ou a distanciamento.

Foram necessárias informações sobre localização geográfica, condições físicas, vegetação e entorno que permitiram reconhecer e admitir a singularidade e variedade dos usos das praças públicas. Dentro de certos limites (regionais, climáticos e sociais) essas características podem influenciar em quantas pessoas e acontecimentos usam o espaço

público, quanto duram cada uma das atividades e quais tipos de atividades podem desenvolver-se (GEHL, 2006).

Cabe ressaltar que a análise das particularidades pôde revelar variáveis de pesquisa pertinentes para apreender uma cultura e uma cidade, além da visão da realidade das pessoas diferentes umas das outras, dependendo da origem familiar ou da formação cultural.

Ao analisar a cidade como um espaço simbólico foi possível reproduzir diferentes idéias de cultura e de inter-subjetividade relacionando sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos (SERPA, 2007). O comportamento dos freqüentadores deve revelar os aspectos da cultura que denotam os traços da colonização e essas diferentes origens não se submetem à hegemonia da cultura urbana que privilegia o usuário da praça pública central (VAZ, 2003).

Logo, o que buscamos é destacar a existência de diferenças e de particularidades e interpretá-las, buscando reconhecer uma metodologia aplicável também a outras cidades e a outros contextos culturais não contemplados nesta pesquisa. Conforme Serpa (2007), a análise das semelhanças tem um peso equivalente à explicitação das diferenças.

3.2 A Cidade de Maringá


A Cidade Canção, como também é conhecida a cidade de Maringá-PR, foi planejada para ser apenas uma base para cidades vizinhas e sua função era apenas servir de suporte para abastecer os que chegassem à região e os que passassem pela cidade.

Logo, com o grande fluxo de passagem e ocupação, Maringá ampliou suas funções e, conseqüentemente, o centro da cidade também se modificou e cresceu. Com o passar dos anos o centro tradicional de Maringá foi expandindo e perdendo aos poucos sua história, memória e lembranças.

O Centro Tradicional de Maringá ainda revela traços do projeto original, como ruas e avenidas largas, canteiros centrais e massa arbórea intensa. Entretanto, algumas modificações ocorreram devido à expansão comercial e grande valorização central, substituindo os antigos e pequenos edifícios de madeira por imponentes edifícios verticais

e estritamente comerciais. Atualmente, como consequência do inchaço na região central da cidade e da necessidade de atender ao grande contingente de pessoas, o centro tornou-se um amontoado de edifícios verticais de grande porte que sufocam um grupo de edifícios pequenos e antigos, serpenteados por algumas espécies arbóreas sobreviventes às intempéries e a idade.

Devido a esta expansão e valorização do espaço urbano central, a especulação imobiliária promoveu construções de grandes quantidades de edifícios em pequenos lotes, que anteriormente abrigavam um número irrisório de edifícios históricos foram aos poucos dissipados.

DADOS	CIDADE
	MARINGÁ
	
ÁREA	Possui um território físico de 6.565,174 km ²
POPULAÇÃO	Com pouco mais de 60 anos de vida, possui uma população de 335.511 hab. est. IBGE/2009 - Município 473.064.190 m ² - Área Urbana: 128.260.000 m ² - Área Rural: 340.864.260 m ²
COLONIZAÇÃO PREDOMINANTE	Os pioneiros chegavam em caravanas, na sua maioria paulistas, mineiros e nordestinos. Maringá também teve influências de imigrantes italianos e alemães.
ASPECTOS GEOGRÁFICOS	Está situada na região Noroeste do Estado do Paraná. A 93km de Londrina, 420km de Foz do Iguaçu e 434km de Curitiba (Capital). Poucos rios cercam a cidade, que tem como principal meio de abastecimento de água o rio Pirapó . A captação de água superficial realizada no rio Pirapó corresponde a 88% da água distribuída, sendo os outros 12% provenientes de cinco poços profundos.
ECONOMIA	Entre 2002 e 2006, o PIB da cidade passou de R\$ 3,055 bilhões para R\$ 5,275 bilhões, um aumento de 72,65%. Entre outros motivos para este avanço é a importância da cidade como corredor de importação e exportação.

CULTURA	Dentre seus belos pontos turísticos, Maringá abriga a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, Mercado Municipal, Mesquita Mulçumana, Horto Florestal entre outros. As festas mais tradicionais são: Festa das Nações, Undokai no Acema, Expoingá, Festa da Canção e outras de menor proporção.
TURISMO	Sua enorme estrutura verde e seus diversos atrativos foram reconhecidos pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) que em novembro de 97, a classificou como cidade turística. Possui como ponto turístico a catedral da cidade, por sua forma diferenciada.
REFERÊNCIAS	http://www.maringa.com/turismo/index.php

Tabela 1: Histórico do Município de Maringá

3.3 As praças selecionadas para análise

A identificação da natureza da transformação da cidade descrita acima é necessária para compreensão do que se passa nas praças públicas centrais. Constatou-se a especificidade da situação urbana e em seguida desenvolveu-se o processo de escolha das praças a serem analisadas na região do centro tradicional do município. Como principal critério, buscamos as praças com maior poder simbólico e uso nos centros das cidades em estudo. A seguir, apresenta-se o quadro síntese (quadro 3) com as praças centrais selecionadas contendo informações relevantes para a pesquisa.

Os aspectos considerados no quadro são: nome e imagem da praça, época de implantação da praça, entorno, forma, história, topografia do terreno, relações sociais existentes, sensações que o lugar passa ao usuário, função principal e função secundária (principais atividades realizadas), tipo de pavimentação, presença ou não de vegetação, mobiliário, equipamento, arte urbana, legibilidade (clareza da imagem e facilidade de entendimento) e personalidade (identidade de cada praça). Estes aspectos foram verificados numa análise prévia através de observação de todas as praças centrais dos municípios para poder selecionar as que apresentarão análises aprofundadas aqui nesta pesquisa.

A seguir apresentamos os elementos a serem considerados na análise das praças e na caracterização do lugar onde estas se localizam:

a. localização e delimitação geral das praças centrais com destaque para as selecionadas para estudo, limites do centro, eixos principais de circulação e acesso;




b. características físico-geográficas, tipo de clima, ocupação do solo e do relevo do entorno imediato, padrão residencial, gabarito, edifícios institucionais, entre outros;

c. croquis de cada praça com distribuição das vias, massas de vegetação, mobiliário e equipamentos e;

d. morfologia urbana de cada praça.

Algumas informações são apresentadas de maneira descritiva e outras através de imagens e esquemas, além da planta baixa de cada uma das praças.

QUADRO DAS PRAÇAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE

ASPECTOS	Praça Pedro Álvares Cabral	Praça Deputado Renato Celidônio	Praça Interventor Manoel Ribas	Praça Napoleão Moreira da Silva	Praça Raposo Tavares
PRAÇA PÚBLICA					
ÉPOCA	Meados da década de 60.	Meados da década de 60.	Meados da década de 60.	Meados da década de 60.	Meados da década de 60.
ENTORNO	Comércio.	Estacionamentos, igreja, edifícios públicos, serviço e comércio.	Comércio e edifícios residenciais.	Comércio e serviços.	Comércio, teatro, estacionamentos.
FORMA TOPOGRAFIA	Elipse. Encontra-se em um terreno irregular, com taludes que são usados como obstáculos por skatistas.	Heptágono irregular. Encontra-se em um terreno plano no centro da cidade.	Circular. Encontra-se em um terreno plano no centro da cidade.	Retangular irregular. Encontra-se em um terreno plano no centro da cidade.	Retangular irregular. Encontra-se em um terreno plano no centro da cidade.
AUTORIA	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.
RELAÇÕES SOCIAIS	Espaço de passagem, encontro e prática de esportes radicais, no período noturno há consumo de drogas.	Espaço de encontro, passagem, feiras da cidade aos fins de semana, pausa no centro da cidade.	Espaço de passagem, prática de esportes e encontro de usuários.	Praça de encontro de aposentados, descanso para os usuários, de festas no período do Natal, de prostituição no período noturno.	Praça de encontro de aposentados, pontos de ônibus, manifestações cívicas, venda e consumo de drogas e prostituição em todo o dia.
SENSAÇÕES	Agitação.	Lazer.	Descanso, lazer e passagem.	Descanso e encontro.	Encontro e passagem.
FUNÇÃO PRINCIPAL (ATIVIDADES)	Lazer e esportes radicais, skate e patins.	Lazer cultural e gastronômico.	Prática de esportes.	Lazer passivo.	Encontro.
FUNÇÃO SECUNDÁRIA (ATIVIDADES)	Passagem.	Encontro.	Passagem.	Passagem.	Passagem.
PAVIMENTAÇÃO	Piso de concreto.	Lajotas de cerâmica.	Piso de concreto.	Piso de concreto.	Piso de concreto.
VEGETAÇÃO	Árvores de grande e médio porte, com canteiros com arbustos.	Árvores de grande porte, canteiros com arbustos e flores.	Árvores de grande porte e grandes canteiros floridos.	Árvores de grande porte, arbustos, canteiros e flores.	Árvores de grande porte, canteiros e flores.
ÁGUA	Inexistente.	Inexistente.	Inexistente.	Inexistente.	Inexistente.
MOBILIÁRIO	Bancos de concreto, lixeiras metálicas, luminárias.	Bancos de concreto, lixeiras metálicas, luminárias.	Bancos de madeira, luminárias.	Bancos de concreto, bancos de madeira, mesa e banco para jogos, luminárias, lixeiras metálicas.	Bancos de concretos em muro de arrimo, bancos de madeira, luminárias, telefones públicos, lixeiras metálicas.
EQUIPAMENTO	Não possui equipamentos.	Pontos de ônibus, estacionamentos, banheiros, palco para	Concha acústica.	Banca de revistas, quiosques de artesanato, pontos de táxi, playground.	Concha acústica, pontos de ônibus e de táxi, quiosques, banca de revistas.

		apresentação.			
ARTE URBANA	Escultura e placa com informações sobre a praça.	Obelisco como marco.	Busto em homenagem e placa com informações da praça.	Busto com homenagem e placa com informações da praça.	Esculturas, homenagens, músicos se apresentando.
LEGIBILIDADE	Baixa - parte da praça quase desaparece por sua topografia acidentada.	Regular - a praça não se destaca muito no entorno.	Regular - a praça não se destaca muito no entorno.	Alta – a praça se destaca por dimensão e ocupação.	Alta – a praça se destaca pela localização, pela ocupação e por sua concha acústica.
PERSONALIDADE (IDENTIDADE)	Esportiva.	Cultural.	Transição.	Funcional.	Funcional.

Quadro 2: Síntese das Praças Públicas Centrais selecionadas para estudo.



Figura 5: Visão geral das 5 praças escolhidas para análise da cidade de Maringá.
 Fonte: Autora, 2010.

3.3.1 Análise das Praças

1. A Praça Interventor Manoel Ribas

A Praça Interventor Manoel Ribas (ver figura 6) é mais conhecida como Praça do Car Wash, é um espaço reduzido, como uma rotatória, com algumas árvores e equipado com mobiliário urbano – uma quadra de areia, um telefone público, poucos bancos e iluminação. A circulação de pedestres é considerada limitada, sendo que a praça está localizada num ponto de trânsito intensificado de veículos, o que torna mais difícil o acesso. A Praça **Interventor Manoel Ribas** é um ponto de encontro determinado por jovens que diariamente concentram-se na quadra de areia para jogos de *volleyball* e futebol.

Contexto Urbano da Praça Interventor Manoel Ribas

Localizada entre as Avenidas Tiradentes, Rio Branco e Curitiba, possui seu entorno construído, denso e contínuo, apresenta edifícios comerciais de usos diversificados: bares, restaurantes, cafeterias, boates e algumas clínicas (ver figura 7). O contexto urbano caracterizado pela proximidade com os principais pontos da vida noturna da cidade marca o local como ponto de passagem intensa durante o dia e a noite, porém a permanência de pessoas em seu espaço interna é bastante restrita, limitada somente pela sua atividade principal, a quadra de areia. Por se localizar em um dos principais e mais tradicionais eixos de comércio da cidade leva a uma alta concentração de pessoas e veículos em seu entorno. Estas avenidas que contornam a praça apresentam duplo sentido de passagem, configurando a praça como uma rotatória, um eixo importante para fluência do trânsito.

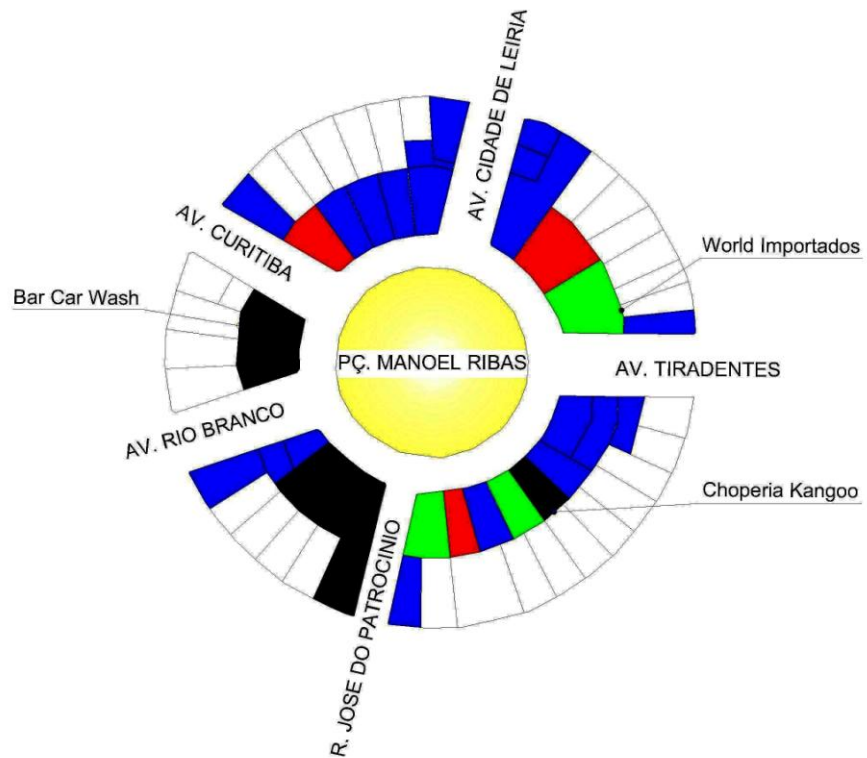
A Praça Interventor Manoel Ribas



- Praça Pública
- - - Principais Vias (Av. Tiradentes, Av. Rio Branco e Av. Curitiba)

Figura 6: Imagem aérea com a localização da Interventor Manoel Ribas

Fonte: Autora, 2010.



LEGENDA:

- PRAÇA PÚBLICA
- COMÉRCIO
- RESIDÊNCIA
- MISTO (COMÉRCIO E RESIDÊNCIA)
- INSTITUCIONAL
- ←
→
 SENTIDO DAS VIAS

Figura 7: Ocupação do entorno da Praça Manoel Ribas. Fonte: Autora, 2010.



Figura 8: Visão serial do entorno da Praça Manoel Ribas. Fonte: Autora, 2010.

FICHA DE PERSONALIDADE

Praça Manoel Ribas . Maringá/PR

Nome: Praça Raposo Tavares	Ficha n°: 01
Endereço: Avenida Tiradentes. Maringá, Paraná.	

ESCALA: Praça de pequeno porte com finalidade de rotatória em harmonia com seu entorno, na sua maioria, edifícios residenciais e comércio.

DIMENSÃO SOCIAL: É conhecida pela prática de esportes de areia.

DIMENSÃO CULTURAL: A convivência social só ocorre quando há movimentação na praça por parte dos usuários das quadras de areia.

DIMENSÃO SIMBÓLICA: A praça é conhecida como "Praça do Car Wash".

DIMENSÃO AMBIENTAL: Por possuir uma arborização em todo seu contorno, encontra-se na área central um espaço livre de vegetação, proporcionando a entrada direta de vento e iluminação solar. Os ruídos dos veículos que contornam a praça interferem diretamente no bem estar do usuário.

ACESSIBILIDADE: Não possui acessibilidade.



Visão serial da praça.



Visão serial do entorno da praça.

Figura 9: Ficha de Personalidade da Praça Manoel Ribas.

Fonte: Autora, 2010.

2. Praça Napoleão Moreira da Silva

A Praça Napoleão Moreira da Silva (ver figura 10) é mais conhecida como Praça da Pernambucana, por ter esta loja de artigos populares em seu entorno. A circulação de pedestres é considerada intensa durante o horário comercial, sendo que a praça está inserida num entorno de edifícios comerciais e institucionais. A Praça Napoleão Moreira da Silva é um ponto de encontro determinado por idosos que diariamente concentram-se para jogar baralho.

Em uma das extremidades da praça ao lado de uma grande e histórica figueira a apropriação fica por parte de pais e crianças, devido a presença de um playground infantil.

Contexto Urbano da Praça Napoleão Moreira da Silva

A praça assume formas contínuas e lineares esta inserida em um tecido urbano consolidado com ruas de traçado regular. A área apresenta uma situação caótica no que se refere ao trânsito, pois se localiza entre a Avenida Brasil, o principal eixo comercial da cidade, Avenida Duque de Caxias, Rua Santos Dumont e Rua Basílio Saltchuck. Com relação ao uso do solo em seu entorno, podemos observar uma concentração predominante de comércio e serviços.

A área onde se localiza a Praça Napoleão Moreira da Silva é uma importante parcela do centro tradicional e comercial do município: entorno de edifícios comerciais, serviços e institucionais, com destaque para Banco Do Brasil, Caixa Econômica, Lojas Pernambucanas, Lojas Riachuelo dentre outras. A identificação das atividades com a praça estabelece vínculos promovendo uma rede de comunicação do uso do solo edificado com o espaço, favorecendo tanto a circulação quanto a permanência (ver figura 13). O tecido urbano favorece o contato e o conjunto de atividades realizadas influi positivamente na apropriação dos usuários na praça.

A Praça Napoleão Moreira da Silva

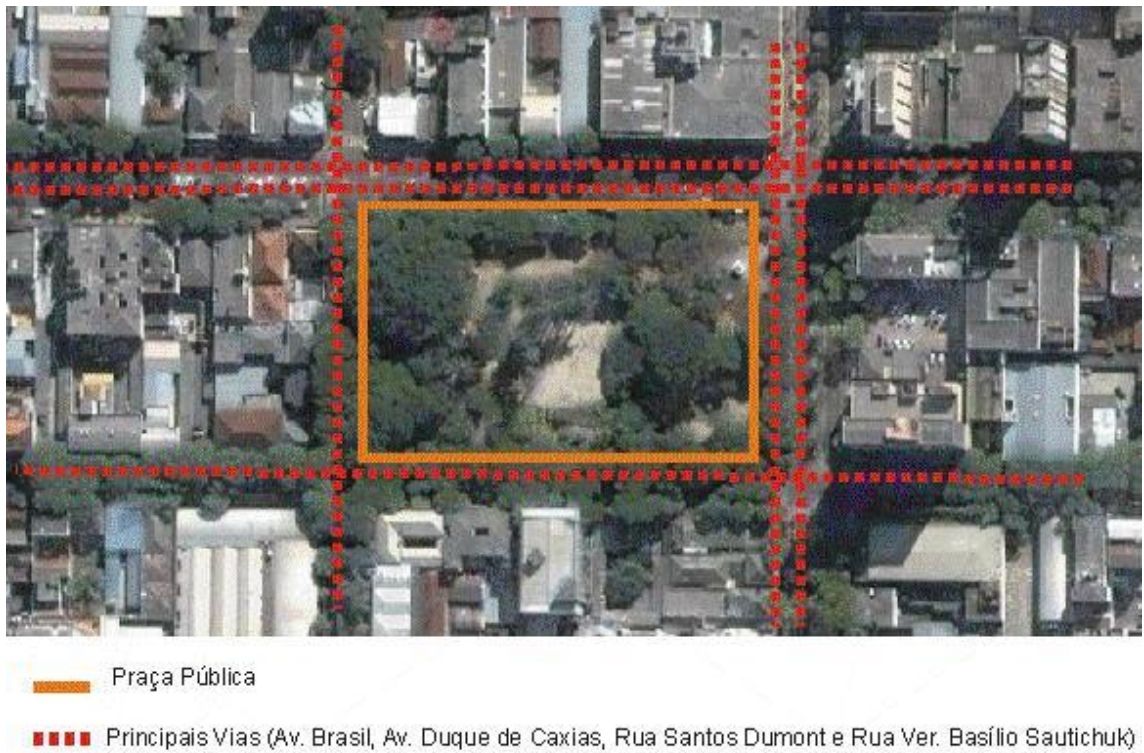
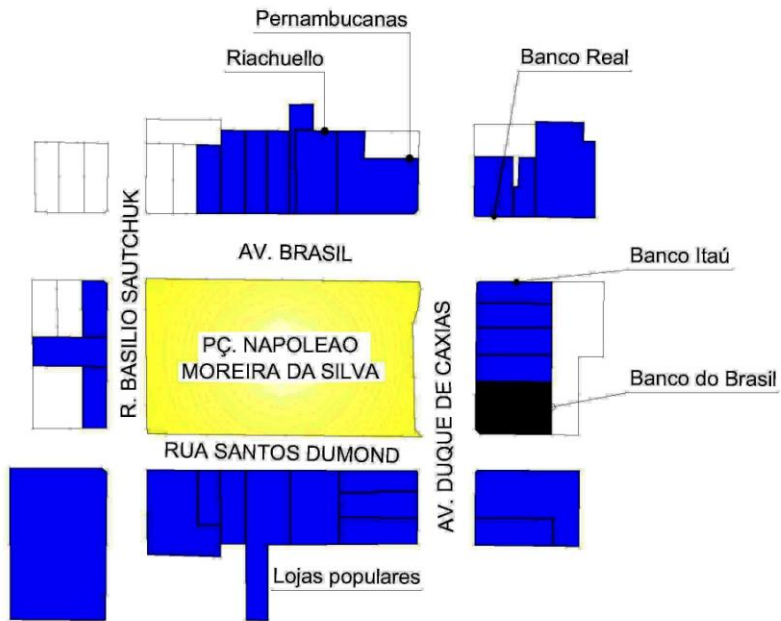


Figura 10: Imagem aérea com a localização da Praça Napoleão Moreira da Silva
Fonte: Autora, 2010.



LEGENDA:

- PRAÇA PÚBLICA
- COMÉRCIO
- RESIDÊNCIA
- MISTO (COMÉRCIO E RESIDÊNCIA)
- INSTITUCIONAL
- SENTIDO DAS VIAS

Figura 11: Ocupação do entorno da Praça Napoleão Moreira da Silva.
Fonte: Autora, 2010.



Figura 12: Visão serial do entorno da Praça Napoleão Moreira da Silva.
Fonte: Autora, 2010.

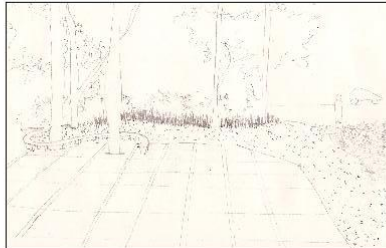
FICHA DE PERSONALIDADE

Praça Napoleão Moreira da Silva . Maringá/PR

Nome: Praça Napoleão Moreira da Silva

Ficha n°:
02

Endereço: Av. Duque de Caxias com a Av. Brasil



ESCALA: Praça de grande porte em harmonia com seu entorno, em maioria, edifícios comerciais e de serviços.

DIMENSÃO SIMBÓLICA: É conhecida como "Praça das Pernambuco" e na época de natal por locar a "casinha do Papai Noel".

DIMENSÃO SOCIAL: É frequentada por idosos que costumam jogar, por taxistas e por pessoas que se encontram após o horário de expediente.

DIMENSÃO AMBIENTAL: Seus efeitos ambientais nas estações quentes interferem diretamente no microclima da mesma, sendo diferenciado do entorno.

DIMENSÃO CULTURAL: A convivência social se dá pelos encontros dos aposentados.

ACESSIBILIDADE: Não possui acessibilidade.



Visão serial do entorno da praça.



Visão serial da praça.

Figura 13: Ficha de Personalidade da Praça Napoleão Moreira da Silva.
Fonte: Autora, 2010.

3. Praça Raposo Tavares

A Praça Raposo Tavares (figura 14), mais conhecida como Praça da Rodoviária, pois no entorno desta praça se localizava a antiga Rodoviária Municipal, hoje relocada para um novo edifício em outro ponto da cidade.

A Praça Raposo Tavares possui uma concha acústica com uma pequena arquibancada que durante o dia é utilizada para manifestações populares e religiosas.

O tráfego de veículos de transporte coletivo em seu entorno é insisivo, por ser uma área muito próxima ao terminal rodoviário municipal responsável pelo transporte coletivo de toda a cidade, confere ao local muita transição de pessoas.

A praça hoje tem uma ocupação muito depreciada pela presença de prostitutas, mendigos e vendedores de droga. Tem sua apropriação restrita pelo medo da população servindo na maior parte como passagem durante o dia e sem uso algum durante a noite. Alguns eventos esporádicos acentuam a variedade dos usuários da praça, como as feiras populares e outras pequenas manifestações culturais que alteram normalmente a rotina se repercutem na paisagem.

Contexto Urbano da Praça Raposo Tavares

A localização da Praça no Centro histórico e tradicional reflete um forte significado de identificação a praça. No entorno predominante comercial, tem como principal símbolo o antigo prédio da Rodoviária. Podemos encontrar neste edifício uma tipologia arquitetônica característica do início da colonização da cidade. Com o pedido de tombamento do edifício negado recentemente, a prefeitura municipal iniciou a demolição, o que implica em um futuro próximo uma nova ocupação gerando novas atividades que podem modificar a malha urbana e as dinâmicas do entorno. Com relação ao sistema viário, é delimitado pela Avenida Brasil e pela Rua Joubert de Carvalho.

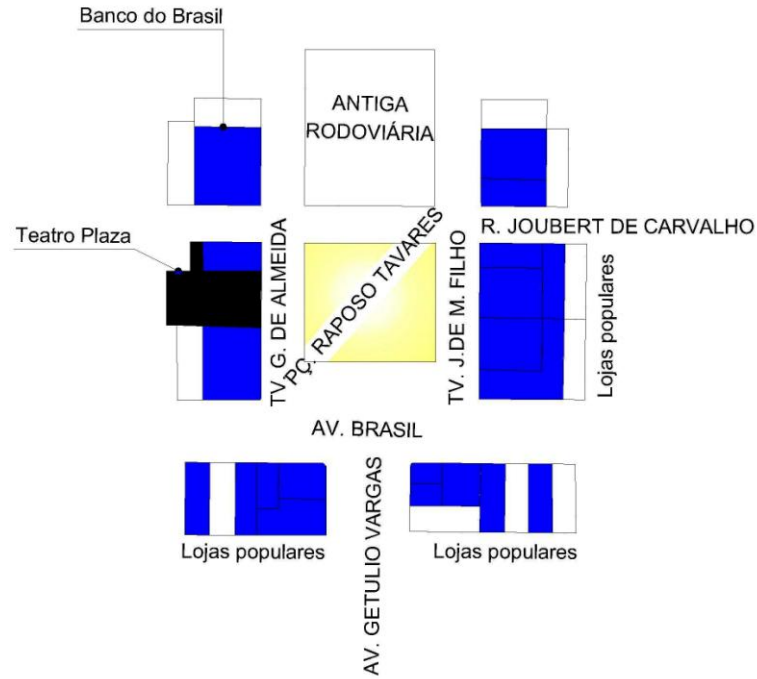
Na Praça Raposo Tavares



— Praça Pública

■ ■ ■ ■ Principais Vias (Av. Brasil e Rua Joubert de Carvalho)

Figura 14: Imagem aérea com a localização da Praça Raposo Tavares
Fonte: Autora, 2010.



LEGENDA:

- PRAÇA PÚBLICA
- COMÉRCIO
- RESIDÊNCIA
- MISTO (COMÉRCIO E RESIDÊNCIA)
- INSTITUCIONAL
- ←
→
 SENTIDO DAS VIAS

Figura 15: Ocupação do entorno da Praça Raposo Tavares.

Fonte: Autora, 2010.



Figura 16: Visão serial do entorno da Praça Raposo Tavares. Fonte: Autora, 2010.

FICHA DE PERSONALIDADE

Praça Raposo Tavares . Maringá/PR

Nome: Praça Raposo Tavares	Ficha n°: 03
Endereço: Avenida Brasil	
	
ESCALA: Praça de médio porte em harmonia com seu entorno, predominantemente, comercial.	DIMENSÃO SIMBÓLICA: É conhecida como "Praça da Rodoviária Velha" e faz parte do eixo monumental previsto pelo projeto do urbanista Jorge de Macedo Vieira.
DIMENSÃO SOCIAL: É marcada pelo encontro de amigos, aposentados.	DIMENSÃO AMBIENTAL: A insolação é grande na estação quente, mesmo com considerável número de espécies arbóreas de grande porte e dispersas pela praça. Na estação fria, a permanência prolongada não é agradável.
DIMENSÃO CULTURAL: A convivência social e cultural é dada pelo encontro de amigos, aposentados, pelas pessoas que esperam nos pontos de ônibus e a troca cultural acontece com músicos tocando violão esporadicamente.	ACESSIBILIDADE: Não possui acessibilidade.
	
Visão serial da praça.	

Figura 17: Ficha de Personalidade da Praça Raposo Tavares.
Fonte: Autora, 2010.

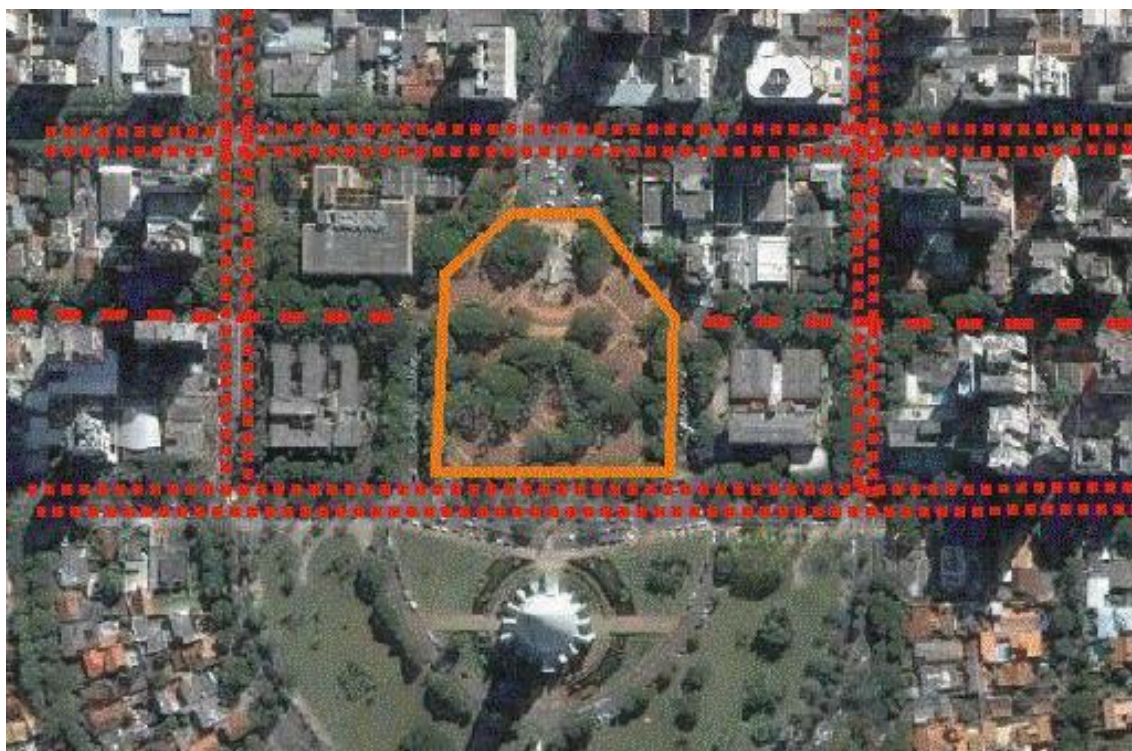
4. PRAÇA DEPUTADO RENATO CELIDONIO

A Praça Dep. Renato Celidônio (ver figura 18) é mais conhecida como Praça da Catedral, por estar localizada em frente ao principal ponto turístico da cidade a Igreja Nossa Senhora das Graças conhecida nacionalmente pela sua exuberância e monumentalidade como “Catedral”.

A praça com a igreja tem uma identidade híbrida abrigando no seu interior símbolos religiosos e civis pois esta localizada entre o prédio da Prefeitura Municipal e do Fórum. No seu espaço ainda acontecem festas de grande importância para população como a “Festa das Nações”, “Festa da Canção”, a “Expoflor” dentre outras. Hoje, a praça abriga toda a diversidade de pessoas que buscam momentos de alívio, lugar da convivência dos diferentes que buscam o comum, num acordo tácito da regra de ocupação dos espaços. Os bancos sombreados e o paisagismo que compõe a praça, criam zonas de estar e são os locais privilegiados para o descanso e vista do movimento das pessoas, além de encontro com os amigos.

Contexto Urbano da Praça Deputado Renato Celidonio

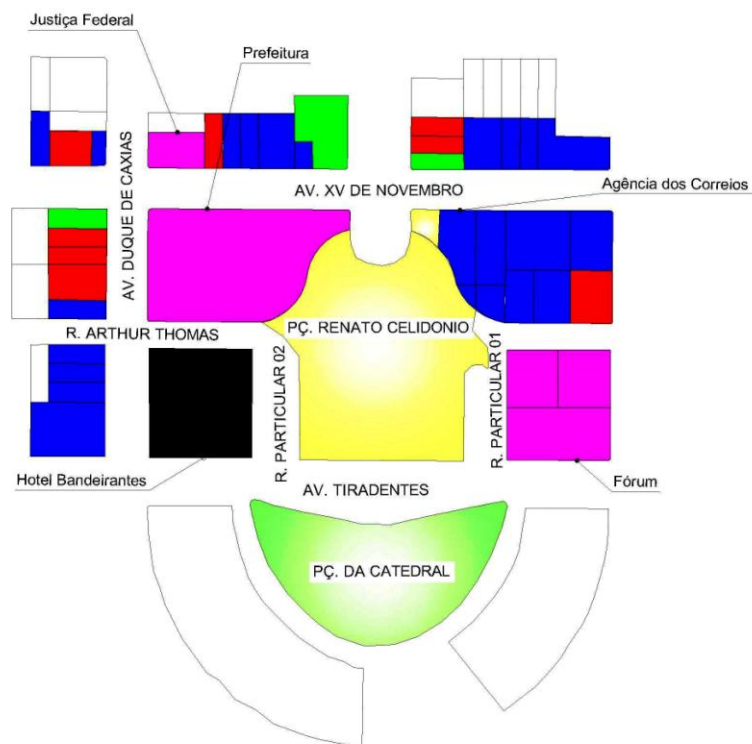
A localização da praça no centro histórico e tradicional reflete um forte significado de identificação dos moradores da cidade. No entorno predominante misto, tem como principal símbolo a Igreja Matriz - Catedral, além da Prefeitura Municipal e outros edifícios institucionais e de serviço (ver figura 19). Os edifícios formam um conjunto harmonioso, apresentando continuidade no conjunto e predominando a baixa densidade. Com relação ao sistema viário, duas importantes vias fazem limite com a praça as Avenidas Tirandes, XV de Novembro, Duque de Caxias e Herval e ainda pela rua Arthur Thomas que acaba sendo incorporada à praça, através do seu uso. A praça representa um ícone social do espaço urbano, além de representar a subjetividade da natureza na cidade onde as árvores oferecem uma ambiência mais aconchegante ao centro da cidade.



— Praça Pública

■ ■ ■ ■ Principais Vias (Av. Tiradentes, Av. XV de Novembro, Rua Arthur Thomas, Av. Herval e Av. Duque de Caxias)

Figura 18: Imagem aérea com a localização da Praça Raposo Tavares
Fonte: Autora, 2010.



- LEGENDA:
- PRAÇA PÚBLICA
 - COMÉRCIO
 - RESIDÊNCIA
 - MISTO (COMÉRCIO E RESIDÊNCIA)
 - INSTITUCIONAL
 - ← SENTIDO DAS VIAS
 - SENTIDO DAS VIAS

Figura 19: Ocupação do entorno Praça Deputado Renato Celidônio.

Fonte: Autora, 2010.



Figura 20: Visão serial do entorno da Praça Dep. Renato Celidônio. Fonte: Autora, 2010.

FICHA DE PERSONALIDADE

Praça Renato Celidônio . Maringá/PR

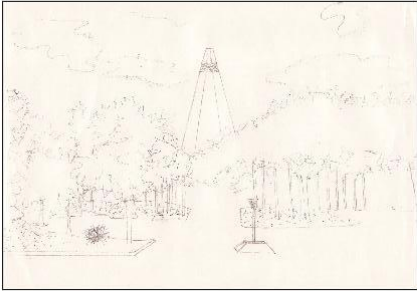

Nome: Praça Renato Celidônio	Ficha n°: 04
Endereço: Avenida Cerro Azul com Avenida 15 de Novembro	
	
<p>ESCALA: Praça de grande porte em harmonia com seu entorno, na sua maioria, edifícios públicos.</p> <p>DIMENSÃO SOCIAL: É marcada pelo encontro de amigos, principalmente, após o horário de trabalho.</p> <p>DIMENSÃO CULTURAL: A convivência e a troca cultural acontecem nos eventos que a praça proporciona como "Festa da Canção", "Festa Da Nação", com apresentações culturais e feira gastronômica.</p>	<p>DIMENSÃO SIMBÓLICA: Possui três edifícios públicos em sua totalidade e por estar localizada em frente ao marco da cidade. É conhecida como "Praça da Prefeitura"</p> <p>DIMENSÃO AMBIENTAL: Possui uma arborização intensa, que em épocas quentes ameniza o microclima da mesma, sendo totalmente diferenciado do entorno, que possui menor número de árvores e um grande fluxo de veículos. Os ruídos desse fluxo não interferem no interior da praça.</p> <p>ACESSIBILIDADE: Possui acessibilidade, mas esta está irregular, não está de acordo com as normas brasileiras estabelecidas.</p>
	
Visão serial do entorno da praça.	

Figura 21: Ficha de Personalidade Praça Dep. Renato Celidônio
Fonte: Autora, 2010.

5. A Praça Pedro Álvares Cabral

A Praça **Pedro Álvares Cabral** (ver figura 22) é mais conhecida como Praça de patinação, por ter como principal atrativo uma pista de *skate* em seu interior. Tem uma formato elíptico, bem caracterizado pelo seu uso como uma rotatória, que na Avenida Cerro Azul, onde esta localizada assume uma importância na fluência dos veículos que nela transitam.

Esta praça tem seu uso bem determinado por jovens *skatistas* que praticam esta modalidade esportiva durante o dia, esporadicamente a noite e com bastante intensidade nos finais de semana. A circulação de pedestres é considerada limitada, sendo que a praça está localizada num ponto de trânsito intensificado de veículos, o que torna mais difícil o acesso.

Contexto Urbano da Praça Pedro Alvares Cabral

Localizada na Avenida Cerro Azul, local de importância pelo grande número de edifícios comerciais de usos diversificados: bares, restaurantes, padarias, mercado, algumas clínicas e um clube (ver figura 23). O contexto urbano caracterizado pela proximidade com a Catedral, Prefeitura, Cemitério Municipal, confere a esta avenida onde a praça se insere, um eixo de passagem intensa durante o dia e a noite, porém a permanência de pessoas em seu espaço interna é bastante restrita, limitada somente pela sua atividade principal, a pista de skate. Por se localizar em um importante eixo de comércio da cidade leva a uma alta concentração de pessoas e veículos em seu entorno. Esta avenida que contornam à praça apresentam duplo único de passagem, configurando a praça como uma rotatória, um eixo importante para fluência do trânsito.

A Praça Pedro Álvares Cabral





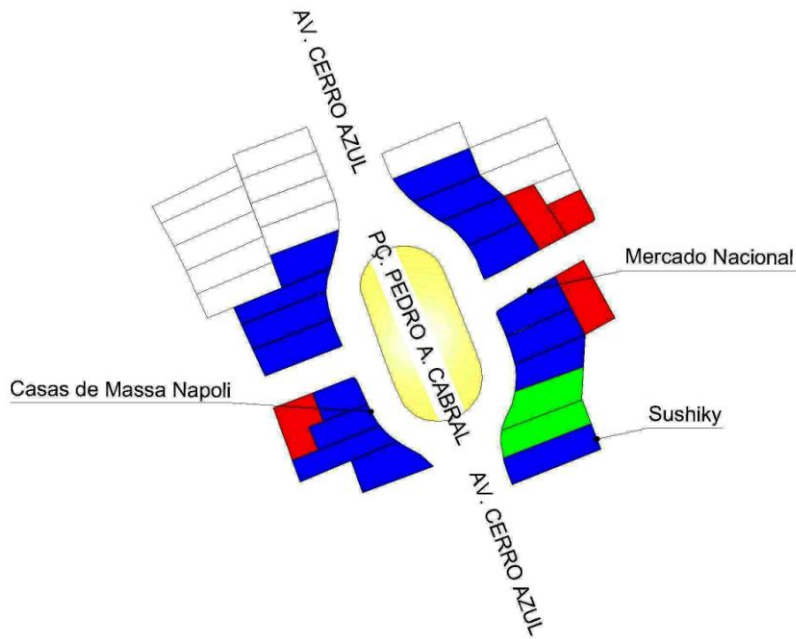
-  Praça Pública
-  Principais Vias (Av. Cerro Azul)

Figura 22: Imagem aérea com a localização da Praça Pedro Álvares Cabral
Fonte: Autora, 2010.



LEGENDA:

- PRAÇA PÚBLICA
- COMÉRCIO
- RESIDÊNCIA
- MISTO (COMÉRCIO E RESIDÊNCIA)
- INSTITUCIONAL
- ←
→
 SENTIDO DAS VIAS

Figura 23: Ocupação do entorno da Praça Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Autora, 2010.



Figura 24: Visão serial do entorno da Praça Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Autora, 2010.

FICHA DE PERSONALIDADE

Praça Pedro Álvares Cabral . Maringá/PR

Nome: Praça Pedro Álvares Cabral	Ficha n°: 05
Endereço: Avenida Cerro Azul	



ESCALA: Pequeno porte com copas de árvores circundando a passagem dos transeuntes.

DIMENSÃO SOCIAL: É conhecida por ser muito usufruída por skatistas.

DIMENSÃO CULTURAL: A convivência social acontece entre os esportistas que se apropria da praça com muita frequência.

DIMENSÃO SIMBÓLICA: A praça é conhecida como "Praça de Patinação".

DIMENSÃO AMBIENTAL: Seu efeito ambiental em estações quentes, não possui arborização em todo o seu contorno (apenas no caminho), não influenciando diretamente no entorno, barrando apenas a insolação e a ventilação em sua face leste.

ACESSIBILIDADE: Não possui acessibilidade.



Visão serial da praça.



Visão serial do entorno da praça.

Figura 25: Ficha de Personalidade A Praça Pedro Álvares Cabral
Fonte: Autora, 2010.

Capítulo 4: METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta pesquisa procurou-se abordar a forma das praças públicas centrais de uma maneira complexa onde as interferências funcionais e sociais do espaço se refletiram no padrão das relações estabelecidas.

Foram três categorias de análise que determinaram esse trabalho de investigação: adequação funcional dos equipamentos e/ou mobiliários (localização no sítio urbano, dimensão e disposição); adequação físico-ambiental (condições de salubridade e conforto para a utilização do espaço) e; adequação comportamental (padrões de comportamento do usuário).

Os lugares, nesta pesquisa, representados pelas praças públicas centrais, apresentam-se no que se chama espaço urbano real e é uma totalidade complexa formada por atividades, formas, significados e práticas sociais sensivelmente captáveis e onde convivem variáveis incapazes de revelar suas leis essenciais. Essas variáveis, segundo Kohlsdorf (1996) podem conduzir às relações que aparecem, à primeira vista, escamoteadas; identificar tais informações, como pertencentes a uma ou outra categoria é a primeira atitude de coleta de dados para análise e depende do referencial teórico assumido.

Pretende-se considerar aqui os valores que os dados visuais do contexto urbano podem assumir em cada indivíduo e dos significados que a cidade assume para cada um de seus habitantes. Segundo Laurie (1975), os processos de seleção e atribuição de significado ou simbolismo a um entorno ou o desenvolvimento de uma resposta emocional a facetas do entorno variam claramente de um indivíduo para outro.

Além disso, examinamos as formas de apropriação social das praças centrais de uso público analisando-as comparativamente com áreas de diferentes morfologias (por isso, diferentes estudos de casos). Com as análises, as praças podem ser qualificadas como hospitaleiras, alegres, frias, agressivas, estimulantes ou monótonas. A explicação dos fenômenos passará, segundo Kohlsdorf (1996), primeiramente, pela definição da sociedade que os contém.

Assim, no decorrer deste capítulo, são apresentados os métodos utilizados no desenvolvimento desta dissertação: análise documental, observações (do desempenho físico e do comportamento dos usuários) e entrevista. Esses métodos visam reunir as

informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos da pesquisa. Justifica-se a escolha de cada método, explicitam-se as técnicas, a maneira como foi aplicado e o tratamento dos dados.

Além disso, os métodos e técnicas que são apresentados aqui provam ser muito úteis na análise dos espaços abertos e para a identificação dos fatores que contribuem com a qualidade satisfatória do ambiente, em especial porque levam em conta o comportamento do usuário e a verificação da forma de apropriação do espaço.

A abordagem teórica parte do princípio de que a complexidade urbana deriva dos condicionalisadores do espaço cuja ordem e expressão formal é adquirida em função de um processo social. Nesta perspectiva, de acordo com Heitor (2001), a leitura morfológica da cidade só é estabelecida a partir do relacionamento das características formais do espaço com as práticas sociais e há, portanto, que identificar e interpretar na forma urbana as regras implícitas da sua organização.

Segundo Heitor (2001), deve-se representar objetiva e rigorosamente o padrão espacial em estudo, identificar as constantes formais presentes na forma urbana, estabelecer comparações entre as distintas situações, detectar as estratégias espaciais adotadas na sua ordenação morfológica, explorar as implicações funcionais e sociais da forma urbana e a sua relação com a atividade e a presença de indicadores de negligência/transgressão, além de avaliar as implicações de intervenções espaciais pontuais.

Para isso, buscamos embasamento na psicologia ambiental que como disciplina trata das relações entre o comportamento humano e o ambiente físico do homem (OKAMOTO, 2002). Além disso, o estudo e a investigação sobre a relação que une os fatores sociais com os projetos requerem conhecer de antemão trabalhos científicos realizados no campo da conduta e da percepção. Serpa (2007) afirma que a idéia de que espaços livres urbanos podem gerar associações inconscientes, influenciando a relação homem-espaço e servindo de mote para o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa que valorize o caráter subjetivo das questões perceptivas.

4.1 Estudo de Caso : Metodologia de pesquisa

Para a análise das praças selecionadas foi utilizado o método de pesquisa Estudo de Caso, adequado para os fenômenos contemporâneos dentro do contexto da vida real,

pouco explorados pelos pesquisadores e quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001).

A pesquisa exploratória, categoria na qual se situa o Estudo de Caso, propõe uma busca e não uma verificação de informações, além da articulação com o caráter técnico que investiga a realidade e devem estar apoiados em referências teóricas. O investigador tem um caminho a trilhar diante do objeto a ser pesquisado, utilizando-se de recursos metodológicos e pressupostos teóricos, procurando compreender e explicar a realidade que ele torna explicável a partir dos procedimentos adotados (DINIZ, 1999).

No Estudo de Caso, conforme Diniz (1999), o pesquisador aproveita as evidências empíricas e as inferências produzidas, correlacionando-as para alcançar a interpretação dos fatos dentro de um sistema explicativo mais amplo, além disso, o enfoque qualitativo do Estudo de Caso propõe liberdade relativa na tarefa de apreender o objeto no emaranhado das inter-relações.

As metodologias de pesquisa qualitativa são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes ao ato, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação como construções humanas significativas (MINAYO, 2004).

Ainda, por qualidade entende-se o relacionamento entre um indivíduo ou um grupo de pessoas e uma paisagem; este relacionamento envolve percepção humana, compreensão e reação com um processo que mede a qualidade. A essência desta qualidade não é na própria paisagem nem nas pessoas, mas preferivelmente na natureza do relacionamento que elas estabelecem entre elas podendo variar com o tempo e o lugar, com a natureza humana e com a natureza da paisagem em que elas se encontram (JELLICOE; JELLICOE, 1975).

Nesta pesquisa pretende-se compreender não apenas a apropriação e uso das praças públicas centrais, mas também as motivações e os elementos presentes nelas que levam os usuários a preferir determinadas áreas ao invés de outras. Portanto, foi necessário descobrir a maior quantidade possível de fatores que intervêm no uso das praças públicas centrais, por usuários de diferentes categorias sociais e em contextos distintos. Esta investigação social, segundo Minayo (2004), deve contemplar o aspecto

qualitativo, considerando as pessoas de diferentes condições sociais, com suas crenças, valores e significados.

Assim, os métodos seguidos nesta pesquisa permitiram identificar a tipologia das praças públicas centrais analisadas, de forma a considerar as necessidades da população no presente e no suprimento futuro. Esses aspectos foram importantes na interpretação do centro da cidade e na qualidade de vida dos cidadãos. A seguir, são explicados os métodos utilizados na pesquisa, sua forma de aplicação e tratamento dos dados.

4.1.1 Análise documental

A análise documental consistiu na busca de informações para o levantamento de cada praça, realizada através de materiais que ainda não tinham um tratamento analítico ou que podiam ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa: documentos escritos, mapas e imagens relacionados às praças públicas centrais em análise.

O método de análise documental é empregado de duas maneiras: primeiro, no intuito de levantar o histórico de cada praça (levantamento sucinto da memória do projeto) e posteriormente, para definir a situação atual de cada uma delas (levantamento de campo).

Levantamento da memória do projeto: buscar fotos e/ou documentos do período de implantação das praças públicas analisadas.

Levantamento de campo: atualização do cadastro das seis praças públicas em análise incluindo funções, vocação do local, dimensão, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura e composição vegetal, pavimentação, entorno, estado de conservação, arte urbana, festas e tradições e legislação.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

A análise documental (levantamento da memória do projeto e levantamento de campo) permitiu obter informações e conhecimentos sobre os objetos de estudo. A prática desse trabalho se dedicou, fundamentalmente, à construção de dados empíricos de um estudo, seja ele de pesquisa voltada para a produção e/ou para a avaliação de conhecimento.

O levantamento de campo foi realizado através de visitas exploratórias, medições e croquis realizados em cada uma das praças analisadas e complementado com levantamento fotográfico.

Tratamento dos dados

Os dados coletados neste método serviram de base para a aplicação dos demais métodos da pesquisa e, para facilitar a verificação dos dados, se sistematizou os dados e elaborou-se fichas documentais produzidas com as informações de cada uma das 5 (cinco) praças selecionadas para análise.

Estas fichas, apresentadas no capítulo 5, permitiram verificar o entendimento de cada praça pública desde seu contexto histórico até as informações atualizadas como funções, vocação do local, dimensões, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura e composição vegetal, pavimentação, entorno, estado de conservação, arte urbana, festas e tradições e legislação.

O modelo da ficha documental encontra-se no apêndice 2 e a seguir são explicados os critérios selecionados para análise nesta ficha.

a. Nome/endereço: denominação atual, denominação popular e endereço (rua, avenida, bairro, cidade, estado).

b. Funções: principal e secundária – circulação, permanência, lazer, esporte e cultura, passeios e visitação e/ou área de preservação ambiental.

c. Vocação do local: principal característica de uso da praça.

d. Dimensões e traçado: área, limites e forma.

e. Infra-estrutura: descrição da infra-estrutura existente – iluminação, acessibilidade e pavimentação.

f. Mobiliário: descrição do mobiliário urbano existente – luminária, banco, lixeira, telefone público, informações, bicicletário, bebedouro, pia, mesa de jogos, *playground*, quadra de esportes e/ou pista de *skate*.

g. Equipamento: descrição dos equipamentos existentes – café/bar/lanchonete, comércio de pequeno porte, feiras e/ou ponto de ônibus.

h. Pavimentação: área de cobertura do pavimento.

i. Cobertura vegetal/composição vegetal: especificação dos tipos de vegetação - árvores, arbustos, bosques – e da área de cobertura.

j. Água: descrição da presença de água em algum elemento.

k. Legislação: leis pertinentes à área onde está inserida a praça.

l. Entorno imediato: descrição de uso e skyline dos edifícios do entorno imediato e fluxo dos automóveis e pedestres na área.

m. Estado de conservação: condições dos mobiliários, equipamentos e/ou pavimentação (bom, razoável ou ruim).

n. Arte urbana: descrição dos elementos e/ou acontecimentos artísticos que acontecem na praça.

o. Festas e tradições: eventos que acontecem na praça (tipos, datas e periodicidade).

p. Histórico: descrição do uso original, sucessivo e atual, data de início da construção e intervenções e autores (paisagista, arquiteto e/ou poder público).

q. Documentos: projeto original (quando existente), fotografias antigas, projeto atual e fotografias atuais.

4.1.2 Observações

O método de observações foi empregado com duas funções: primeiro, para levantar as informações do desempenho físico das praças sem a interferência dos usuários (observação e anotação do desempenho físico) e segundo, para levantar informações sobre o comportamento dos usuários (observação do comportamento dos usuários).

O método de observação se apresenta bastante vantajoso, pois se baseia nos acontecimentos reais de um espaço. Além disso, segundo Cunha (2002), a observação não é intrusiva como nos outros métodos e o observador pode apreender o que as pessoas fazem no ambiente sem influenciar suas ações, desde que sejam discretos.

“O objetivo das observações é obter dados sobre as atividades das pessoas (o que fazem e como fazem), regularidades de comportamento (frequências de uso dos espaços), bem como as restrições ou oportunidades de uso proporcionadas pelo projeto” (CUNHA, 2002, p.109). Portanto, a sistematização da observação é importante, pois, segundo Sanoff (1991 apud CUNHA, 2002), apesar de válida, a observação casual pode resultar em achados incompletos ou muito óbvios.

Nesta pesquisa, registraram-se anotações diagramáticas (utilização de símbolos anotados sobre plantas, esquemas ou croquis das praças), fotografias e descrição dos elementos encontrados. Os traços físicos observados de uso e/ou adaptação dos elementos físicos a fim de aumentar a resposta ambiental de cada praça pública analisada.

4.1.3 Observação e anotação do desempenho físico

Este método foi utilizado para obter informações sobre os elementos físico-ambientais e espaciais referentes ao entorno, base e fronteira e ambientais referentes ao clima, som, luz e cor dos espaços.

As observações nesta pesquisa foram sistemáticas, realizadas com um determinado propósito, e sua sistematização previu a utilização de alguns instrumentos reguladores e organizadores das informações obtidas durante sua aplicação, como quadros, esquemas e fotografias. Segundo Lakatos e Marconi (2003), neste tipo de observação, o observador sabe o que procura e o que apresenta ou não importância em cada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe.

Os critérios analisados, de acordo com os sítios escolhidos e com a morfologia do tecido urbano existente conformam: características do entorno - orientação, continuidade da massa, altura do espaço, condução dos ventos; características da base - equilíbrio da radiação e luz natural, natureza dos elementos superficiais, albedo, elementos componentes do espaço (coberturas, pavimentos, vegetação, mobiliário e água); continuidade da superfície, detalhes edificatórios, textura, propriedade físicas dos materiais, aberturas, tipologia arquitetônica, cores, transparência, opalência, número de lados e grau de confinamento (ROMERO, 2001).

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

Para elaboração deste método, contou-se com visitas às cinco praças públicas em estudo e dados coletados de maneira empírica através de observações e anotações do desempenho de cada praça. Para uma melhor sistematização destes dados, foi elaborado um roteiro de análise que foi seguido, contendo as características relevantes para a pesquisa: A) localização e entorno; B) planta da praça; C) fotografias; D) elementos; E) sol, vento, luz e som. Estes dados foram coletados no local visando à caracterização em duas categorias, a espacial e a ambiental, e as características relevantes foram registradas por meio de fotografias para uma análise posterior aprofundada.

O primeiro dado do roteiro é sua localização e caracterização do seu entorno, onde foi observado o microclima local, as características espaciais do terreno e entorno, a volumetria, os materiais e as cores dos edifícios (entorno e fronteira). As fotografias serviram para complementar as informações observadas no local.

Em elementos, foi verificada a presença de mobiliários (luminária, banco, lixeira, telefone público, informações, bicicletário/paraciclo, bebedouro, pia, mesa de jogos, playground, quadra de esportes e/ou pista de skate), a presença de água, os materiais utilizados na pavimentação e os tipos de vegetação (árvores, palmeiras, arbustos, trepadeiras e forrações).

No item sol, vento, luz e som, foi observado a atuação destes elementos climáticos em espaços específicos e em diversos horários do dia e em diferentes estações do ano. Há uma descrição espacial destes espaços e a relação da atuação do sol, vento, luz e som, como horas de sombreamento, áreas protegidas ou não do vento, áreas mais ou menos iluminadas, áreas com maior ruído e, além disso, a percepção que estes elementos proporcionam no espaço.

Tratamento dos dados

Depois de aplicar o roteiro para recolhimento das informações necessárias, os dados foram sistematizados e produzidas as fichas físico-ambientais das praças em estudo, montadas a partir do quadro elaborado por Romero (2001, p.158) “Quadro XVII: Ficha bioclimática do espaço público”.

Estas fichas, nomeadas de “Ficha Físico-Ambiental”, são produzidas com os dados coletados em cada uma das praças públicas em estudo e serviram para sobrepor com as informações coletadas no método observações do comportamento dos usuários e

entrevistas. Os critérios analisados nesta ficha (apêndice 3) encontram-se explicitados abaixo:

a. Nome/endereço: denominação atual, denominação popular e endereço (rua, avenida, bairro, cidade e estado).

b. Características espaciais do entorno: os acessos (qual influência que a localização dos acessos interfere na atuação do sol, vento e som), continuidade da massa e condução dos ventos.

c. Características espaciais da base: detalhes arquitetônicos, número de lados e altura.

d. Características ambientais do entorno: análises quanto às cores (descrição da sensação que as cores do ambiente provoca), quanto ao som (ressonância do recinto e sombra acústica) e quanto ao clima (tipo de radiação solar, umidade relativa, temperatura do ar e velocidade do vento).

e. Características ambientais da base: análises quanto ao clima (temperaturas superficiais apresentadas e albedo), quanto ao som (descrição do ambiente sonoro), quanto à cor (variação sazonal, conjunto de cores e tonalidade) e quanto à luz (presença de manchas de luz e estética da luz).

f. Características ambientais da entorno: análises quanto à luz (luminância), quanto ao clima (capacidade de absorção e reflexão), quanto à cor (matizes e claridade), quanto ao som (personalidade acústica) e qualidade superficial dos materiais.

4.1.4 Observação do comportamento dos usuários

O comportamento é profundamente influenciado pelo ambiente físico, sendo assim, torna-se necessário “um conhecimento deste processo de condicionamento, para compreender mais completamente porque o homem se comporta desta ou daquela maneira e para melhor se esboçar o ambiente com o qual o homem entra em relacionamento” (HEIMSTRA; MCFARLING, 1978, p. XI).

O estudo da comunicação não-verbal dos indivíduos serve para identificar os estímulos do ambiente e as respostas do ser humano a ele, sendo os aspectos sócio-culturais determinantes. Segundo Rapoport (1982 apud ORNSTEIN, 1992), o processo de

comunicação apresenta apenas 30 a 35% do seu significado social ocorrido por sistemas verbais, por isso, a necessidade de análise através da comunicação não-verbal, representada por expressões faciais, posturas do corpo, tato, sons, gestos, arranjos espaciais e ritmos temporais, para a abordagem das relações interpessoais no ambiente.

Ir a campo e ver como as pessoas estão usando as instalações e o que pensam delas dá um bom conjunto de soluções de projetos individuais. Se existe grande coerência na maneira das pessoas reagirem a alguns aspectos dos projetos ou a algum elemento arquitetônico mais amplo, é possível certa generalização (SOMMER, 1973).

Ainda, a observação é um método que consiste de uma avaliação visual do ambiente e como funciona um dado espaço aberto. Segundo Coradini (1995, p.11), “o espaço adquire vários significados, conforme indivíduos e grupos, tipos de apropriação e tempo, constituindo-se em um campo privilegiado de estudos de representações sociais e, portanto, de análise antropológica”.

Além disso, os aspectos comportamentais são ligados a padrões de comportamento de ordem sócio-cultural e psicológica que indicam os ajustes e desajustes do ambiente e sua relação com as pessoas, portanto, também relacionados com a apropriação dos lugares (CUNHA, 2002). A observação sobre as praças e sobre como nelas se situam as pessoas que as utilizam permite se aprender como são usadas atualmente, em vez de pensar simplesmente como é usada.

Outro ponto a ser observado são as funções referentes ao conjunto de atividades que suportam e a capacidade de congregação de usuários, de acordo com as suas características. Ao classificar as funções das praças públicas estudadas, foram observadas aquelas que mais chamam a atenção pela observação direta.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

Nessa etapa foram caracterizados os pontos de amostra com seus períodos, identificação e caracterização dos grupos. Para a realização deste método, que visou identificar o comportamento e o envolvimento dos usuários nas praças, contou-se com visitas sistematizadas de duas em duas horas das 8hs às 18hs em dias de semana, sábados e domingos.

Os dados foram levantados em cima de uma planta baixa atualizada das praças analisadas e complementados com registros fotográficos do comportamento dos usuários. Esses registros serviram para ilustrar o comportamento dos usuários e possibilitar a análise posterior de detalhes não captados de imediato (CUNHA, 2002).

Assim, o método serviu para observar o comportamento e a utilização do mobiliário urbano e/ou equipamentos assim como dados quantitativos dos usuários que permanecem ou somente circulam pelas praças públicas em estudo. Algumas considerações com relação à aplicação deste método:

a. Por motivos de conforto não foram considerados dias em que a temperatura fosse inferior a 10°C ou superior a 30°C, nem dias chuvosos;

3. Visando obter dados a respeito da utilização cotidiana das praças não foram considerados dias especiais como feriados.

Tratamento dos dados

Após a coleta de dados, realizada de acordo com os procedimentos indicados anteriormente, estes foram elaborados e classificados de forma sistemática. A tabulação deste método consistiu em programar uma representação gráfica adequada para registrar os comportamentos observados.

A tabulação dos dados foi realizada primeiramente através dos mapas comportamentais onde o comportamento dos usuários que foi observado foram anotados tempo de ocupação, envolvimento no espaço e variedade de comportamentos possíveis, além de classificar as formas de interação do indivíduo com o espaço: passivo isolado, isolado ativo ou social.

Com essas informações coletadas, pôde-se observar os horários mais utilizados da praça e os aspectos mais relevantes do comportamento dos usuários. Os dados foram divididos em categorias para serem analisados e apresentados em termos quantitativos, baseados na frequência e quantidade de uso dos aspectos observados.

Posteriormente ao “Mapa comportamental dos usuários”, cada praça teve seus dados considerados mais relevantes, sistematizados na “Ficha do usuário” (apêndice 4) juntamente com as informações coletadas nas entrevistas com os usuários de cada praça. Essa ficha foi adaptada de acordo com a configuração e atividades consideradas

necessárias para o entendimento do fenômeno da apropriação e/ou desapropriação das praças. A tabulação dispôs os dados na ficha, facilitando a verificação das inter-relações entre eles.

4.1.5 Entrevista

As entrevistas complementam o método das observações e são praticamente o traço de união entre os registros e documentos oficiais e a versão da população usuária sobre as condições do ambiente analisado (ORNSTEIN, 1992).

A intenção deste método é questionar os usuários quanto à utilização das praças públicas em estudo. Para isto, buscam-se informações quanto às sensações e às expectativas que têm em relação aos espaços.

As entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria trata de questões humanas (YIN, 2001). Além disso, as entrevistas são semi-estruturadas assumindo o caráter de uma curta conversa informal seguindo um roteiro prévio das questões que se deseja descobrir.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

O objetivo principal deste método foi compreender, a partir dos depoimentos e experiências pessoais dos usuários, por que utilizam as praças públicas. Para tanto, foram verificadas com os usuários a frequência e o porquê da utilização ou não da praça; qual o espaço mais utilizado dentro dela e por que; o que acham ruim e o que acham bom na praça; a descrição das sensações sentidas nela e; finalmente, quais sugestões do que poderia ser melhorado.

Tratou-se de uma entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas, ou seja, com um roteiro de perguntas pré-estabelecido que podia ser modificado conforme o andamento da entrevista. Além disso, as perguntas foram feitas de maneira simples e direta não tomando muito tempo dos entrevistados.

Inicialmente foram elaboradas as perguntas principais, pré-estabelecidas, que foram utilizadas durante o experimento e apresentadas a seguir. Perguntas realizadas com os usuários:

- a. Qual a frequência de uso?

- b. Por que utiliza a praça?
- c. Qual espaço que mais utiliza na praça? E por que?
- d. O que é ruim na praça?
- e. O que é bom na praça?
- f. Quais as sensações que a praça lhe passa (calor, frieza, alegria, tristeza, entre outras)?
- g. O que poderia ser melhorado?

Nas perguntas com os usuários, a intenção da pergunta (a) era saber qual a intensidade de uso das praças. Na pergunta (b) a intenção foi descobrir os motivos da utilização das praças, ressaltando assim, seus pontos positivos. O objetivo da questão (d) foi descobrir o que está ruim ou o que falta na praça, e na pergunta (e) o que está bom. Na questão (f) o usuário deve identificar as sensações que a praça lhe passa, como calor, frieza, tristeza, alegria, paz, entre outras que ele possa identificar. E, na última questão, a (g), pretendeu-se descobrir quais as melhorias que poderiam ser realizadas na praça.

Para finalizar, algumas considerações com relação à aplicação deste método:

- a. Universo – usuários das praças selecionadas que residam ou trabalhem no entorno imediato desses espaços;
- b. Amostra – como a abordagem é qualitativa, foi uma amostra não representativa, sendo 10 (dez) entrevistas com usuários presentes em cada praça e 10 (dez) entrevistas com funcionários do comércio e/ou moradores no entorno, totalizando 100 (cem) entrevistas ao todo nas cinco praças analisadas.

Tratamento dos dados

Após a realização do experimento, foi realizada uma análise geral, interpretação e aglutinação dos dados na “Ficha do usuário” apresentada no apêndice 4. Há uma generalização das respostas na tabulação dos dados, apresentando somente as respostas mais colocadas pelos usuários das praças públicas.

Capítulo 5: RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados dos métodos utilizados para na pesquisa de campo conforme explicado no capítulo 04 – Procedimentos de pesquisa. Para cada método, há uma descrição dos resultados obtidos e uma posterior comparação e análise. Para finalizar este capítulo apresenta-se uma discussão dos resultados dos métodos utilizados (item 4.1), que procura enfatizar os aspectos positivos e negativos que influenciam na apropriação das praças públicas centrais.

5.1 Resultados da Observação do Desempenho Documental

A análise documental realizada nas praças públicas centrais da cidade de Maringá (Praça Deputado Renato Celidônio, Praça Manoel Ribas, Praça Napoleão Moreira da Silva, Praça Pedro Álvares Cabral, Praça Raposo Tavares) teve como finalidade identificar os mobiliários, localização e disposição do paisagismo, a ocupação, os fluxos, assim como a análise do seu entorno para caracterizá-las de acordo com a metodologia proposta. A seguir, será descrito as principais características encontradas para relacionarmos com a proposta do projeto inicial concebido por Jorge de Macedo Viera e com a ocupação que acontece atualmente.

Praça Manoel Ribas: É conhecida como Praça do Car Wash por possuir um tradicional bar da cidade em seu entorno imediato. Tem uma importância relevante na fluência do trânsito por assumir a função de rotatória. Possui uma concha acústica, duas quadras para a prática de esportes de areia, bancos de madeira e boa iluminação em toda a praça. A ocupação do seu entorno é predominantemente comercial, em período noturno tem um movimento intensificado pelos bares e restaurantes. Foram identificadas duas atividades que funcionam na praça: circulação, esportes e cultura. Como aspecto negativo, constatou-se, principalmente, a ausência de encostos nos bancos, que prejudicam a postura dos usuários.

Já a Praça Napoleão Moreira da Silva, e mais conhecida como Praça das Pernambucanas. No projeto elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, esta praça abrigaria a rodoviária da cidade, sendo posteriormente alterada para a Praça Raposo Tavares. Esta praça possui um comércio diversificado e intenso em todo o seu redor. No centro desta, é instalada uma casa de madeira, que, em época de natal, torna-se a “casa do Papai Noel” e é um atrativo para as crianças neste período do ano. Uma característica

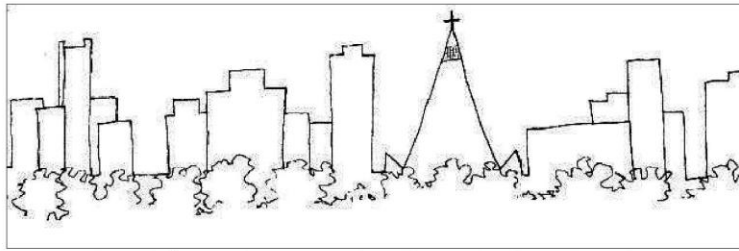
bem particular neste local são os bancos de concreto com design em ondas que contornam as grandes palmeiras imperiais que lá se encontram. Foram identificadas cinco atividades que funcionam na praça: circulação, permanência, lazer, esportes e cultura, passeios e visitação e preservação ambiental. Como aspecto negativo, constatou-se, principalmente, a ausência de banheiros públicos, que poderiam atender aos usuários.

Praça Raposo Tavares: É conhecida como Praça da Rodoviária Velha. É a praça mais marginalizada da cidade, ou seja, há uma grande ocupação por meio de indivíduos que utilizam drogas e prostituição em todos os períodos do dia. Na Praça Raposo Tavares há uma diversidade no mobiliário (bancos, concha acústica, arquibancada) e todos estão em boas condições de uso. Seu traçado é retangular e delimitado por uma das principais avenidas da cidade - Avenida Brasil - que possui um grande fluxo de carros e um intenso eixo de comércio. É utilizada principalmente como passagem e descanso.

A Praça Deputado Renato Celidônio é a maior praça em extensão e localiza-se em frente ao marco da cidade de Maringá, a Catedral. Houve um tempo em que surgiu a possibilidade de chamá-la de Praça dos Três Poderes por concentrar a prefeitura, o fórum e a câmara dos vereadores na mesma praça, mas atualmente, é conhecida vulgarmente como Praça da Prefeitura. Antes de passar por reformas em 1987, era formada por 2 praças e separada por uma via. Por pertencer a uma região privilegiada do eixo central da cidade, é nela que se concentram as principais feiras, exposições e desfiles mais importantes do município como a "Feira das Nações", "Festa da Canção", "Paixão de Cristo", "Expoflor" e feiras de artesanato aos fins de semana. Apresenta uma ampla área com muita arborização, pequeno parlatório, floreiras, postes de iluminação, bancos, piso cerâmico formando mosaico e um obelisco. Foram identificadas duas atividades que funcionam na praça: circulação, permanência, passeios e visitação. Como aspecto negativo, constatou-se, principalmente, uma iluminação mais estratégica para aumentar a sensação de segurança dos usuários.

Praça Pedro Álvares Cabral: Destaca-se pelo fato de ser uma praça voltada para a prática de skate e patins. Possui dois bancos de concreto que contornam a pista de skate como se fossem arquibancadas. É uma praça destinada apenas para a passagem de pessoas e para a prática de esporte, já que esta inserida dentro de um eixo de intenso fluxo de veículos. Possui um paisagismo característico circundando apenas os caminhos de passagem e uma iluminação em todo o seu contorno (em forma de elipse). É uma

praça de uso restrito as praticas esportivas, e recentemente ganhou uma pequena reforma feita pelos próprios usuários.



FICHA DOCUMENTAL

Praça Manoel Ribas – Maringá/PR

Nome: Praça Manoel Ribas

Endereço: Rotatória: Av. Tiradentes, Av. Rio Branco, Av. Curitiba, Av. Cidade de Leiria e Rua José do Patrocínio - Mgá/PR

Ficha nº:

01

Funções:

- circulação
- permanência
- lazer
- esporte e cultura
- passeios e visitação
- área de preservação ambiental

Vocação do local: passagem

Dimensões:

Traçado: circular

Infra-estrutura: possui iluminação, não possui acesso deficientes e é pavimentada

Mobiliário/equipamentos:

bancos de madeira = 02
luminárias = 13
quadras de areia = 02
placas de sinalização = 05

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal: espécies arbóreas de grande porte, de forração e arbustivas

Legislação:

Entorno imediato: misto (comércio com residência) e alto fluxo de veículos particulares

Estado de conservação do mobiliário:

- bom
- razoável
- ruim

Arte urbana: escultura e concha acústica

Festas e tradições: eventualmente, são realizados jogos de futebol e vôlei de areia nas quadras da praça

Histórico: não há registros históricos

Projeto original: não foi encontrado

FOTOS



Concha acústica



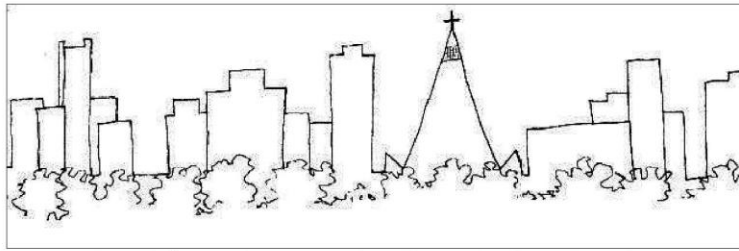
Quadra de areia



Passeios e vegetação

Figura 26: Ficha documental da Praça Interventor Manoel Ribas.

Fonte: Autora, 2010.



FICHA DOCUMENTAL

Praça Napoleão M. da Silva - Maringá/PR

Nome: Praça Napoleão Moreira da Silva

Endereço: Entre a Av. Brasil e Rua Santos Dumont e Av. Duque de Caxias e Rua Ver. Basílio Sautchuk - Maringá/PR

Ficha n.º:

02

Funções:

- circulação
- permanência
- lazer
- esporte e cultura
- passeios e visitação
- área de preservação ambiental

Vocação do local: passagem, descanso e convivência social

Dimensões: 114,39m X 82,04m

A= 11613,63m²

Traçado: retangular irregular

Infra-estrutura: possui iluminação, acesso para deficientes e pavimentação de concreto

Mobiliário/equipamentos:

luminárias = 26
banco de concreto sem encosto = 15
lixeira = 10
telefone público = 02
banca de revista = 01
quiosques de comércio = 08
mesa e banco = 08

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal: espécies arbóreas, arbustos e forração

Legislação:

Entorno imediato: comercial, edifícios institucionais e alto fluxo de veículos particulares e públicos

Estado de conservação do mobiliário:

bom razoável ruim

Arte urbana: -

Festas e tradições: decoração natalina e construção da casa do papai noel

Histórico: foi a primeira praça da cidade, e nela se encontravam pequenas instalações da rodoviária. Já passou por várias reformas, sendo a última realizada no ano de 2005, passando a ser limpa com mais regularizada, tornando-a mais urbanizada e reestruturada com o passar dos anos

Projeto original: não encontrado

FOTOS



Foto antiga



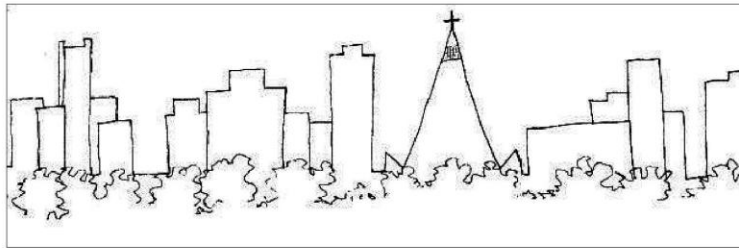
Foto atual da praça



Foto atual da praça

Figura 27: Ficha documental da Praça Napoleão Moreira da Silva.

Fonte: Autora, 2010.



FICHA DOCUMENTAL

Praça Raposo Tavares – Maringá/PR

Nome: Praça Raposo Tavares

Endereço: Entre a Av. Brasil e Rua Joubert de Carvalho - Maringá/PR

Ficha nº:
03

Funções:

- circulação
- permanência
- lazer
- esporte e cultura
- passeios e visitação
- área de preservação ambiental

Vocação do local: passagem e descanso

Dimensões:

Traçado: quadrangular irregular

Infra-estrutura: pavimentação de concreto com acesso de deficientes e iluminação

Mobiliário/equipamentos:

luminária = 12
quiosque comercial = 03
banco de concreto = 04
banco metálico = 08
ponto de ônibus = 05
lixeiras metálicas = 09
telefone público = 03

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal: em sua grande parte conta com espécies arbóreas, mas também apresenta espécies arbustivas e de forração

Legislação:

Entorno imediato: estritamente comercial com alto fluxo de veículos particulares e público

Estado de conservação do mobiliário:
bom razoável ruim

Arte urbana: busto, placas de homenagem, obelisco

Festas e tradições: em determinadas épocas do ano, são realizadas feiras de artesanato.

Histórico: não foram localizados registros históricos

Projeto original: não foi encontrado

FOTOS



Foto antiga



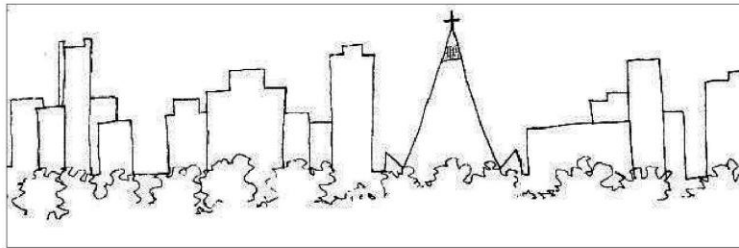
Foto atual da praça



Foto atual de um elemento da praça

Figura 28: Ficha documental da Praça Raposo Tavares.

Fonte: Autora, 2010.



FICHA DOCUMENTAL

Praça Dep. Renato Celidônio – Maringá/PR

Nome: Praça Deputado Renato Celidônio

Endereço: Entre a Av. Tiradentes e Av. XV de Novembro - Maringá/PR

Ficha nº:
04

Funções:

- circulação ● permanência ● lazer ○ esporte e cultura
- passeios e visitação ○ área de preservação ambiental

Vocação do local: passagem, descanso e lazer

Dimensões:

Traçado: heptágono irregular

Infra-estrutura: possui mobiliário urbano e pavimentação de cerâmica

Mobiliário/equipamentos:

bancos de concreto
luminárias
lixeiras metálicas
pontos de ônibus = 02

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal: abundância de espécies arbóreas e arbustivas, e de forração

Legislação:

Entorno imediato: misto (comercio e residência), edifícios institucionais e alto fluxo de veículos particulares e público

Estado de conservação do mobiliário:

- bom ● razoável ○ ruim

Arte urbana: palco para apresentações e um obelisco

Festas e tradições: são realizadas festas e feiras da cidade como a "Feira das Nações" e a "Festa da Canção"

Histórico: não encontrado

Projeto original: não encontrado

FOTOS



Foto atual do Obelisco



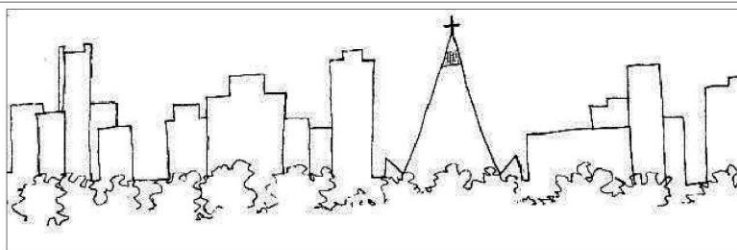
Foto atual da praça



Imagem noturna da praça

Figura 29: Ficha documental da Praça Deputado Renato Celidonio.

Fonte: Autora, 2010.



FICHA DOCUMENTAL

Praça Pedro Álvares Cabral – Maringá/PR

Nome: Praça Pedro Álvares Cabral

Ficha nº:

Endereço: Avenida Cerro Azul - Maringá/PR

05

Funções:

- circulação
- permanência
- lazer
- esporte e cultura
- passeios e visitação
- área de preservação ambiental

Vocação do local:

Dimensões:

Traçado: oval irregular

Infra-estrutura: pavimentação sem acesso de deficientes, e iluminação

Mobiliário/equipamentos:

luminárias = 08
bancos de concreto = 02
placas de sinalização = 04

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal: espécies arbóreas e de forração

Legislação:

Entorno imediato: misto (comercial e residencial) com alto fluxo de veículos particulares e público

Estado de conservação do mobiliário:

- bom
- razoável
- ruim

Arte urbana: pista de patinação

Festas e tradições: são realizadas esporadicamente, campeonatos de "skate" na pista de patinação da praça

Histórico: não encontrado

Projeto original: não encontrado

FOTOS



Pista de patinação e cesto de basquete



Pista de patinação



Passagem e vegetação

Figura 30: Ficha documental da Praça Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Autora, 2010.

5.2 Resultado da Observação do Desempenho Físico-Ambiental

Através deste método, pode-se avaliar o desempenho físico e ambiental das praças públicas de Maringá, que foram selecionadas para estudo. Foram necessárias pesquisas de observação no local, complementadas pelos resultados da observação da análise documental, realizada anteriormente.

Este método foi realizado com o objetivo também, de complementar as informações coletadas com os usuários da praça, através de formulários, sobre percepções do ambiente e o que esperam do mesmo. Para conseguir entender o que as sensações do espaço e tudo o que nele influi, provocam nos usuários.

Para isto, as praças foram analisadas por inteiro, desde a base, o entorno, cor, clima, som, luz, vegetação, e que aspectos essas características produzem. A metodologia de análise utilizadas através de fichas, tem como principal objetivo apresentar as informações mais importantes através de croquis, fotografias e temas discursivos que remetem às categorias analisadas: a base por inteira e o entorno.

Segue abaixo, a apresentação discursiva dos aspectos mais relevantes e em seguida a apresentação dos mesmos, através de fichas físico-ambientais.

A *Praça Interventor Manoel Ribas* (figura 31) apresenta fronteira definida em seu contorno (forma circular), tornando-se barreira para os ventos. Porém sua parte central não está protegida pela vegetação, onde o vento entra constantemente e sem barreiras. Seu entorno imediato é dividido entre edifícios mistos (comércio/residência), porém a praça não é utilizada como descanso, apesar de possuir uma vegetação abundante, diversas sombras e vento fresco. O mobiliário urbano se constitui pelas duas quadras de areia, uma concha acústica, apenas dois bancos de madeira que não são suficientes e grande parte dos postes de iluminação não se encontram em condições satisfatórias.

A *Praça Napoleão Moreira da Silva* (figura 32) possui uma vegetação abundante, devido à quantidade de espécies e o tamanho que as mesmas alcançam, obtendo um resultado positivo quanto ao conforto térmico, pois essa altura condiciona em um espaço sombreado no interior da praça, proporcionando um microclima suave e estável, diferente do seu entorno imediato. Este por sua vez, é constituído totalmente por edifícios comerciais e institucionais, dentre eles bancos e lojas populares. Os usuários desta praça a utilizam com frequência para descanso e contemplação, mas principalmente para passagem. A praça não apresenta uma personalidade acústica, pois o seu entorno

influencia diretamente nesta questão, visto que ela está cercada por avenidas e ruas de alto fluxo de veículos. O mobiliário urbano se apresenta em bom estado, sendo constituída basicamente por ponto de taxi, uma banca de revista, uma central para compra de bilhetes para estacionamento, bancos e mesas de concreto, *playground*, lixeiras metálicas e postes para iluminação.

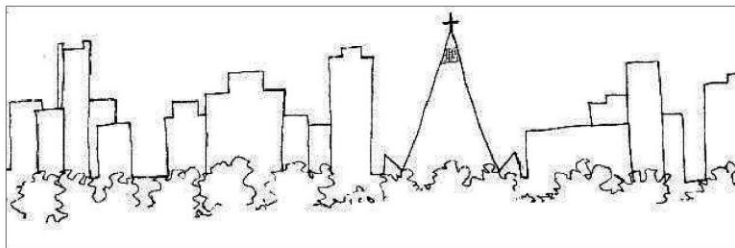
Na *Praça Raposo Tavares* (figura 33) o entorno é quem condiciona o seu espaço. O mesmo é totalmente constituído por comércio popular e muito próximo do antigo Terminal Rodoviário da cidade. Possui fronteira na superfície (nas quatro laterais), devido a sua vegetação e o próprio entorno. Sendo assim, há uma barreira de vento, que somando com a sombra projetada pela vegetação, proporcionam um ambiente estável e agradável para os usuários que usufruem do espaço para descanso e/ou passagem. O material usado para a composição da superfície não tem capacidade de isolar o espaço acústica e termicamente. Portanto a praça não tem personalidade acústica, devido ao grande fluxo de veículos nas vias que a contornam. O mobiliário urbano é composto por uma pequena concha acústica, bancos de concreto sem encosto, ou seja, desconfortáveis, lixeiras e postes com iluminação satisfatória.

A *Praça Dep. Renato Celidônio* (figura 34) apresenta uma barreira visual em todos os lados de sua superfície, sendo composta por uma vegetação abundante. Porém em sua parte central, há presença de um espaço (normalmente utilizado para festas populares), onde há certa ausência da vegetação, tornando o espaço vulnerável aos ventos, diferente dos demais espaços da praça. Portanto, no inverno a sensação térmica do usuário do espaço aumenta, e o mesmo acontece em dias quentes. Por ser composta de vegetação exuberante, a praça proporciona sombra e um ambiente estável para os usuários, que a utilizam como passagem e/ou descanso. Por ser de grande porte e ter certa distância das principais vias de acesso, a praça possui personalidade acústica e térmica diferenciada do entorno, que apresenta grande fluxo de veículos (privados e públicos) e maior incidência solar. Os materiais que compõem a superfície não são bons isolantes térmicos, pois a incidência solar é quase que direta, apesar do sombreamento e o piso é de cerâmica em cores quentes (cores que compõem o brasão da cidade: vermelho e amarelo). Seu entorno é bem diferenciado dos demais, sendo constituído de edifícios comerciais, residenciais, misto (residencial e comercial) e institucionais (igreja, fórum e prefeitura). Os materiais constituintes desse entorno apresentam alta capacidade de reflexão da radiação solar, resultando negativamente na praça, visto que essa reflexão

devolve calor. O mobiliário urbano é composto por bancos de concreto, lixeiras, telefone público e postes com iluminação satisfatória.

A *Praça Pedro Álvares Cabral* (figura 35) apesar de possuir vegetação, identifica-se grandes espaços laterais para entrada dos ventos, em função da altura das copas das árvores que compõe o paisagismo. A incidência solar atravessa a superfície das árvores – que é porosa – elevando a temperatura da superfície em alguns espaços. A praça também está totalmente exposta à principal via que a contorna, a Avenida Cerro Azul que apresenta um alto fluxo de veículos (privados e públicos), e este ruído influencia diretamente na praça. O entorno é constituído por edifícios comerciais, residenciais e mistos, de baixa altura. Por apresentarem esta característica, permitem que a praça se torne ainda mais vulnerável aos ruídos do trânsito, dos bares e restaurantes em entorno. O mobiliário por sua vez, se encontra em condições precárias para o uso, sendo bancos de concreto sem encosto, lixeiras e postes para iluminação sem lâmpadas. A praça também possui uma pista que é frequentemente usada por adeptos aos esportes radicais e pelos usuários do entorno que a utilizam mesmo que com pouca frequência para descanso e passagem.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça Manoel Ribas - Maringá/PR

Nome: Praça Manoel Ribas

Ficha nº:

Endereço: Rotatória: Av. Tiradentes, Av. Rio Branco, Av. Curitiba, Av. Cidade de Leiria e Rua José do Patrocínio - Mgá/PR

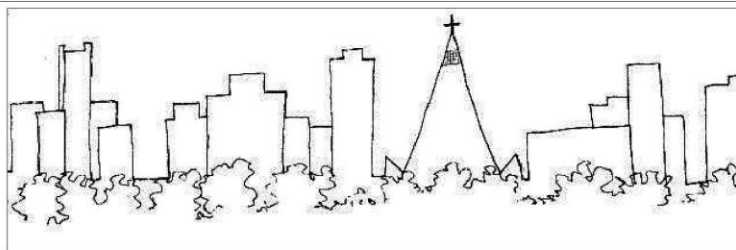
01

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL Há intensa incidência solar no centro e sombras projetadas pelas árvores nas extremidades.</p> <p>VENTO Penetração do vento no centro e não muito intensa, devido às barreiras nas extremidades.</p> <p>SOM Os ruídos são gerados pelos veículos e bares.</p>		<p>SENSAÇÃO DE COR Cores em tom de verde, agradável para a permanência.</p>	COR
	<p>CONTINUIDADE DA MASSA Conjunto divergente na altura, devido ao tipo de ocupação residencial e comercial do entorno.</p> <p>PAVIMENTOS Paralelepípedos.</p> <p>VEGETAÇÃO Abundante. Espécies de forração, arbórea e arbustivas.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Bancos, luminárias, quadras poliesportivas, placas de sinalização.</p>			<p>UMIDADE RELATIVA Bem úmida devido à vegetação.</p> <p>TEMPERATURA DO AR Menor do que a do entorno, por causa da vegetação abundante.</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS Moderado.</p> <p>ALBEDO Médio, espaço sombreado pela vegetação.</p>
BASE	<p>DETALHES ARQUITETÔNICOS Concha acústica.</p> <p>NÚMERO DE LADOS Possui forma circular (uma face).</p> <p>ALTURA 10 metros em geral.</p>		<p>AMBIENTES SONOROS Não é prazeroso devido ao fluído do trânsito e dos bares ao redor da praça.</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Espaço com som do entorno.</p>	SOM
			<p>MANCHAS DE LUZ Espaços criados pelas projeções das sombras.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Não existem contrastes.</p> <p>LUMINÂNCIA</p>	LUZ
			<p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duros, bancos com encosto de madeira, bancos e arquibancada de concreto.</p>	

Figura 31: Ficha Físico-Ambiental da Praça Interventor Manoel Ribas.

Fonte: Autora, 2010.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça Napoleão Moreira da Silva - Maringá/PR

Nome: Praça Napoleão Moreira da Silva

Ficha nº:

Endereço: Entre: a Av. Brasil e Rua Santos Dumont e Av. Duque de Caxias e Rua Ver. Basílio Sautchuk - Mgá/PR

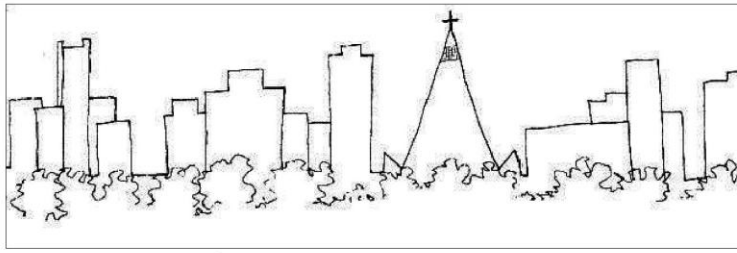
02

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL Incidência quase nula, visto que a praça é quase que totalmente sombreada pela vegetação.</p> <p>VENTO Fechada à penetração dos ventos.</p> <p>SOM Os ruídos são gerados pelas vias que contornam a praça.</p>		<p>SENSAÇÃO DE COR Predomina os tons de verde escuro.</p>	COR
	MATERIAIS		<p>CONTINUIDADE DA MASSA Conjunto coeso e uniforme com o entorno.</p> <p>PAVIMENTOS Paralelepípedos.</p> <p>VEGETAÇÃO Abundante. Espécies de forração, arbórea e arbustivas, palmáceas e herbáceas.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Bancos, luminárias, lixeiras, telefones públicos, ponto de táxi, quiosques, mesas.</p>	
BASE		<p>DETALHES ARQUITETÔNICOS Concha acústica.</p> <p>NÚMERO DE LADOS Possui forma circular (uma face).</p> <p>ALTURA 10 metros em geral.</p>		
				<p>MANCHAS DE LUZ Sombras criadas pela projeção da luz.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Não existem contrastes.</p> <p>LUMINÂNCIA Moderada.</p>
			<p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duros, bancos e mesas de concreto, bancos se encosto de madeira.</p>	

Figura 32: Ficha Físico-Ambiental da Praça Napoleão Moreira da Silva.

Fonte: Autora, 2010.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça Raposo Tavares – Maringá/PR

Nome: Praça Raposo Tavares

Ficha nº:

Endereço: Entre a Av. Brasil e Rua Joubert de Carvalho

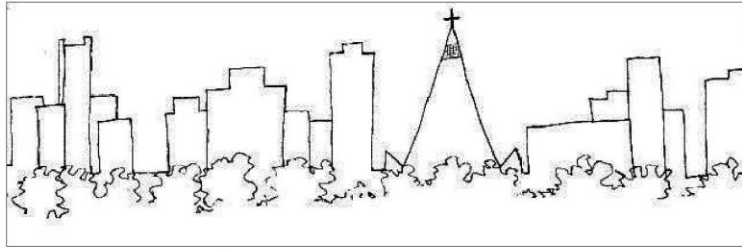
03

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL Não há muita incidência solar no centro, devido à quantidade de árvores na praças.</p> <p>VENTO Não há intensa penetração de vento na praça, devido às barreiras nas extremidades (edifícios).</p> <p>SOM Os ruídos são gerados pelo alto fluxo de veículos no entorno da praça.</p>		<p>SENSAÇÃO DE COR Predomina os tons pastéis e os tons de verde (devido à vegetação).</p>	COR
	<p>MATERIAIS</p> <p>CONTINUIDADE DA MASSA Conjunto divergente na altura, devido ao tipo de ocupação residencial e comercial do entorno.</p> <p>PAVIMENTOS Paralelepípedos.</p> <p>VEGETAÇÃO Abundante. Sendo a maior parte composta por árvores de grande porte.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Bancos, luminárias, lixeiras, ponto de táxi, quiosques, concha acústica e arquibancada.</p>			<p>UMIDADE RELATIVA Bem úmida devido à vegetação.</p> <p>TEMPERATURA DO AR Menor do que a do entorno, por causa da vegetação abundante.</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS Moderado.</p> <p>ALBEDO Médio, espaço sombreado pela vegetação.</p>
BASE	<p>DETALHES ARQUITETÔNICOS Concha acústica e arquibancada.</p> <p>NÚMERO DE LADOS Possui 4 lados.</p> <p>ALTURA 15 metros em geral.</p>		<p>AMBIENTES SONOROS Não é prazeroso devido alto fluxo dos veículos nas vias ao redor da praça.</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Espaço com som do entorno.</p>	SOM
			<p>MANCHAS DE LUZ Espaços criados pelas projeções das sombras.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Não existem contrastes.</p> <p>LUMINÂNCIA Moderada.</p> <p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duros, bancos de concreto sem encosto, concha acústica e arquibancada de concreto.</p>	LUZ

Figura 33: Ficha Físico-Ambiental da Praça Raposo Tavares.

Fonte: Autora, 2010.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça Dep. Renato Celidônio - Maringá/PR

Nome: Praça Deputado Renato Celidônio

Ficha nº:

Endereço: Entre a Av. Tiradentes e a Av. XV de Novembro

04



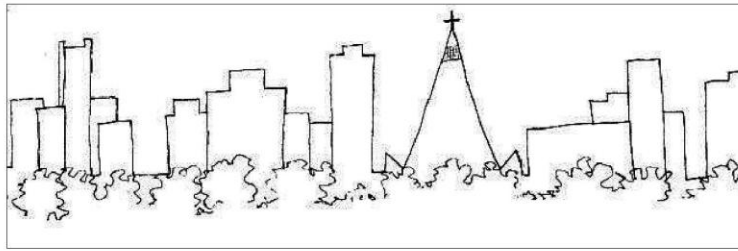
ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL Há sombras projetadas pela vegetação, resultando em uma sensação de desconforto.</p> <p>VENTO Aberto há penetração dos ventos, não permitindo que o usuário sinta-se desconfortável.</p> <p>SOM Há ruídos, mas não muito intensos.</p>		<p>SENSAÇÃO DE COR Tons baseados nas cores do brasão da cidade (verde, amarelo e vermelho).</p>	COR
	MATERIAIS		<p>CONTINUIDADE DA MASSA Divergente em altura, devido à ocupação do entorno.</p> <p>PAVIMENTOS Concreto.</p> <p>VEGETAÇÃO Abundante na variedades das espécies: arbóreas, palmáceas, herbáceas, forração e arbustivas.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Bancos sem encosto de concreto, lixeiras, luminárias e telefone público.</p>	
BASE		<p>DETALHES ARQUITETÔNICOS Oblisco e um palco para apresentações.</p> <p>NÚMERO DE LADOS 7 lados.</p> <p>ALTURA 20 metros em geral.</p>		<p>AMBIENTES SONOROS A praça é grande e o fluxo não é diretamente nas laterais, por isso é prazeroso.</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Espaço livre do som do entorno.</p> <p>MANCHAS DE LUZ Projetadas pela vegetação.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Não existem contrastes.</p> <p>LUMINÂNCIA Alta.</p>
			<p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duro, bancos de concreto sem encosto, palco para apresentações e uma escultura (obelisco).</p>	LUZ

Figura 34: Ficha Físico-Ambiental da Praça Deputado Renato Celidonio.

Fonte: Autora, 2010.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça Pedro Álvares Cabral – Maringá/PR

Nome: Praça Pedro Álvares Cabral

Ficha nº:

Endereço: Avenida Cerro Azul

05

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL Há intensa incidência solar na maior parte da praça.</p> <p>VENTO Penetração dos ventos, sem qualquer barreira significativa.</p> <p>SOM Os ruídos são gerados pelos veículos e bares.</p>		<p>SENSAÇÃO DE COR Cores em tons de cinza e verde (vegetação).</p>	COR
	<p>CONTINUIDADE DA MASSA Conjunto coeso em altura, se comparado ao tipo de ocupação residencial e comercial do entorno.</p> <p>PAVIMENTOS Paralelepípedos.</p> <p>VEGETAÇÃO Não muito abundante. Sendo composta de espécies arbóreas, de forração, herbáceas e arbustivas.</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO Bancos, luminárias, pista de patinação, placas de sinalização.</p>			<p>UMIDADE RELATIVA Moderada.</p> <p>TEMPERATURA DO AR Menor do que a do entorno, resultado da vegetação abundante.</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS Moderado.</p> <p>ALBEDO Médio, espaço sombreado pela vegetação.</p>
BASE	<p>DETALHES ARQUITETÔNICOS -</p> <p>NÚMERO DE LADOS Possui forma oval.</p> <p>ALTURA 15 metros em geral.</p>		<p>AMBIENTES SONOROS Não é prazeroso devido ao fluído do trânsito e dos bares ao redor da praça.</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Espaço com som do entorno e raramente com som próprio (quando há utilização da pista de patinação).</p>	SOM
			<p>MANCHAS DE LUZ Espaços criados pelas projeções das sombras.</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ Não existem contrastes.</p> <p>LUMINÂNCIA Moderada.</p> <p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS Duros, bancos de concreto sem encosto, pista de patinação.</p>	LUZ

Figura 35: Ficha Físico-Ambiental da Praça Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Autora, 2010.

5.3 Resultado da observação do comportamento dos usuários

Com as informações coletadas a partir das observações do comportamento dos usuários pôde-se analisar os horários, os mobiliários e/ou equipamentos mais utilizados da praça e o comportamento dos usuários em relação a estes. Os resultados são apresentados primeiramente de maneira descritiva e sintética das principais informações e depois sob a forma de tabelas, construindo o mapa comportamental dos usuários. Cada praça teve sua tabela adaptada de acordo com sua configuração e atividades consideradas necessárias para o entendimento do fenômeno de apropriação das praças.

Estas fichas são apresentadas nas figuras 36, 37, 38, 39 e 40, depois da apresentação do resultado desses outros métodos.

Na Praça Manoel Ribas (tabela 2), uma praça pública central com seu entorno predominante comercial, os horários determinados por este último acabam protagonizando os picos de utilização da praça. Outro fato observado é a curta permanência de uso no mobiliário urbano e o reduzido fluxo de pedestres. Quanto aos usuários que utilizam os equipamentos e mobiliários predominam os jovens esportistas que utilizam as quadras de areia de manhã e de tarde. Houve claramente a presença de um único grupo de usuário, os jovens, pois idosos e crianças praticamente não foram observados na praça.

Na Praça Napoleão Moreira da Silva (tabela 3), o uso dos equipamentos é o grande destaque da praça, representados pelos idosos que utilizam as mesinhas de concreto para jogos de baralho, existem ainda um ponto de taxi com uso freqüente durante todo o dia, além de uma banca de revistas, um quiosque de sorvetes, e um posto de venda de bilhetes para estacionamento. Os maiores picos de utilização dos espaços acontecem nos horários comerciais. Ainda, observou-se que a quantidade de mobiliário de estar se mostrou insuficiente em alguns horários fazendo com que as pessoas tivessem que esperar para poder utilizá-los. Quanto ao perfil dos usuários, a maioria são pessoas idosas e adultas que moram em bairros periféricos e precisam trabalhar o utilizar dos serviços oferecidos pelo comércio de seu entorno imediato. Além desses, alguns jovens freqüentam a praça, principalmente para passagem. Quase não se notou a presença de crianças na praça apesar de possuir um playground.




Na Praça Raposo Tavares(tabela 4), os usuários a utilizam para pausas em geral de 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos. Os pontos de onibus também tem grande utilização principalmente por se tratar de um ponto central da cidade que articula ligação com diversos bairros mais periféricos da cidade. O Posto Policial e a banca de revista apresentam um uso moderado, sem grande destaque. A utilização para passagem é destaque principalmente no período da tarde em função do comércio do entorno imediato, sendo assim classificamos a praça como espaço de circulação mais do que de permanência.

A Praça Deputado Renato Celidonio(tabela 5), é diversificada em relação ao seu uso e aos seus usuários em praticamente todos os horários analisados; percebe-se claramente a apropriação de diferentes grupos: nos dias de semana, jovens e adultos, os adultos no fim da manhã e começo da tarde e as crianças no final da tarde, depois que saem das escolas; nos finais de semana, o grupo de usuários mais freqüente pela manhã são as famílias, com destaque para mães com bebês e na parte da tarde, a praça é apropriada por jovens que vão para passear e paquerar, conversar. Além disso, nos horários que antecedem e depois das missas, existe um grande número de usuários que ficam um tempo lá para conversarem com os conhecidos. O mobiliário de estar, mesmo apresentando uso moderado na maior parte dos horários analisados, é considerado bem utilizado, variando a preferência, conforme os diferentes horários e dias, entre os que estão sombreados e os que recebem insolação.

Na Praça Pedro Álvares Cabral – (tabela 6), a maioria dos usuários são os jovens que utilizam a pista de skate. O mobiliário de estar existente quase não é utilizado por sua localização e estado de conservação, notou-se que as pessoas evitam a área escura formada pela sombra densa de algumas árvores onde eles estão localizados.

ATIVIDADES - PRAÇA MANOEL RIBAS . MGÁ/PR					
DIAS DA SEMANA		A	B	C	D
DIAS ÚTEIS	Manhã	Uso moderado	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
	Tarde	Uso intenso	Uso moderado	Uso intenso	Uso moderado
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
FINAIS DE SEMANA	Manhã	Uso baixo	Uso moderado	Uso baixo	Uso baixo
	Tarde	Uso moderado	Uso moderado	Uso baixo	Uso baixo
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo

LEGENDA:




	Uso baixo
	Uso moderado
	Uso intenso

- A Circulação pela praça
- B Pessoas paradas nas praças
- C Utilização dos Mobiliários / Equipamentos Urbanos
- D Comportamento do Indivíduo (sentado ou caminhando)

Tabela 2: Mapa comportamental dos usuários da Praça Manoel Ribas

ATIVIDADES - PRAÇA NAPOLEÃO MOREIRA DA SILVA . MGÁ/PR					
DIAS DA SEMANA		A	B	C	D
DIAS ÚTEIS	Manhã	Uso moderado	Uso moderado	Uso baixo	Uso moderado
	Tarde	Uso intenso	Uso intenso	Uso intenso	Uso moderado
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
FINAIS DE SEMANA	Manhã	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
	Tarde	Uso moderado	Uso moderado	Uso baixo	Uso moderado
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo

LEGENDA:

	Uso baixo
	Uso moderado
	Uso intenso

- A Circulação pela praça
- B Pessoas paradas nas praças
- C Utilização dos Mobiliários / Equipamentos Urbanos
- D Comportamento do Indivíduo (sentado ou caminhando)

Tabela 3: Mapa comportamental dos usuários da Praça Napoleão Moreira Da Silva

ATIVIDADES - PRAÇA RAPOSO TAVARES . MGÁ/PR					
DIAS DA SEMANA		A	B	C	D
DIAS ÚTEIS	Manhã	Intenso	Baixo	Moderado	Baixo
	Tarde	Intenso	Intenso	Intenso	Moderado
	Noite	Moderado	Baixo	Baixo	Baixo
FINAIS DE SEMANA	Manhã	Baixo	Baixo	Baixo	Intenso
	Tarde	Moderado	Baixo	Baixo	Baixo
	Noite	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

LEGENDA:




	Uso baixo
	Uso moderado
	Uso intenso

- A Circulação pela praça
- B Pessoas paradas nas praças
- C Utilização dos Mobiliários / Equipamentos Urbanos
- D Comportamento do Indivíduo (sentado ou caminhando)

Tabela 4: Mapa comportamental dos usuários da Praça Raposo Tavares

ATIVIDADES - PRAÇA DEP. RENATO CELIDÔNIO . MGÁ/PR					
DIAS DA SEMANA		A	B	C	D
DIAS ÚTEIS	Manhã	Intenso	Moderado	Moderado	Baixo
	Tarde	Intenso	Intenso	Intenso	Moderado
	Noite	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo
FINAIS DE SEMANA	Manhã	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo
	Tarde	Moderado	Baixo	Baixo	Moderado
	Noite	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

LEGENDA:




	Uso baixo
	Uso moderado
	Uso intenso

- A Circulação pela praça
- B Pessoas paradas nas praças
- C Utilização dos Mobiliários / Equipamentos Urbanos
- D Comportamento do Indivíduo (sentado ou caminhando)

Tabela 5: Mapa comportamental dos usuários da Praça Deputado Renato Celidonio

ATIVIDADES - PRAÇA PEDRO ALVAREZ CABRAL . MGÁ/PR					
DIAS DA SEMANA		A	B	C	D
DIAS ÚTEIS	Manhã	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso moderado
	Tarde	Uso moderado	Uso baixo	Uso intenso	Uso moderado
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
FINAIS DE SEMANA	Manhã	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo
	Tarde	Uso moderado	Uso baixo	Uso intenso	Uso moderado
	Noite	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo	Uso baixo

LEGENDA:

	Uso baixo
	Uso moderado
	Uso intenso

- A Circulação pela praça
- B Pessoas paradas nas praças
- C Utilização dos Mobiliários / Equipamentos Urbanos
- D Comportamento do Indivíduo (sentado ou caminhando)

Tabela 6: Mapa comportamental dos usuários da Praça Pedro Alvares Cabral

5.4 Resultado da entrevista

Neste item são apresentados os resultados das entrevistas semi-estruturadas realizadas com os usuários do entorno (comércio/serviços ou residências) das praças públicas. A aplicação das entrevistas foi explicada no capítulo 04 – Procedimentos de pesquisa e a seguir há uma descrição dos resultados obtidos. Além disso, após a apresentação dos resultados do método Jogo são apresentadas as fichas dos usuários com a organização dos dados mais relevantes obtidos nos dois métodos aplicados diretamente aos usuários: observações do comportamento dos usuários, entrevistas. As fichas são apresentadas nas figuras 36, 37, 38, 39 e 40.

Na Praça Manoel Ribas, os entrevistados alguns moravam em bairros distantes, outros eram moradores do bairro Centro. Quanto à frequência de uso, com exceção de dois entrevistados que usam de 3 (três) a 4 (quatro) vezes por semana, todos freqüentam a praça uma vez por semana. Quanto ao motivo da utilização, as respostas mais freqüentes foram para utilizar as quadras de areia.

Os espaços mais utilizados, segundo os entrevistados, são as quadras e bancos. Sobre o que é ruim, destacaram a falta de bancos, limpeza, poucas áreas gramadas, muitos cachorros de rua, além disso, um entrevistado destacou que o acesso da praça era difícil “é muito complicado atravessar a rua, tem muito carro passando o tempo todo”. Sobre o que é bom na praça, a maioria apontou a paisagem e a sombra os bancos e as quadras.

A maioria dos entrevistados destacou que sente alegria quando está na praça, e um que sentia sensação de alívio. As melhorias que deveriam ser realizadas foram ter mais áreas sombreadas, árvores e grama, além de quadras cobertas e solução para o acesso dos pedestres.

Na Napoleão Moreira da Silva os entrevistados foram na maioria idosos e adultos, valendo a pena destacar essa distinção nos resultados. Quanto à frequência de uso, os idosos entrevistados, todos do sexo masculino, são os que freqüentam a praça quase que diariamente e os demais entrevistados freqüentam de 1 (uma) a 2 (duas) vezes por semana.

Quando perguntamos sobre o porquê da utilização da praça as respostas dos idosos foi para encontrar os amigos, jogar baralho, sair um pouco de casa e ter um pouco

de lazer. Os demais usuários entrevistados utilizam a praça para esperar alguém, tomar um sorvete ou sentar um pouco enquanto estão pelo centro da cidade. Todos os entrevistados responderam que os espaços para sentar são os espaços mais utilizados da praça.

Sobre o que consideram ruim no espaço, vários aspectos foram mencionados, entre eles, degradação do espaço, mau conservação e falta de conforto dos bancos, falta de manutenção e latas de lixo no lado dos estares. Sobre o que é considerado bom no espaço, colocam a convivência que têm com os outros usuários e a presença das árvores.

Quanto às sensações alguns colocaram que se sentem tranquilos e alegres, como um usuário que descreve sua emoção “estou aqui todo dia faça chuva ou sol”; alguns usuários responderam que depende do momento, outros citaram a sujeira, conforme um entrevistado, “um espaço cheio de pombos e sem alegria”.

Nas considerações sobre o que poderia ser melhorado na praça colocaram que deveriam ter mesas e bancos mais confortáveis, arrumar as luminárias, pintar e implantar um banheiro público, ter mais respeito com os idosos, arrumar calçamento, entre outras sugestões.

Na Praça Raposo Tavares, os entrevistados geralmente são de bairros da periferia ou de municípios vizinhos que usam a praça uma vez por semana quando vêm ao Centro fazer algo. Quando perguntamos sobre o porquê da utilização da praça a resposta mais freqüente foi para descansar, mas também apontaram que era para esperar o tempo passar, ver a paisagem ou ficar na sombra.

Todos os entrevistados responderam que os bancos são os espaços mais utilizados da praça e alguns destacaram os bancos sombreados como os preferidos. Sobre o que consideram ruim, a maioria respondeu que a falta de segurança pela presença de moradores de ruas e usuários de droga e alguns destacaram o calçamento precário, a sujeira e a falta de cuidados com as árvores. Sobre o que é considerado bom, responderam que é a sombra, os bancos, a natureza ou o movimento das pessoas.

Quanto às sensações que a praça passava, os sentimentos destacados foram abandono, insegurança, descanso. Sobre o que poderia ser melhorado, os entrevistados destacaram diversas sugestões, entre elas, troca do pavimento, dos bancos, limpeza,

segurança, melhoria nos canteiros, como ter flores e ser mais gramado e ter mais opções de atrativos, como a instalação de um playground, uma lanchonete ou um quiosque.

Na Praça Deputado Renato Celidônio, a maioria dos entrevistados foram adultos, entre 25 (vinte e cinco) a 45 (cinquenta) anos, sendo que uns moram nos bairros periféricos e outros no bairro Centro, próximo à praça. Quanto à frequência de uso, metade dos entrevistados utilizam a praça diariamente e os demais responderam de 2 (duas) a 3 (três) vezes por semana ou somente nos finais de semana.

Os motivos para frequentarem a praça são para passear, conversar com os amigos, apreciar a beleza da praça, ir à missa ou brincar com os filhos, além disso, dois entrevistados apontaram que fazer compras nos estabelecimentos do entorno, é estar frequentando a praça. Os espaços mais utilizados destacados foram os mobiliários de estar (bancos) e a igreja localizada a frente.

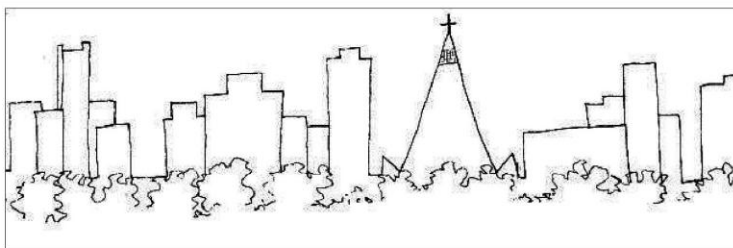
Como ruim destacaram a utilização de parte da praça por moradores de ruas e usuários de drogas em alguns horários, principalmente a noite, os bancos que são poucos, a pavimentação e os banheiros mal cuidados, mas 3 (três) entrevistados responderam que está tudo bom. Como aspecto positivo apontaram o verde e a sombra, as conversas, a igreja, as festas periódicas e o tamanho da praça.

Como sensações que a praça passa, 8 (oito) entrevistados relataram que sentem alegria e 2 (dois) que sentem paz. Um dos entrevistados comentou que à noite sente tristeza por causa da “turma de maconheiros que utiliza a praça”. As melhorias sugeridas foram implantação de uma área permanente de lazer infantil limpeza nos banheiros e segurança à noite, mas a maioria respondeu que tudo estava bom e não precisa mudar nada.

Na Praça Pedro Álvares Cabral, os entrevistados tinham na faixa de 15 (quinze) a 22 (vinte) anos e moram em bairros vizinhos, sendo a maioria estudantes. Entre os 10 (dez) usuários entrevistados, 7 (sete) deles responderam que usam a praça por causa da pista de skate, os outros apontaram que é para descansar ou acompanhar os amigos. A maior parte utiliza a praça uma vez por semana, ou finais de semana. Como espaço mais utilizado dentro da praça destacaram a pista de skate e os bancos, uma das entrevistadas destacou, “uso a pista de skate para divertimento com meus amigos”. Afirmam que a falta de conforto nos bancos e a falta de iluminação à noite são os aspectos mais negativos da

praça. Como aspectos considerados bons, destacam a pista de skate e a paisagem. Quanto às sensações, a maioria destacou que se sente alegre na praça, um dos entrevistados respondeu que “é massa” e um outro que se sente tranquilo. As melhorias solicitadas para a praça foram com relação aos bancos, à vegetação, à pista de skate e à iluminação noturna.

3



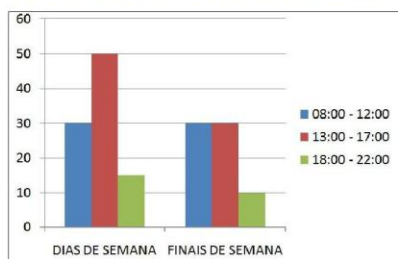
FICHA DO USUÁRIO

Praça Interventor Manoel Ribas - Maringá/PR

QUESTIONAMENTO USUÁRIOS

Ficha n°:
01

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM



POR QUE UTILIZA A PRAÇA?



Passagem

SENSAÇÕES?



Bem-estar

ESPAÇO MAIS UTILIZADO?



Quadras de areia

O QUE PODE MELHORAR



Melhorar/aumentar o mobiliário

O QUE É RUIM NA PRAÇA?



Falta de acesso

O QUE É BOM NA PRAÇA?



Convívio

NÃO USUÁRIOS

O QUE PODERIA SER MELHORADO?



Mobiliário

SENSAÇÕES?



Insegurança

OBSERVAÇÕES

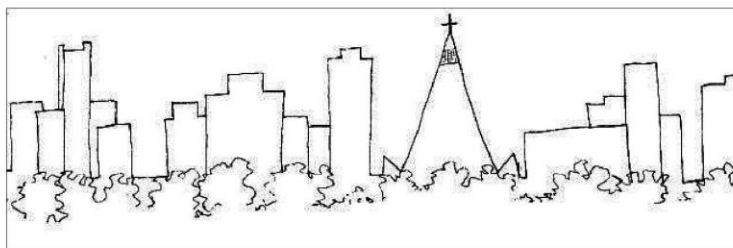
Os resultados apresentados:

- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;
- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);
- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.

Figura 36: Ficha do Usuário da Praça Interventor Manoel Ribas.

Fonte: Autora, 2010.

3



FICHA DO USUÁRIO

Praça Napoleão Moreira da Silva - Maringá/PR

QUESTIONAMENTO USUÁRIOS

Ficha nº:
02

POR QUE UTILIZA A PRAÇA?



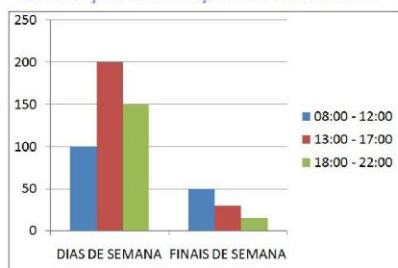
Passagem/Descanso

SENSAÇÕES?



Alegria

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM



ESPAÇO MAIS UTILIZADO?



Bancos de concreto

O QUE É RUIM NA PRAÇA?



Excesso de vegetação

O QUE É BOM NA PRAÇA?



Convivência

NÃO USUÁRIOS

O QUE PODERIA SER MELHORADO?



Mobiliário

SENSAÇÕES?



Abandono

OBSERVAÇÕES

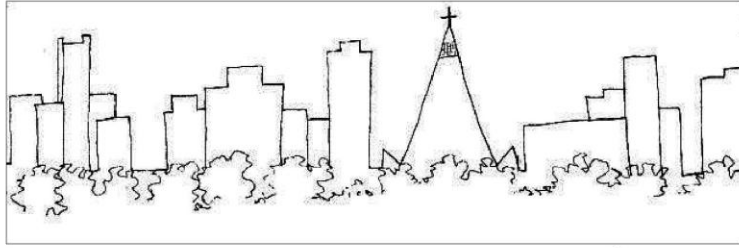
Os resultados apresentados:

- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;
- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);
- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.

Figura 37: Ficha do Usuário da Praça Napoleão Moreira da Silva.

Fonte: Autora, 2010.

3



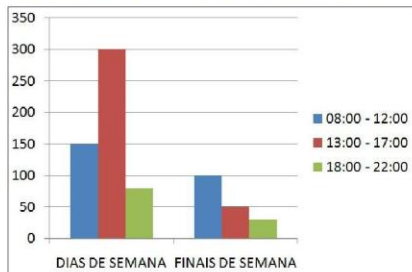
FICHA DO USUÁRIO

Praça Raposo Tavares – Maringá/PR

QUESTIONAMENTO USUÁRIOS

Ficha nº:
03

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM



POR QUE UTILIZA A PRAÇA?



Passagem/ Descanso

SENSAÇÕES?



Insegurança

ESPAÇO MAIS UTILIZADO?



Bancos

O QUE PODE MELHORAR



Melhorar o mobiliário

O QUE É RUIM NA PRAÇA?



Insegurança

O QUE É BOM NA PRAÇA?



Convivência

NÃO USUÁRIOS

POR QUE NÃO UTILIZA?



Medo

O QUE PODERIA SER MELHORADO?



Mobiliário

SENSAÇÕES?



Insegurança

OBSERVAÇÕES

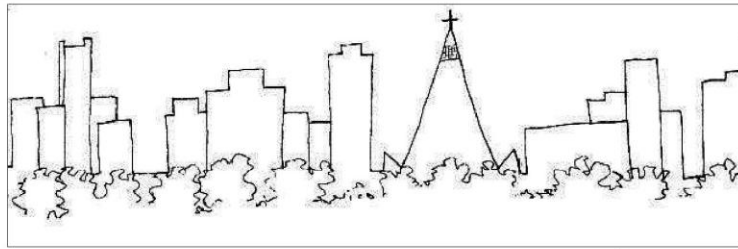
Os resultados apresentados:

- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;
- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);
- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.

Figura 38: Ficha do Usuário da Praça Raposo Tavares.

Fonte: Autora, 2010.

3



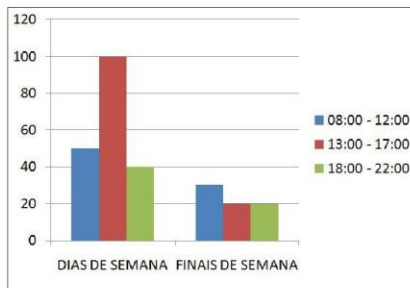
FICHA DO USUÁRIO

Praça Dep. Renato Celidônio - Maringá/PR

QUESTIONAMENTO USUÁRIOS

Ficha n°:
04

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM



POR QUE UTILIZA A PRAÇA?



Descanso

SENSAÇÕES?



Bem-estar

ESPAÇO MAIS UTILIZADO?



Assentos

O QUE PODE MELHORAR



Aumentar o mobiliário

O QUE É RUIM NA PRAÇA?



Falta de visibilidade

O QUE É BOM NA PRAÇA?



Convívio

NÃO USUÁRIOS

O QUE PODERIA SER MELHORADO?



Mobiliário

SENSAÇÕES?



Insegurança

OBSERVAÇÕES

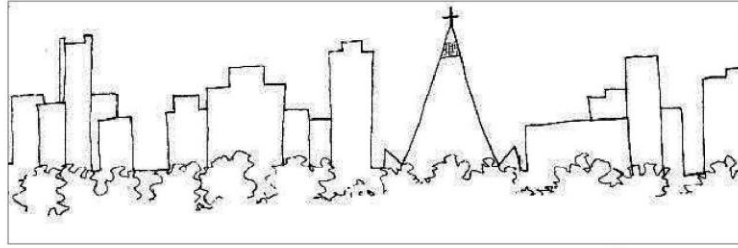
Os resultados apresentados:

- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;
- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);
- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.

Figura 39: Ficha do Usuário da Praça Deputado Renato Celidônio.

Fonte: Autora, 2010.

3



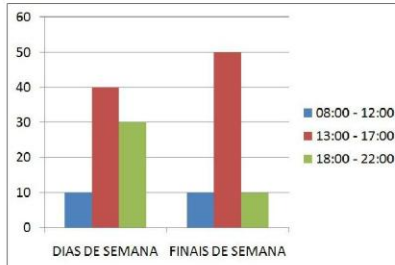
FICHA DO USUÁRIO

Praça Pedro Álvares Cabral - Maringá/PR

QUESTIONAMENTO USUÁRIOS

Ficha n°:
05

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM



POR QUE UTILIZA A PRAÇA?



Passagem/Prática de esportes

SENSAÇÕES?



Bem-estar

ESPAÇO MAIS UTILIZADO?



Pista de Patinação

O QUE PODE MELHORAR



Aumentar número de acessos

O QUE É RUIM NA PRAÇA?



Falta de acesso

O QUE É BOM NA PRAÇA?



Convivência

NÃO USUÁRIOS

O QUE PODERIA SER MELHORADO?



Aumentar mobiliário

SENSAÇÕES?



Alegria

OBSERVAÇÕES

Os resultados apresentados:

- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;
- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);
- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.

Figura 40: Ficha do Usuário da Praça Pedro Álvares Cabral.

Fonte: Autora, 2010.

5.5 Discussão dos Métodos e Resultados

A pesquisa qualitativa, aplicada nesse trabalho, não serve para fins estatísticos, mas para apontar critérios de qualidade presentes nos resultados no sentido de contribuir para o conhecimento do fenômeno de apropriação de praças públicas centrais em na cidade de Maringá.

A aplicação da metodologia Estudo de Caso teve por fim a aplicação de tres métodos: análise documental, observação - do comportamento dos usuários e do desempenho físico-ambiental e entrevista. Esses métodos se complementaram, somando informações quanto aos problemas e potencialidades, além de possíveis sugestões para melhoria e maior apropriação das praças analisadas.

As análises documentais resultaram em um levantamento das características espaciais das praças públicas em estudo e serviram de base para a aplicação dos demais métodos. As observações do comportamento dos usuários resultaram em um perfil de como cada praça é realmente usada, mesmo não conhecendo ainda os motivos dos usuários, pôde-se tirar conclusões significativas sobre a apropriação de cada uma das praças. Com as observações do desempenho físico-ambiental, pôde-se levantar as situação física e ambiental de cada praça e com isso relacionar com os processos de apropriação ou não de cada praça, analisado posteriormente.

As entrevistas permitiram, além de compreender a situação das praças públicas, identificar as sensações e os anseios que os usuários das praças têm em relação a elas.

Sendo assim, para melhor definir e sintetizar o conhecimento teórico e a compreensão dos resultados obtidos através dos métodos aplicados na pesquisa, elaborou-se um quadro síntese (quadro 3), apresentado da seguinte forma: principais características do município onde está inserido cada praça, principais características de cada praça, resultados mais relevantes de cada método – análise documental, observação do comportamento dos usuários, observação do desempenho físico-ambiental e entrevista e, por fim, as conclusões obtidas com o cruzamento dessas informações.

QUADRO SÍNTESE E CONCLUSIVO DOS RESULTADOS DOS MÉTODOS UTILIZADOS

PRAÇAS	PRAÇA MANOEL RIBAS	PRAÇA NAPOLEÃO MOREIRA DA SILVA	PRAÇA RAPOSO TAVARES	PRAÇA DEP. RENATO CELIDÔNIO	PRAÇA PEDRO ALVARES CABRAL
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximadamente 576.581 habitantes. - Colonização principal portuguesa, seguida por japoneses, alemães e espanhóis. - O centro não é o único espaço de lazer. - Há outros espaços de lazer (Shoppings, Cinema, Clubes Esportivos) - Tendência de usuários nas praças: idosos e adultos. 				
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade: Passagem. - Praça de Médio porte. - Dimensão social: Idoso que a utilizam para passeio. - Dimensão Cultural: é destacada por estar no centro de bares/restaurantes. - Dimensão Ambiental: amenização nas estações quentes, devido às árvores. - Acessibilidade: não há acessibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade: Passagem / Descanso. - Praça de Médio porte. - Dimensão social: Idosos que se encontram para se distrair. - Dimensão Cultural: é destacada principalmente no final do ano. - Dimensão Ambiental: amenização da temperatura nas estações quentes, devido às árvores. - Acessibilidade: há rampas de acessibilidade nas quatro laterais da praça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade: Passagem / Descanso. - Praça de Médio porte. - Dimensão social: Usuários mal intencionados (assaltos e tráfico e drogas). - Dimensão Cultural: é destacada em épocas de feiras artesanais. - Dimensão Ambiental: a temperatura é mais amena do que o entorno, devido à vegetação. - Acessibilidade: há rampas de acessibilidade em todas as laterais da praça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade: Passagem. - Praça de Grande porte. - Dimensão social: Pessoas que a utilizam para descanso debaixo das árvores. - Dimensão Cultural: é bem destacada nas épocas de festas e feiras que a cidade promove. - Dimensão Ambiental: na maior parte, a temperatura é mais amena do que o entorno. - Acessibilidade: há rampas de acesso em todas as laterais da praça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade: Esportes. - Praça de Pequeno porte. - Dimensão social: Encontros de jovens para a prática de esporte. - Dimensão Cultural: Somente é destacada para os praticantes de esportes radicais, quando há campeonatos na mesma. - Dimensão Ambiental: Possui temperatura mais amena do que a do entorno. - Acessibilidade: não possui rampas e alto degrau de acessibilidade.
ANÁLISE DOCUMENTAL	<ul style="list-style-type: none"> - Funções: Passagem. - Localização: Centro da cidade. - Entorno imediato misto (comercial e residencial). 	<ul style="list-style-type: none"> - Funções: Passagem e Descanso. - Localização: Centro da cidade. - Entorno Imediato Comercial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Funções: Passagem. - Localização: Centro da cidade. - Entorno Imediato estritamente comercial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Funções: Passagem e Descanso. - Localização: Centro da cidade (em frente à Prefeitura). - Entorno Imediato Misto (comercial e residencial) e 	<ul style="list-style-type: none"> - Funções: Prática de esportes. - Localização: Zona 2 (mas, próxima do centro). - Entorno Imediato Misto (comercial e residencial).

	<ul style="list-style-type: none"> - Fronteira: bares/restaurantes e lojas. - Mobiliário/Equipamentos: 2 bancos com encosto; lixeiras e luminárias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fronteira: lojas populares/bancos. - Mobiliário/Equipamentos: bancos de concreto sem encosto, luminárias, lixeiras, uma banca de revistas, telefone público. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fronteira: Lojas populares. - Mobiliário/Equipamentos: bancos de concreto sem encosto; luminárias, lixeiras, telefones públicos, 2 bancas de revistas. 	<p>Institucional.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fronteira: Agência de correios, Fórum, Prefeitura, Edifícios Residenciais. - Mobiliário/Equipamentos: bancos de concreto sem encosto; luminárias, lixeiras, telefones públicos, posto policial, uma banca de revistas, um palco para apresentações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fronteira: lojas, residências, restaurantes/bares /lanchonetes e mercado. - Mobiliário/Equipamentos: bancos de concreto sem encosto; luminárias, lixeiras, pista de patinação, cesto de basquete.
OBSERVAÇÃO DO DESEMPENHO FÍSICO-AMBIENTAL	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto de cores frias. - Ruído no entorno influencia diretamente na praça. - Temperatura do ar é mais amena do que o entorno (grande fluxo de veículos e grandes edifícios residenciais). - Ventos: não interferem diretamente na praça (barreira vegetal). 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto de cores frias. - Os ruído no entorno influenciam diretamente no interior da praça. - Temperatura do ar é mais amena do que a do entorno. - Ventos: não agem diretamente na praça, devido a barreira vegetal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto de cores frias. - Ruído no entorno (alto) interferem no bem estar dos usuários. - Temperatura do ar mais amena do que a do entorno (grande fluxo de veículos). - Ventos: não penetram diretamente no interior da praça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto de cores quentes. - Os ruídos no entorno não interferem no bem estar do usuário, devido ao fato da praça ser de grande porte. - Temperatura do ar é mais amena do que o entorno em alguns locais da praça. - Ventos: em grande parte não penetram diretamente na praça, devido à cobertura vegetal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto de cores frias. - Ruído no entorno interfere diretamente no bem estar dos usuários (alto fluxo de veículos). - Temperatura do ar é a mesma do entorno, pois as vias e a praça estão debaixo da mesma cobertura vegetal. - Ventos: penetram a lateral da praça onde se encontra a pista de patinação através das laterais e cobertura.
OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO DOS USUÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização não intensa. - Curta permanência na praça. - Idosos freqüentam diariamente nos períodos da manhã. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização intensa no horário do comércio. - Longa permanência na praça. - Idosos freqüentam diariamente nos períodos da 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização intensa em todos os períodos do dia. - Longa permanência na praça. - Idosos freqüentam diariamente nos períodos da 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização intensa no horário do comércio. - Curta permanência na praça. - Idosos não foram vistos freqüentemente na praça. A não ser nos períodos 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização não é muito intensa. - Praticamente não há permanência na praça, a não ser pelos usuários da pista de patinação. - Idosos freqüentam

	- Jovens e crianças praticamente não foram observados nas praças.	manha. - Jovens e crianças também foram observados nas praças, mas com menos frequência.	manha. - Jovens praticamente não foram observados nas praças. Já crianças, somente acompanhadas e de passagem pela mesma.	da manhã, e raramente, - Jovens e crianças praticamente não foram observados nas praças.	diariamente nos períodos da manhã, para passagem. - Crianças praticamente não foram observadas nas praças.
ENTREVISTA	<p><u>USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivo: Passagem. - Ruim: Falta de acessos. - Bom: Convivência. - Sensações: Insegurança. - Espaço mais utilizado: quadras de areia. <p><u>NÃO USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões: Melhorar mobiliário. - Motivo que não utilizam: Nada de atrativos. - Sensações: Bem estar. 	<p><u>USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivo: Passagem / descanso. - Ruim: Excesso de vegetação. - Bom: Convivência. - Sensações: Alegria. - Espaço mais utilizado: <p><u>NÃO USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões: Melhorar mobiliário urbano. - Motivo que não utilizam: Insegurança. - Sensações: Insegurança e sujeira (devido à grande quantidade de fezes de pombos, no chão). 	<p><u>USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivo: Passagem. - Ruim: Insegurança. - Bom: Espaços sombreados e convivência. - Sensações: Insegurança. - Espaço mais utilizado: Bancos de concreto. <p><u>NÃO USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões: Melhorar/Aumentar mobiliário urbano. - Motivo que não utilizam: Insegurança. - Sensações: Insegurança e sujeira (devido à grande quantidade de fezes de pombos, no chão). 	<p><u>USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivo: Descanso / Passagem. - Ruim: Falta de visibilidade. - Bom: Convivência. - Sensações: Insegurança. - Espaço mais utilizado: bancos para descanso. <p><u>NÃO USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões: Melhoria do mobiliário. - Motivo que não utilizam: Medo. - Sensações: Insegurança 	<p><u>USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivo: Praticar esportes/ Passagem. - Ruim: Falta de acesso. - Bom: Convivência. - Sensações: Alegria / Bem estar. - Espaço mais utilizado: Pista de Patinação. <p><u>NÃO USUÁRIOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sugestões: Melhorar / Aumentar o mobiliário urbano da praça que se encontra em condições precárias. - Motivo que não utilizam: Falta de atrativos. - Sensações: Bem estar.
CONCLUSÕES	- O entorno com grande fluxo e veículos não favorecem para a permanência do usuário na praça. - Como a passagem é o	- O entorno com grande fluxo de veículos e pessoas, favorecem para a permanência do usuário na praça. - Como	- O entorno com grande fluxo de pessoas e principalmente de veículos públicos, favorecem para a permanência dos usuários na	- Apesar de ter entorno com grande fluxo de veículos e pessoas, o mesmo favorece para a permanência dos usuários na praça. - Como descanso	- O entorno com grande fluxo de veículos e pessoas, favorecem para a não permanência dos usuários na praça. - Como a pista de

	<p>motivo mais utilizado pela praça, o mobiliário urbano é quase não utilizado.</p> <p>- As cores frias são associadas pelos não-usuários, pela sensação de monotonia da mesma.</p> <p>- Além da cultura, o fato da cidade de Maringá possuir outros atrativos como Shoppings, cinemas, clubes, s praças acabam não sendo os únicos atrativos de lazer para os moradores.</p>	<p>descanso é a atividade mais realizada na praça, os bancos são um dos aspetos mais lembrados pelos usuários.</p> <p>- As cores frias são associadas pelos não-usuários, pela sensação de monotonia da mesma.</p> <p>- Além da cultura, o fato da cidade de Maringá possuir outros atrativos como Shoppings, cinemas, clubes, s praças acabam não sendo os únicos atrativos de lazer para os moradores.</p>	<p>praça.</p> <p>- Como descanso é a atividade mais realizada na praça, os bancos são um dos aspetos mais lembrados pelos usuários.</p> <p>- As cores frias são associadas pelos não-usuários, pela sensação de monotonia da mesma.</p> <p>- A relação da sujeira da praça aos não-usuários, esta ligada ao fato de a praça ser escura (devido às sombras) e a grande quantidade de fezes de pombas depositadas no chão.</p> <p>- Além da cultura, o fato da cidade de Maringá possuir outros atrativos como Shoppings, cinemas, clubes, s praças acabam não sendo os únicos atrativos de lazer para os moradores.</p>	<p>é a atividade mais realizada na praça, os bancos são um dos aspetos mais lembrados pelos usuários.</p> <p>- As cores quentes são associadas pelos usuários e não-usuários, pelo aspecto de não refrescância que a praça transmite.</p> <p>- Além da cultura, o fato da cidade de Maringá possuir outros atrativos como Shoppings, cinemas, clubes, s praças acabam não sendo os únicos atrativos de lazer para os moradores.</p>	<p>patinação é a atividade mais realizada na praça, o estado da mesma é a mais comentado para melhoria, pelos usuários.</p> <p>- As cores frias são associadas pelos não-usuários, pela sensação de monotonia da mesma.</p> <p>- A relação da sujeira da praça aos não-usuários, esta ligada ao fato de a praça ser escura (devido às sombras).</p> <p>- Além da cultura, o fato da cidade de Maringá possuir outros atrativos como Shoppings, cinemas, clubes, s praças acabam não sendo os únicos atrativos de lazer para os moradores.</p>
--	---	--	--	---	---

Quadro 3: Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados.

6. CONCLUSÕES

Durante a construção da fundamentação teórica e da aplicação dos métodos utilizados nesta pesquisa foram encontrados elementos para caracterizar a apropriação dessas praças na cidade de Maringá. As conclusões não podem ser generalizadas, pois cada contexto apresenta situações diferentes, exposto isto, alguns pontos são comentados abaixo.

A escolha dos fatores que influenciam na apropriação ou não das praças públicas nem sempre são compatíveis entre si. Os gostos e preferências não são uniformes e as considerações são subjetivas: aquilo que satisfaz a um grupo de idosos não satisfaz às exigências de um grupo de jovens.

Ainda, uma série de aspectos da praça influi na agrupação ou dispersão das pessoas e acontecimentos. Assim, quando todos os fatores conseguem a possibilidade de atuar conjuntamente, o resultado é uma sensação de bem-estar físico e psicológico nos usuários resultando em uma maior apropriação do espaço.

Além disso, os elementos que constituem as praças públicas, desde o traçado geral até o mobiliário, são importantes para complementar a paisagem das mesmas e, através de seu posicionamento e função no espaço, pode resultar em diferentes padrões de comportamentos dos usuários tanto positivos como negativos. O desenho e a distribuição desses elementos, por exemplo, mesas e bancos, satisfazem pautas de conduta concretas.

A apropriação é o resultado de uma interação complexa dos conjuntos principais de variáveis. Entre eles, o entorno que circunda as praças e influi substancialmente sobre os indivíduos que vão usá-las e; a condição de cada pessoa, tanto ligada aos mecanismos biológicos do corpo como psicológicos, com fundo cultural, motivações, experiências e necessidades de cada indivíduo. Sendo assim, o processo de apropriação implica além das características de cada praça, as necessidades humanas, sendo elas, físicas, psicológicas e/ou fisiológicas.

Outro fator importante a destacar é a rotina de atividades do entorno e das praças públicas, ressaltando o horário de funcionamento do comércio como principal determinante na utilização das praças públicas centrais que determina o horário de passagem dos funcionários e o horário de maior vitalidade da área. Além de um fato bem

específico da morfologia do traçado urbano em Maringá que são as praças inseridas em rotatórias com grande fluxo de veículos, o que inicialmente já dificulta sua apropriação e uso pela dificuldade de acessos seguros.

As características espaciais, assim como o desempenho ambiental de cada praça analisada, têm influência direta no comportamento dos usuários. As metodologias de pesquisa forma utilizadas com o propósito de identificar essas condições favoráveis ou não à apropriação de cada praça. Assim, comenta-se, a seguir, os principais aspectos adequados à apropriação das praças públicas centrais, identificados e classificados segundo a metodologia de pesquisa aplicada e fundamentada através da revisão de literatura.

Sobre as atividades, podemos dizer que as áreas com maior número de espaços específicos, que a princípio comportariam um maior número de atividades são, no entanto, as áreas onde os usuários realizam o maior número de atividades. O caminhar e o estar sentado são atividades complexas do ponto de vista de uso e mais facilmente encontradas nas praças públicas pela maior disponibilidade do espaço e mobiliário para que isto aconteça, mas, além disso, dependem do espaço físico adequado e prazeroso. Ainda, a existência de bons espaços para sentar prepara a praça para outras atividades de permanência prolongada que podem ser nela desenvolvidas: comer, ler, dormir, esperar alguém, jogar, tomar sol, olhar as pessoas e o movimento e conversar.

Quanto ao tratamento do piso, em geral, é o grande protagonista na composição do espaço, além disso, serve para sustentar os elementos constituintes, como mobiliário urbano e vegetação. A manutenção é um aspecto bastante relevante, pois nos irregulares, os usuários acabam sendo prejudicados na hora de dialogar com os amigos, contemplar a paisagem e principalmente nos passeios.

A vegetação contribui na criação dos espaços, tornando-os aconchegantes, convidativos, além de oferecer amenização climática proporcionando maior conforto térmico às praças públicas. Outra característica fundamental é que a vegetação cria espaços diferentes ao longo das estações, sombreados e confortáveis no verão e ensolarados e quentes, nas estações frias. A exploração correta da vegetação torna-se um trunfo para a apropriação das praças, tanto nos seus atributos físicos como na percepção que causa.

Quanto ao mobiliário e equipamentos, constituem os elementos principais que vão determinar as atividades que podem ser realizadas nas praças públicas. Os bancos, principal mobiliário das praças, apresentam dois tipos de necessidades: de assento para conversar, namorar e jogar, devendo ser confortáveis e estar em locais com amenização climática e; de composição da pontuação do percurso, localizados principalmente nos espaços de passagem, onde a permanência é curta e ocasional. Além disso, os tipos de assento apresentam exigências variadas para os diversos grupos de pessoas. O assento adequado é um requisito essencial para poder sentar-se.

O mobiliário e/ou equipamento de lazer tem públicos específicos com características peculiares e necessidades particulares que muitas vezes acabam sendo os grandes atrativos das praças que têm como vocação o encontro e o lazer. Esses elementos devem oferecer conforto e acessibilidade para permanência, particularmente de crianças e pessoas idosas. O mobiliário de apoio e equipamentos acabam sendo complementares para as outras atividades realizadas pelos usuários nas praças públicas, assim como pelos transeuntes que passam pelo seu entorno.

Os elementos de arte urbana como bustos, monumentos e esculturas representam a memória e a história da cidade, sendo assim, são elementos de valorização simbólica e devem ser bem selecionados, mas o principal elemento de atração nas praças são as apresentações, consideradas como um grande atrativo para os usuários.

Com relação ao conforto ambiental, os seus principais elementos – temperatura, velocidade e umidade do ar e acústica – são afetados e afetam a morfologia espacial das praças públicas. Cada região tem suas próprias condições climáticas que devem servir de base para soluções em cada caso particular. A importância desse conforto é no sentido de assegurar condições aceitáveis de permanência nas praças, em todas as épocas do ano. Além disso, é importante oferecer oportunidades de experimentar as diversas nuances do clima, sentar num espaço sombreado ou ensolarado, por exemplo, a hora que quiser.

Quanto ao ambiente sonoro, destaca-se a importância do silêncio principalmente nos espaços simbólicos. Já, a luz proporciona uma variedade diária e sazonal nas praças; quando é artificial, deve destacar os principais elementos do espaço, além de oferecer segurança aos usuários.

6.1 Conceitos de projeto encontrados nas análises simbólica, funcional e ambiental

As praças devem garantir a permanência das pessoas e uma boa qualidade de sua imagem, no sentido de transformá-la em um espaço melhor. É importante, nesse sentido, a flexibilidade de sua utilização, a simultaneidade de seus usos e significados e a justaposição de atividades e informações.

Os usos se transformam conforme o tempo, destacando-se diferentes grupos e classes sociais que se apropriam de certos espaços, determinando os usos predominantes. As diferentes aptidões face às atividades, ao encontro dos usuários e às formas de apropriação são influenciadas pelos elementos de projeto, sejam eles, simbólicos, funcionais ou ambientais.

A seguir alguns conceitos de projeto que sugerem uma maior ou menor apropriação das praças públicas:

a. Localização - a localização da praça influencia na sua apropriação e o isolamento por ruas e avenidas movimentadas pode dificultar a sua utilização;

b. Relação com o entorno - este pode oferecer uma situação favorável ou conflitante devido aos acessos e à visibilidade ou à identificação da área como uma praça pública;

c. Múltiplas atividades - a integração de várias atividades e funções nas praças públicas e no seu entorno permite que as pessoas envolvidas atuem juntas e estimulem umas às outras;

d. Função de passagem - a predominância da função de passagem não representa um aspecto negativo, sendo esta atividade essencial já que a região central, em geral, está ligada ao entorno comercial e de serviços;

e. Dimensão espaço-temporal - a apropriação é diferenciada nas dimensões de espaço e tempo, cada grupo de usuários se apropria em um horário e espaços específicos. Durante a semana, idosos geralmente pela parte da manhã e crianças pela parte da tarde; nos finais de semana, famílias pelo período da manhã e jovens pelo

período da tarde. Isso não é uma regra e deve ser avaliado o perfil de cada cidade com relação aos hábitos dos seus habitantes;

f. Acessos e caminhos - no projeto das praças, os acessos e caminhos devem levar em conta os diferentes usuários que vão utilizar a praça, os que precisam atravessar a praça exigindo um traçado direto e funcional e os que vão para passear e desfrutar a paisagem, exigindo um traçado convidativo aos sentidos;

g. Acessibilidade - a acessibilidade, através do sistema de transportes públicos eficiente e estacionamentos no entorno imediato. É importante que se tenham acessos fáceis e seguros que não prejudiquem o movimento de pedestres;

h. Vegetação - praças sem vegetação e sem levar em conta a direção dos ventos dominantes podem ser desconfortáveis à permanência das pessoas ocasionando, assim, áreas ociosas;

i. Funcionalidade - aspectos funcionais como ausência de mobiliário, mobiliário degradado, algum público não contemplado – especialmente crianças, jovens e idosos - ou falta de mobiliário de apoio vão influenciar na apropriação significativamente;

j. Mobiliário e equipamento de lazer - considerado opcional e, em grande parte, recreativo, o mobiliário e equipamento de lazer influencia na qualidade das praças, devendo ser previstos e tornando-a, assim, atrativa pelo ponto de vista dos usuários. Em alguns lugares a falta desses equipamentos apropriados é responsável pela não utilização da praça;

k. Localização do mobiliário e equipamentos - a localização do mobiliário e equipamentos também influencia no uso, onde se tem uma boa visão das zonas ativas eles são mais usados;

l. Traçado - O traçado de cada um dos espaços e dos seus detalhes são fatores determinantes, por exemplo, a maneira como os bancos são dispostos permitindo uma maior variedade de ações;

m. Aspectos ambientais – os aspectos relacionados à insolação, sombreamento, ventilação e acústica devem ser levados em conta e criar situações distintas para cada horário do dia e estação do ano, impedindo que interfira no uso do espaço em certas

ocasiões. Entre os conflitos podemos citar: sombreamento excessivo, falta de sombreamento, barulho intenso e falta de iluminação;

n. Estética – a estética das praças deriva não somente das qualidades espaciais, mas também da cor e textura, por exemplo, as cores quentes parecem avançar dentro do espaço, enquanto as cores frias dão um sentimento mais espaçoso fazendo o ambiente parecer, muitas vezes, áspero;

o. Proteção – a amenidade de uma praça depende também da proteção contra o perigo e o dano físico.

6.2 Considerações finais

Este trabalho objetivou compreender o fenômeno de apropriação de praças públicas centrais na cidade de Maringá e assim a proposição de alguns parâmetros comuns aplicáveis em outras praças de características semelhantes com as analisadas, tornando-as com maior qualidade. Foi importante, então, saber quais atividades de sociabilidade e lazer são importantes para que as pessoas passem a usá-las. Para que isto fosse possível, contou-se com o desenvolvimento das etapas de revisão de literatura e pesquisa de campo.

A revisão de literatura contribuiu, entre outros fatores, para a compreensão do fenômeno de apropriação das praças públicas e foi dividida em dois capítulos a fim de melhor estruturar a pesquisa. Entretanto, percebeu-se que a bibliografia restringia-se a um aspecto ou a outro, sem contemplar todas as dimensões que envolvem o papel das praças públicas centrais.

A conceituação dos temas aprofundados nesta pesquisa – centros urbanos, espaços livres públicos, lazer e praças públicas centrais - permitiu a compreensão da situação atual dos fatores que contribuem para a subutilização das praças públicas e da sua apropriação pelos usuários.

Através dos estudos de casos, pôde-se compreender a cidade e os distintos contextos onde as praças em análise estão inseridas, buscando identificar os elementos de identificação e definição de cada uma das praças públicas analisadas. Além disso, o conhecimento do contexto urbano no qual cada praça está inserida permitiu uma pré-configuração das pesquisas dos usuários e das praças analisadas.

Para o desenvolvimento dos métodos análise documental, observação do comportamento dos usuários, observação do desempenho físico-ambiental e entrevista foram criadas fichas – ficha documental, ficha físico-ambiental e ficha do usuário - que facilitaram a sistematização dos dados finais, consolidando como um instrumento eficaz para esta pesquisa.

De forma geral, os problemas constatados durante a pesquisa de campo com os usuários residentes ou que trabalham no entorno relacionam-se, prioritariamente, com a falta de manutenção, de mobiliário adequado, insegurança e falta de atrativos e restrição de acessos.

Quanto aos resultados obtidos, identificou-se que a apropriação e a intensidade de uso das praças dependem de diversos fatores. Uma descrição das configurações e anseios dos usuários foi obtida através da pesquisa de campo. Essas referências permitiram orientar e formular as conclusões com relação à apropriação das praças públicas centrais.

Além disso, os resultados foram conquistados através da avaliação das diversas vertentes no tratamento e as formas de apropriação da população dos espaços analisados. Observando a ocupação do solo levando em conta a qualidade ambiental das áreas e do seu entorno, compreendendo assim o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais.

Os quadros de síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados permitiram a identificação de especificidades de cada praça analisada e deduzir as características comuns aos lugares estudados.

Graças à riqueza de informações obtidas durante a pesquisa de campo associada à revisão de literatura, pôde-se estabelecer parâmetros referentes à promoção de uma maior apropriação das praças públicas centrais. Esses parâmetros dizem respeito às melhorias com relação aos aspectos analisados nesta pesquisa: físico-ambiental, funcional, acessibilidade, mobiliários, equipamentos, atividades e arte urbana. A utilização de diferentes métodos abrangendo tanto os usuários como uma análise física e ambiental tornou-se interessante e permitiu compor um conjunto de dados que permitiram as conclusões registradas nessa dissertação.

Sendo assim, os parâmetros estabelecidos estão direcionados para as praças públicas centrais especificamente na cidade de Maringá, porém, não podem ser generalizados e aplicados em qualquer cidade. A intenção destas diretrizes é contribuir com os profissionais de projetos urbanos, pois muitas vezes é a falta de conhecimento das necessidades dos usuários que acarretam em uma perda de apropriação das praças públicas e na sua subutilização.

Espera-se, com esta pesquisa, ter ampliado as informações a respeito da apropriação e situação atual das praças públicas centrais, incentivando os profissionais da área e órgãos responsáveis a mobilizarem-se em direção da reformulação destes espaços. Almeja-se assim uma maior apropriação dos usuários em espaços públicos que satisfaçam as suas reais necessidades.

6.3 Sugestões para futuras pesquisas

Os objetivos propostos nesta dissertação foram satisfeitos de acordo com o tempo disponível. Entretanto, ainda existe a necessidade de novas investigações relacionadas com o tema, que foram percebidas durante o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, são apontadas recomendações para pesquisas futuras:

- a. Verificar até que ponto os aspectos físicos e ambientais interferem na realização das atividades nas praças públicas;
- b. Realizar um estudo comparativo de diferentes culturas e o reflexo na maneira de utilização das praças públicas;
- c. Analisar o desempenho ambiental de cada aspecto envolvido nas praças;
- d. Aprofundar as questões voltadas para o comportamento dos usuários nos espaços públicos e;
- e. Investigar mais criteriosamente as situações que possam proporcionar condições para a participação crescente, responsável e livre dos cidadãos nas praças públicas.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Senac, 2006.

AFONSO, Sonia; MACEDO, Silvio Soares. **Urbanização de encostas**: crises e possibilidades. O Morro da Cruz como um referencial de projeto de arquitetura da paisagem. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ALEX, Sun. **CONVÍVIO E EXCLUSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: QUESTÕES DE PROJETO DE PRAÇAS**. São Paulo, tese de doutorado: FAUUSP, 2004.

ANDRADE, Rivail Vanin de. **PARQUES E BOSQUES DE CURITIBA**. Dissertação de Mestrado: Curitiba, UFPR, 2003.

ANDREATA, Verena. **CIDADE QUADRADAS: PARAÍSO CIRCULARES: OS PLANOS URBANÍSTICOS DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ARANTES, A. Augusto (org.) **O ESPAÇO DA DIFERENÇA**. Campinas: Papyrus, 2000

ARENDT, Hannah (1958). **A CONDIÇÃO HUMANA**. Tradução: Roberto Raposo. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BARNABÉ, M.F. **Organização espacial do território e o projeto da cidade: o caso da companhia de terras norte do paraná**. 1989. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1989.

BARROS, José Márcio. **CULTURA, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO**. Antonina: apostila do 12º Festival de Inverno da UFPR, 2003.

BARROS, José Márcio. **CULTURA E COMUNICAÇÃO: NAS AVENIDAS DE CONTORNO EM BELO HORIZONTE E LA PLATA**. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

BARTALINI, Vladimir. **PARQUES PÚBLICOS MUNICIPAIS DE SÃO PAULO: A AÇÃO DA MUNICIPALIDADE NO PROVIMENTOS DE ÁREAS VERDES DE RECREAÇÃO**. São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 1999.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **DE VOLTA À CIDADE**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. Tradução Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006. 293 p.

BURROUGH, P.A. 1987. **PRINCIPLES OF GEOGRAPHIC INFORMATION SYSTEMS FOR LAND RESOURCES ASSESSMENT**. Oxford University Press: Oxford.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O LUGAR NO/DO MUNDO**. São Paulo: Hucitec, 1996

CARNEIRO, Ana Rita Sá & Mesquita, Liana de Barros. **ESPAÇOS LIVRES DO RECIFE**. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, UFPE, 2000.

- CATÁLOGO do acervo da DPHC. Maringá: PMM/Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural, 1995.
- CHOAY, F. **O URBANISMO**. 3ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CERTEAU, Michel. **ARTES DE FAZER: A INVENÇÃO DO COTIDIANO**. Petrópolis: Vozes, 1994
- CHACEL, Fernando Magalhães. **PAISAGISMO E ECOGÊNESE**. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.
- CHIESA, Paulo. **O DESENHO COMO DESÍGNIO: POR UMA ESTÉTICA DO RISCO**. São Paulo, tese de doutorado: FAUUSP, 2001.
- CHIESA, Paulo & GOMES, Cláudio Menna Barreto. **SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES EM CURITIBA: TRADIÇÃO, POSTURA E PRÁTICAS LOCAIS**. IN: Discutindo a Paisagem. Kahtouni, S., Magnoli, M. & Tominaga, Y. (Org.). São Carlos: RiMa, 2006.
- CHIESA, Paulo & GOMES, Cláudio Menna Barreto. **O ESPAÇO URBANO DE CURITIBA EM SEIS DÉCADAS DE MODERNIDADE: AS SAS RAÍZES E OS SEUS PROGNÓSTICOS**. Anais do 1º do_co,mo.mo_Paraná. Curitiba: CAUUPUCP, 2006.
- CHIESA, Paulo & GOMES, Cláudio Menna Barreto. **METRÓPOLE OU REGIÃO URBANIZADA?** IN: Espaço Urbano, n. 07. Curitiba: IPPUC, 2006.
- COELHO, Ana Maria Antunes. **O OUTRO LADO DA RUA**. São Paulo, tese de doutorado: FAUUSP, 2004.
- COELHO, Gilberto Bueno & CHIESA, Paulo. **CONFERÊNCIA APRESENTADA NO XIX CONGRESSO DA UIA**. Barcelona: 1996.
- CORAGGIO, José Luis. **TERRITORIOS EM TRANSICION: CRÍTICA A LA PLANIFICACIÓN REGIONAL EM AMÉRICA LATINA**. Quito: Ciudad, 1998.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O ESPAÇO URBANO**. São Paulo: Ártica, 1989.
- CORSINI, José María Ordeig. **DISEÑO URBANO: acessibilidade y sostenibilidad**. Barcelona: Monsa, 2007.
- CRICHYNO, Jorge. Paisagem urbana: território da cidade e signos do imaginário. In: **PAISAGEM AMBIENTE ENSAIOS 9**. São Paulo: FAUSP, 1996, v. 9. p. 201-215.
- CULLEN, Gordon. **PAISAGEM URBANA**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- CUNHA, Rita Dione Araújo. **OS USOS, FUNÇÕES E TRATAMENTOS DAS ÁREAS DE LAZER DA ÁREA CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS**. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **A CASA E A RUA**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DE ANGELIS, B. L. D.; DE ANGELIS NETO, G. **OS ELEMENTOS DE DESENHO DAS PRAÇAS DE MARINGÁ - PR.** *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 22, n. 5, p. 1445-1454, 2000.

DEL RIO, Vicente. **INTRODUÇÃO AO DESENHO URBANO NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO.** São Paulo: Pini, 1990.

DEL RIO, Vicente. Paisagem, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. In: **PAISAGEM AMBIENTE ENSAIOS 7.** São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 93-101.

DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **PERCEPÇÃO AMBIENTAL: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA.** 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DI CASTRI, Francesco. **O TOQUE HUMANO: DESDE A PRÉ-HISTÓRIA O HOMEM VEM REMODELANDO O SEU AMBIENTE.** O Correio da Unesco – O Homem e a Terra, no 07, Julho 1980, p. 20-24.

DIAS, Maria Luiza Marques. **PLANEJAMENTO E PATRIMÔNIO NO PARANÁ: O CONFLITO NEGOCIADO.** Tese de doutorado, São Paulo: FAUUSP, 2005.

DIAZ, Graciela Martínez. **LOS VARIADOS VALORES DEL PAISAJE PUBLICO: UN PUNTO DE VISTA PAISAGÍSTICO-AMBIENTAL DE NUESTROS ESPACIOS PÚBLICOS.** IN: Montevideo a cielo abierto. Fernando de Sierra (coord..) Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes [etc] , p. 233-247. Montevideo/Sevilla: 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **SOCIOLOGIA EMPIRICA DO LAZER.** Tradução Silvia Mazza e J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. **CULTURA DE CONSUMO E PÓS-MODERNISMO.** São Paulo: Nobel,

FERRARA, Lucrécia. **OLHAR PERIFÉRICO: INFORMAÇÕES, LINGUAGEM, PERCEPÇÃO AMBIENTAL.** São Paulo: EDUSP, 1993.

FERRARA, Lucrécia.. **DESIGN EM ESPAÇOS.** São Paulo: Rosari, 2002.

FERRARA, Lucrécia.. **OS SIGNIFICADOS URBANOS.** São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

FORMAN, R.T.T., & GODRON, M. 1986. **LANDSCAPE ECOLOGY.** Wiley: New York.

FRUGOLI, Heitor Junior. **SÃO PAULO: ESPAÇOS PÚBLICOS E INTERAÇÃO SOCIAL.** São Paulo: Marco Zero, 1995

GARCÍA, Fernanda Ester Sánchez. **CIDADE ESPETÁCULO: POLÍTICA, PLANEJAMENTO E CITY MARKETING.** Curitiba: Palavra, 1997.

GASTAL, Susana. **ALEGORIAS URBANAS: O PASSADO COMO SUBTERFÚGIO.** Campinas: Papyrus, 2006. 224 p.

GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. **NOVOS ESPAÇOS URBANOS**. Tradução Carla Zollinger. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

GEHL, Jan. **LA HUMANIZACION DEL ESPACIO URBANO: LA VIDA SOCIAL ENTRE LOS EDIFÍCIOS**. Tradução Maria Teresa Vacarce. Barcelona: Reverte, 2006.

GIEDION, Siegfried. **ESPAÇO, TEMPO E ARQUITETURA: O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA TRADIÇÃO**. Tradução Alvanar Camparelli. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, Josilena Maria Zanello. **ARQUITETURA MODERNA NO CENTENÁRIO DE EMANCIPAÇÃO DO PARANA: A CONSTRUÇÃO DE UMA REFERÊNCIA**. Dissertação de Mestrado, São Carlos: USP, 2000.

GORELIK, Ádrian. **LA GRILLA Y EL PARQUE: ESPACIO PÚBLICO Y CULTURA URBANA EM BUENOS AIRES: 1887-1936**. Quilmes: Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

*GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo: Prolivros, 2004.*

GOMES, Christianne Luce. Lazer e cidade: reflexões. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite Brandão (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GONÇALVES, Fábio Mariz. Discussões sobre o papel dos espaços livres públicos nos bairros de elite contemporânea. In: **Paisagem Ambiente Ensaio** 15. São Paulo: FAUUSP, 1997, v. 15. p. 9-33.

GUTIERREZ, Ramon. **Arquitetura latino-americana: textos para reflexão e polemica**. São Paulo: Nobel, 1989.

HABERMAS, Jürgen (1962). **MUDANÇA ESTRUTURAL DA ESFERA PÚBLICA: INVESTIGAÇÕES QUANTO A UMA CATEGORIA DA SOCIEDADE BURGUESA**. Tradução: Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **THE THEORY OF COMMUNICATIVE ACTION** (1981). Tradução: Thomas McCarthy. Boston: Beacon Press, 1989. 2v. Vol. 2. Lifeworld and System: A Critique of Functionalist Reason.

HARVEY, David. **CONDIÇÃO PÓS-MODERNA**. São Paulo: Loyola, 1992

HEITOR, Teresa Valsassina. **A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintática**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Textos universitários de ciências sociais e humanas).

HELLER, Agnes. **O COTIDIANO E A HISTÓRIA**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

HEIMSTRA, Norman Wesley; MCFARLING, Leslie H. **Psicologia ambiental**. São Paulo: EPU, 1978. 218 p.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- HIGUERAS, Ester. **Urbanismo Bioclimático**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- HOWARD, E. **CIDADES-JARDINS DE AMANHÃ**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- IANNI, Octávio. **ENIGMAS DA MODERNIDADE MUNDO**.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CENSO DEMOGRÁFICO 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA: **PLANO DIRETOR DE CURITIBA**. IPPUC: Curitiba, 2004.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA: **MEMÓRIAS URBANAS DE CURITIBA**. IPPUC: Curitiba, 1999.
- YAZIGI, Eduardo. **O MUNDO DAS CALÇADAS**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House Inc., 1961.
- JAMESON, Fredric. **PÓS-MODERNISMO**. São Paulo: Ática, 1996
- JELLICOE, Geoffrey and Susan. **THE LANDSCAPE OF MAN**. London: Thames and Hudson Ltd, 1996.
- KAPLAN, R. and S. KAPLAN. 1989. **THE EXPERIENCE OF NATURE: A PSYCHOLOGICAL PERSPECTIVE**. Cambridge University Press: Cambridge.
- KLIASS, Rosa Grena. **PARQUES URBANOS DE SÃO PAULO**. São Paulo: Editora PINI, 1993.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1996. 253 p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAMAS, José M. **Morfologia Urbana e desenho da Cidade**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkan, 2000.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 590 p.
- LAMPARELLI, Celso Monteiro. **LOUIS-JOSEPH LEBRET E A PESQUISA URBANO-REGIONAL NO BRASIL**. Cadernos de Pesquisa do Laboratório de Estudos sobre Urbanização e Preservação/LAP da FAUUSP, vol.05, março/abril de 1995. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- LEGNA, Carlos. **UMA REVISIÓN SISTÉMICA DE LA PLANIFICACIÓN**. Revista Interamericana de Planificación, vol. XVI, no 53, marzo de 1980. México.
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisseia, 1972.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITÃO, Lúcia (Org.). **As praças que a gente quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Prefeitura Municipal, 2002.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **AS TRAMAS DA SEGREGAÇÃO: PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO**. 1998. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIMA, Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos. **A NATUREZA NA CIDADE, A NATUREZA DA CIDADE**. São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 1996.

LYLE, John T. **DESIGN FOR HUMAM ECOSYSTEMS**. New York: Van Nostrand, 1985.

LYNCH, K. **A IMAGEM DA CIDADE**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAACK, Reinhard. **GEOGRAFIA FÍSICA DO ESTADO DO PARANÁ**. Rio de Janeiro: José Olympio Editores, 1981.

MACEDO, Silvio Macedo & SAKATA, Francine Gramacho. **PARQUES URBANOS NO BRASIL**. São Paulo: Edusp, Imesp, 2002.

MACEDO, Silvio Soares (org). **PAISAGEM E AMBIENTE - ENSAIOS**. São Paulo: FAUUSP, n. 1-13.

MACEDO, Sílvio; ROBBIA, Fábio. **PRAÇAS BRASILEIRAS**. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MACEDO, Silvio Soares. **QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL**. São Paulo: 1999

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2000.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. **CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO NOS GRANDES AGLOMERADOS URBANOS**. São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 1973.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. **ESPAÇOS LIVRES E URBANIZAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO A ASPECTOS DA PAISAGEM METROPOLITANA**. 1982. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARQUES, Paulo Fernando Luz. **A FILOSOFIA DA CRISE ECOLÓGICA: UMA VISÃO CRÍTICA DE VITORIO HÖSLE**. Monografia, Curitiba: UFPR, 2004.

MARSH, W .M. 1998. **LANDSCAPE PLANNING: ENVIRONMENTAL APPLICATIONS**. Wiley: New York.

MCHARG, I.L. 1992. **DESIGN WITH NATURE**. Wiley: New York.

MENEZES, Claudino Luiz. **DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE. A EXPERIÊNCIA DE CURITIBA**. Campinas: Papyrus Editora, 1996.

MENNEH, Marcia Halluli. **O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA CIDADE SÃO PAULO**. Tese de doutorado. FAUUSP. São Paulo. 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **PHÉNOMENOLOGIE DE LA PERCEPTION** (1945). Paris: Gallimard, 1994.

MESQUITA, Liana; CARNEIRO, Ana Rita Sá. *O papel dos espaços livres no resgate da qualidade ambiental do recife. **Jornal da paisagem**, Recife, 2000. Disponível em: <<http://www.jornaldapaisagem.com.br>>. Acesso em: 14 abril. 2010.*

MERLEAU-PONTY, Maurice. **PHÉNOMENOLOGIE DE LA PERCEPTION** (1945). Paris: Gallimard, 1994.

MIRANDA, Maria Aparecida. **QUALIDADE E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: O PAPEL DOS USOS COMERCIAIS NAS ÁREAS CENTRAIS DE CURITIBA**. Monografia, Curitiba: UFPR, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MIX, Miguel Rojas. **EL IMAGINARIO: CIVILIZACIÓN Y CULTURA DEL SIGLO XXI**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

ONU (Organização das Nações Unidas). **RIO : THE EARTH SUMMIT: AGENDA 21**. 1992.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA FILHO, João Martins de; DERNTL, Maria Fernanda. Significados do espaço público. In: Paisagem Ambiente Ensaios 7. São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 54-56.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Ambiente Construído & Comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental**. São Paulo: Nobel, 1995.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído**. São Paulo: Studio Nobel: EDUSP, 1992.

PANERAI, Phillipe. **Análise Urbana**. Tradução Francisco Leitão. Revisão técnica Sylvia Ficher. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. (Coleção Arquitetura e Urbanismo). 198 p.

PAISAGEM E AMBIENTE: ensaios. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n.1 (1986) – n.19 (2005), São Paulo.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello & SANTOS, Antonio César de Almeida. **300 ANOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA: 1693-1993**. Edição Histórica, Curitiba, 1993.

PETRONE, Pasquale. **ALDEAMENTOS PAULISTAS**. São Paulo: Editora da USP, 1995.

- PÉRGOLIS, Juan Carlos. **LA PLAZA: EL CENTRO DE LA CIUDAD**. Bogotá: Universidad católica de Colombia/Universidad Nacional de Colombia, 2002.
- PINHEIRO, Catharina. Notas de aula da disciplina Sistema de Espaços Livres. 2004. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Inédito.
- PREFEITURA Municipal de Maringá. **DADOS MUNICIPAIS. 2009**. Disponível em: <www.maringa.pr.gov.br/>. Acesso em: jan 2009.
- QUEIROGA, Eugenio. **A MEGALÓPOLE E A PRAÇA: O ESPAÇO ENTRE A RAZÃO DE DOMINAÇÃO E A AÇÃO COMUNICATIVA**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2001.
- ROBIROSA, Mario; CARDARELLI, Graciela; LA PALMA, Antonio I. **TURBULENCIA T PLANIFICACIÓN SOCIAL: LINEAMENTOS METODOLÓGICOS DE GESTIÓN Y PROYECTOS SOCIALES DESDE EL ESTADO**. Buenos Aires: UNICEF Argentina, 1990.
- ROBBA, Fabio & MACEDO, Silvio Macedo. **PRAÇAS BRASILEIRAS..** São Paulo, Edusp, Imesp, 2002.
- ROBBA, Fabio. **A PRAÇA CONTEMPORÂNEA NAS GRANDES CAPITAIS BRASILEIRAS (1990 A 2004): DO PROGRAMA À FORMA PROJETUAL**. São Paulo. Tese de doutorado. FAUUSP, 2004.
- ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 226 p.
- RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Forma, imagem e significado em estruturas urbanas centrais**: Centro da cidade de Niterói. Projeto de reestruturação urbana. Niterói: EDUFF, 2005.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTANA, Trícia Caroline da Silva. Abandono dos espaços públicos e interiorização da vida pública na cidade turística de Natal-RN. **Vitruvius**, Natal, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc127/mc127.asp>>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- SANTOS, Lisana Kátia Schmitz. **DIRETRIZES DE ARQUITETURA E DESIGN PARA ADAPATAÇÃO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL AO CADEIRANTE**. Dissertação de mestrado, Curitiba, UFPR, 2004.
- SANTOS, Lisana Kátia Schmitz. **MATERIAL DIDÁTICO PARA GEOPORCESSAMENTO**. CIEG/UFPR, Curitiba, 2007.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A CIDADE COMO UM JOGO DE CARTAS**. Niterói: EDUF/São Paulo, Projeto Editores, 1988.
- SANTOS, Milton (1971). **ESPAÇO E MÉTODO**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton (1987). **O ESPAÇO DO CIDADÃO**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

- SANTOS, Milton (1988). **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **A NATUREZA DO ESPAÇO: TÉCNICA E TEMPO, RAZÃO E EMOÇÃO**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **TÉCNICA, ESPAÇO, TEMPO: GLOBALIZAÇÃO E MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SAINT-HILARIE, Auguste de. **VIAGEM À PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E RESUMO DAS VIAGENS AO BRASIL, PROVÍNCIA CISPLANTINA E MISSÕES DO PARAGUAI**. 2ª Edição, São Paulo: Martins Editora, 1953.
- SEGAWA, Hugo. **ARQUITETURAS NO BRASIL: 1900-1990**. 2ª Edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- SEGAWA, Hugo. **DO AMOR AO PÚBLICO: JARDINS NO BRASIL**. São Paulo: Studio Nobel: Editora FAPESP, 1996.
- SENNET, Richard (1974). **O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO: AS TIRANIAS DA INTIMIDADE**. Tradução: Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 205 p.
- SILVESTRI, Graciela & ALIATA, Fernando. **EL PAISAJE COMO CIFRA DE ARMONIA: RELACIONES ENTRE CULTURA Y NATURALEZA ATRAVÉS DE LA MIRADA PAISAGÍSTICA**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.
- SITTE, C. **A CONSTRUÇÃO DE CIDADES SEGUNDO PRINCÍPIOS ARTÍSTICOS**. São Paulo: Ática: 1992.
- SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O DESAFIO METROPOLITANO: UM ESTUDO SOBRE A PROBLEMÁTICA SÓCIO-ESPACIAL NAS METRÓPOLES BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **MUDAR A CIDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA AO PLANEJAMENTO E À GESTÃO URBANOS**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **A PRISÃO E A ÁGORA: REFLEXÕES EM TORNO DA DEMOCRATIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DAS CIDADES**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **TERRITÓRIO BRASILEIRO: USOS E ABUSOS**. Campinas: Edições territorial, 2003.

SPIRN, Anne Whiston. **O JARDIM DE GRANITO: A NATUREZA NO DESENHO DA CIDADE.** São Paulo: EdUSP, 1995.

SPIRN, Anne Whiston. **THE LANGUAGE OF LANDSCAPE.** New Haven: Yale University Press, 1998.

UEHARA, Deise Mitie. **PASSEIOS PÚBLICOS NA PAISAGEM LONDRINENSE.** Dissertação de Mestrado, São Paulo: FAUUSP, 2005.

UNWIN, R. **LA PRACTICA DEL URBANISMO. UNA INTRODUCCIÓN AL ARTE DE PROYECTAR CIUDADES E BARRIOS.** Barcelona: GG, 1984.

TIBONI, Priscila. **OS ELEMENTOS DA MORFOLOGIA URBANA ATUANTES NA PERCEPÇÃO DO USUÁRIO: AS RUAS DA CIDADANIA DE CURITIBA.** Monografia, Curitiba: UFPR, 2007.

TOVAR, Carlos Alberto Torres; MONSALVE, Fernando Viviescas; HERNANDEZ, Edmundo Pérez (compiladores). **LA CIUDAD: HÁBITAT DE DIVERSIDADE Y COMPLEJIDAD.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2002.

TUAN, Yi-fu (1974). **TOPOFILIA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO, ATITUDES E VALORES DO MEIO AMBIENTE.** São Paulo: Difel, 1980.

VEIGA, José Eli da. **CIDADE IMAGINÁRIAS: O BRASIL É MENOS URBANO DO QUE SE CALCULA.** Campinas: Editoras Autores Associados, 2003.

VIEIRA, J.M. **ENTREVISTA CONCEDIDA À EQUIPE DO SERVIÇO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE MARINGÁ.** 1972. Acervo Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural da Prefeitura Municipal de Maringá.

VILLAÇA, Flávio. **ESPAÇO INTRA-URBANO NO BRASIL.** São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **CULTURA.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

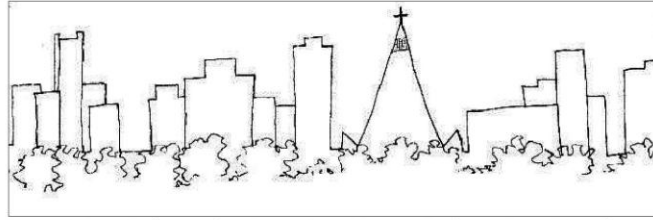
WOLFF, S.F.S. **JARDIM AMÉRICA. O PRIMEIRO BAIRRO-JARDIM DE SÃO PAULO E SUA ARQUITETURA.** 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE

<h1>FICHA DE PERSONALIDADE</h1>	
Nome:	Ficha nº:
Endereço:	
<p>ESCALA:</p> <p>DIMENSÃO SOCIAL:</p> <p>DIMENSÃO CULTURAL:</p> <p>DIMENSÃO SIMBÓLICA:</p> <p>DIMENSÃO AMBIENTAL:</p> <p>ACESSIBILIDADE:</p>	

Apêndice 1: Modelo da ficha de personalidade.



FICHA DOCUMENTAL

Praça - Maringá/PR

Nome: _____ Ficha nº: 00
Endereço: _____

Funções:

- circulação
- permanência
- lazer
- esporte e cultura
- passeios e visitação
- área de preservação ambiental

Vocação do local:

Dimensões:

Traçado:

Infra-estrutura:

Mobiliário/equipamentos:

Pavimentação:

Cobertura vegetal:

Composição vegetal:

Legislação:

Entorno imediato:

Estado de conservação do mobiliário:
 bom razoável ruim

Arte urbana:

Festas e tradições:

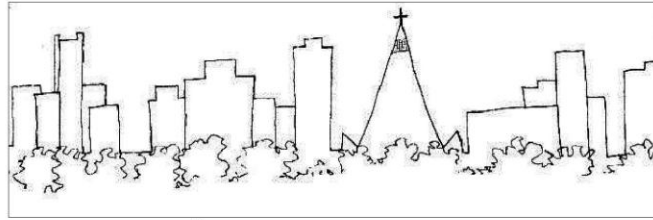
Histórico:

Projeto original:

FOTOS

Apêndice 2 : Modelo da ficha documental.

2



FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

Praça - Maringá/PR

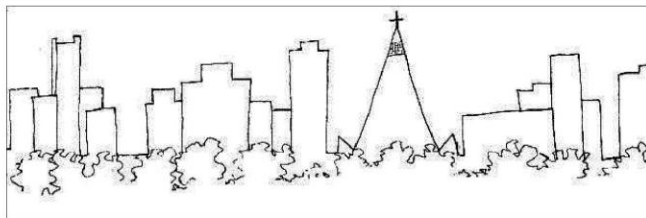
Nome: _____ Ficha nº: _____

Endereço: _____ 00

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS	(FOTOS)	SENSAÇÃO DE COR	COR
	SOL		UMIDADE RELATIVA	CLIMA
	VENTO			
SOM	TEMPERATURAS SUPERFICIAIS			
MATERIAIS	CONTINUIDADE DA MASSA		ALBEDO	SOM
	PAVIMENTOS		AMBIENTES SONOROS	
	VEGETAÇÃO	PERSONALIDADE ACÚSTICA		
	MOBILIÁRIO URBANO	LUZ		
BASE	DETALHES ARQUITETÔNICOS		MANCHAS DE LUZ	
	NÚMERO DE LADOS		ESTÉTICA DA LUZ	
	ALTURA	LUMINÂNCIA		
		QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS		

Apêndice 3: Modelo da físico – ambiental.

3



FICHA DO USUÁRIO

Praça - Maringá/PR

QUESTIONAMENTO		Ficha n°:
USUÁRIOS		00
<p>POR QUE UTILIZA A PRAÇA?</p> <p>(Resposta)</p>	<p>SENSAÇÕES?</p> <p>(Resposta)</p>	
<p>UTILIZAÇÃO DA PRAÇA PARA PASSAGEM</p> <p>(Tabela)</p>	<p>ESPAÇO MAIS UTILIZADO?</p> <p>(Resposta)</p>	
<p>O QUE É RUIM NA PRAÇA?</p> <p>(Resposta)</p>	<p>O QUE PODE MELHORAR</p> <p>(Resposta)</p>	
<p>O QUE É BOM NA PRAÇA?</p> <p>(Resposta)</p>	<p>O QUE É BOM NA PRAÇA?</p> <p>(Resposta)</p>	
NÃO USUÁRIOS		
<p>O QUE PODERIA SER MELHORADO?</p> <p>(Resposta)</p>	<p>SENSAÇÕES?</p> <p>(Resposta)</p>	
OBSERVAÇÕES		
<p>Os resultados apresentados:</p> <ul style="list-style-type: none">- são os dados mais relevantes através da observação do usuário;- foram também obtidos através de questionários (respostas mais marcadas pelos usuários);- tiveram a presença dos não usuários, com dados obtidos através de entrevistas.		

Apêndice 4: Modelo da ficha do usuário.